



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



**DANIEL SOUZA SANTOS**

**UMA COMPREENSÃO DO LUGAR A PARTIR DA MEMÓRIA:**

**Um estudo do Bairro Jardim Eldorado em Montes Claros – MG**

**MONTES CLAROS-MG**

**JULHO/2017**

**DANIEL SOUZA SANTOS**

**UMA COMPREENSÃO DO LUGAR A PARTIR DA MEMÓRIA:  
Um estudo do Bairro Jardim Eldorado em Montes Claros – MG**

Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de Concentração: Território, Cultura e Meio Ambiente

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Maria das Graças Campolina Cunha

MONTES CLAROS-MG

JULHO/2017

Santos, Daniel Souza.

S237c

Uma compreensão do lugar a partir da memória [manuscrito]: um estudo do bairro Jardim Eldorado em Montes Claros - MG / Daniel Souza Santos. – Montes Claros, 2017.

112 f. : il.

Bibliografia: f. 107-112.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGEO, 2017.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Campolina Cunha.

1. Lugar. 2. Memória. 3. Bairro Jardim Eldorado - Montes Claros (MG). I. Cunha, Maria das Graças Campolina. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: Um estudo do bairro Jardim Eldorado em Montes Claros - MG.

**DANIEL SOUZA SANTOS**

**UMA COMPREENSÃO DO LUGAR A PARTIR DA MEMÓRIA:  
Um estudo do Bairro Jardim Eldorado em Montes Claros – MG**

Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Geografia.

Área De Concentração: Território, Cultura e Meio Ambiente

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria das Graças Campolina Cunha (Orientadora) – UNIMONTES

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ângela Fagna Gomes de Souza - UFAL

---

Prof. Dr. Cássio Alexandre da Silva - UNIMONTES



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter realizado inúmeras obras em minha vida, e por ter me guiado e amparado nos momentos de maior dificuldade no decorrer de minhas trajetórias.

Agradeço a minha mãe e minha heroína Hilda, mulher guerreira, pelo apoio incondicional, por sempre me apresentar em suas orações, e por nunca medir esforços para ajudar na concretização de meus objetivos. Agradeço também a meu pai Valdivino, por ter me ensinado a ser uma pessoa melhor e por sempre me incentivar a lutar pelos meus sonhos.

Agradeço a meus irmãos Tiago e André por todo o apoio que me deram e pela camaradagem.

Agradeço de coração, meus primos Jânsen e Fernando por todo o incentivo e pelo apoio prestado, sou eternamente grato a vocês.

Agradeço a minha namorada e amiga Adenise pelas palavras de conforto nos momentos difíceis, por me auxiliar nos trabalhos de campo e pelos momentos agradáveis que me proporciona.

Agradeço a minha orientadora Maria das Graças pela paciência que sempre teve comigo, por ter me norteado com sua enorme carga de saber e com sua voz mansa, e por ter me ajudado a compreender um pouco mais deste rico universo da Geografia Cultural, muito obrigado!

Sou grato a todos os professores do PPGEIO e do departamento de geociências, em especial a Romana de Fátima e Gildete Soares, que me inspiram a ser um ser humano melhor.

Agradeço a todos os colegas do PPGEIO pelos bons momentos que passamos juntos, e pelos calorosos debates que travamos quer seja em sala de aula, quer seja nos cafezinhos.

Agradeço a meus colegas e amigos de longa data Christian, Alex, Hérick, Rosângela e Emerson por estarem sempre presentes.

Agradeço aos moradores do bairro Jardim Eldorado que gentilmente me acolheram em suas casas, e compartilharam um pouco da sua fascinante história comigo.

## RESUMO

A cidade de Montes Claros - MG vivenciou a partir de 1960, com a criação de uma sub-sede da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste-SUDENE, um aumento significativo de sua população alavancado pelo processo de industrialização fomentado pela referida Superintendência. Os migrantes recém-chegados, em sua maioria advinda de municípios carentes e de áreas rurais adjacentes que sofriam intenso processo de implantação de monoculturas na região, vieram a habitar áreas periféricas da cidade e em consequência aceleradamente surgiram novos bairros para abrigar esta população. Neste contexto surge, pouco tempo após a instalação da Companhia de Materiais Sulfurosos – MATSULFUR, o bairro Jardim Eldorado, na parte Noroeste da cidade. Esta pesquisa buscou compreender os principais elementos que serviram de atrativo para que os primeiros moradores, a maioria oriundos de distritos e cidades vizinhas, deixassem seus locais de origem e migrassem para a cidade de Montes Claros, bem como identificar os principais aspectos que conferem ao Jardim Eldorado sua identidade, nesse contexto teve como objetivo compreender os processos socioespaciais e econômicos que contribuíram para a formação do bairro Jardim Eldorado, na porção Noroeste da cidade de Montes Claros. Os vínculos dos moradores com o bairro, suas vivências, suas trajetórias, suas histórias de vida e suas experiências, foram questões balizadoras deste estudo, haja vista que a noção de lugar envolve o humano em suas relações com iguais e com o ambiente, submergindo toda a carga subjetiva em que as relações se dão e que são evocadas pela memória. Desta forma, com o uso do método etnográfico\etnogeográfico pretendeu-se alcançar uma compreensão densa e abrangente dessas dinâmicas socioespaciais. Como resultado dessa pesquisa, houve uma melhor compreensão deste todo que aqui é denominado de bairro, assim como das distintas partes que constituem seu *schema*, uma vez que este sistema-bairro, por não ser dotado de estaticidade, requer uma maior atenção à seus elementos/atributos para que assim a compreensão de suas dinâmicas principais ocorra de modo holístico.

**Palavras-chave:** Lugar. Memória. Bairro Jardim Eldorado.

## ABSTRACT

The city of Montes Claros, MG has experienced since 1960, a significant increase of its population leveraged with the process of industrialization promoted by creation of a sub-headquarters of the Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE. Migrants most of them from disadvantaged districts and adjacent rural areas that suffered an intense process of monoculture implantation in the region came to inhabit peripheral areas of the city and, as a consequence, new neighborhoods were quickly created to house this population. In this context, shortly after the installation of the Companhia de Materiais Sulfurosos - MATSULFUR, the Jardim Eldorado neighborhood, in the northwestern part of the city was founded. This research aimed to understand the main elements that served as an attraction for the first residents, mostly from districts and neighboring cities, to leave their places of origin and migrate to the city of Montes Claros, as well as to identify the main aspects that confer to Jardim Eldorado their identity. In this context, the objective was to understand the socio-spatial and economic processes that contributed to the formation of the neighborhood Jardim Eldorado, in the Northwest portion of the city of Montes Claros. The inhabitants' ties to the neighborhood, their experiences, their trajectories, their life histories and their experiences, were the focal points of this study, since the notion of place involves the human in its relations with equals and with the environment, submerging all the subjective charge in which relationships occur and which are evoked by memory. Thus, with the use of the ethnographic\ethnogeographic method, it was intended to achieve a dense and comprehensive understanding of these socio-spatial dynamics. As a result of this research, there was a better understanding of this whole that is called the neighborhood, as well as the different parts that constitute its *schema*, since this neighborhood system, because it is not endowed with staticity, requires a greater attention to its elements\attributes so that the understanding of their main dynamics occurs holistically.

**Keywords:** Place. Memory. Jardim Eldorado Neighborhood

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ACI – Associação Comercial Industrial

CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais

CHF – Franco suíço

CNI – Confederação Nacional da Indústria

COMPAC – Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Montes Claros

CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente

COPAM – Conselho de Política Ambiental

CORTNORTE – Curtume Norte de Minas

COTEMINAS – Companhia Tecidos Norte de Minas

FACIT – Faculdade de Ciência e Tecnologia

FEAM – Fundação Estadual de Meio Ambiente

FEMC – Fundação Educacional de Montes Claros

FRIGONORTE – Frigorífico Norte de Minas

FUJINOR SA – Fuji Electric Nordeste Sociedade Anônima

BRASMEL - Indústria Brasileira de Chocolates e Caramelos

GTDN – Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ITASA – Indústrias Alimentícias Itacolomy Sociedade Anônima

MATSULFUR – Companhia de materiais sulfurosos

SUDENE – Superintendência do desenvolvimento do Nordeste

TELEMIG – Telecomunicações de Minas Gerais

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Formação de um lugar a partir da intersecção entre acontecimento e estrutura .....	22
Figura 2: Transformação do espaço em lugar e do lugar em espaço.....	25
Figura 3: Imagem da santa da pedra .....	29
Figura 4: Romaria de cavaleiros em Santa da Pedra .....	30
Figura 5: Reportagem jornalística de época sobre a MATSULFUR.....	50
Figura 6: Portão de acesso à fábrica de cimento .....	52
Figura 7: Rua Valdir Gomes da Costa, e ao fundo a fábrica de cimento .....	52
Figura 8: Vista da fábrica de cimento e do morro dois irmãos a partir do bairro Castelo Branco .....	52
Figura 9: Relação do migrante com a propriedade rural .....	59
Figura 10: Projeto para modificação do número de quadras do bairro Jardim Eldorado	61
Figura 11: Matéria jornalística sobre alguns problemas do Jardim Eldorado .....	68
Figura 12: Matéria jornalística sobre alguns problemas do Jardim Eldorado .....	72
Figura 13: Moradores indo rezar, e ao fundo a MATSULFUR .....	80
Figura 14, 15: Vila Alice .....	83
Figura 16: Fábrica da MATSULFUR em 1970 .....	84
Figura 17, 18: Muro que circunda o território da fábrica de cimento, ao fundo a fábrica e áreas de extração de calcário .....	88
Figura 19: Mapa mental elaborado pelo senhor Roberto .....	96
Figura 20: Mapa mental elaborado por dona Cristina .....	96
Figura 21: Praça de eventos da paróquia São José Operário atualmente.....	101

## LISTA DE CARTAS IMAGEM

Carta imagem 1: Localização da Lafarge-Holcim.....	43
Carta imagem 2: Localização do bairro Jardim Eldorado.....	56

## **LISTA DE MOSAICO DE FOTOS**

Mosaico de fotos 1: Parte do bairro com construções em áreas de risco, ruas sem pavimentação e lixo depositado em lotes vagos .....	71
Mosaico de fotos 2: Algumas ruas do bairro Jardim Eldorado .....	92
Mosaico de fotos 3: Algumas igrejas do bairro .....	98
Mosaico de fotos 4: Algumas igrejas do bairro .....	100

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Aspectos de lugar segundo Edward Relph .....	26
Quadro 2: Principais projetos implantados pela SUDENE Montes Claros 1964-1983 .....	45, 46

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1: Localização do bairro Jardim Eldorado, Montes Claros - MG .....	11
Mapa 2: Localização do bairro Jardim Eldorado, Montes Claros – MG .....	55
Mapa 3: Expansão urbana da cidade de Montes Claros de 1970 a 2000 .....	58
Mapa 4: Lugar de origem dos entrevistados .....	74

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Taxas de crescimento da população urbana de Montes Claros .....	57
Tabela 2: Evolução da população do município de Montes Claros 1960 – 1980 .....	58
Tabela 3: Distribuição dos imigrantes nos bairros Centro e Jardim Eldorado da cidade de Montes Claros - MG – 2010 .....	62
Tabela 4: Limites máximos de emissão de poluentes.....	69

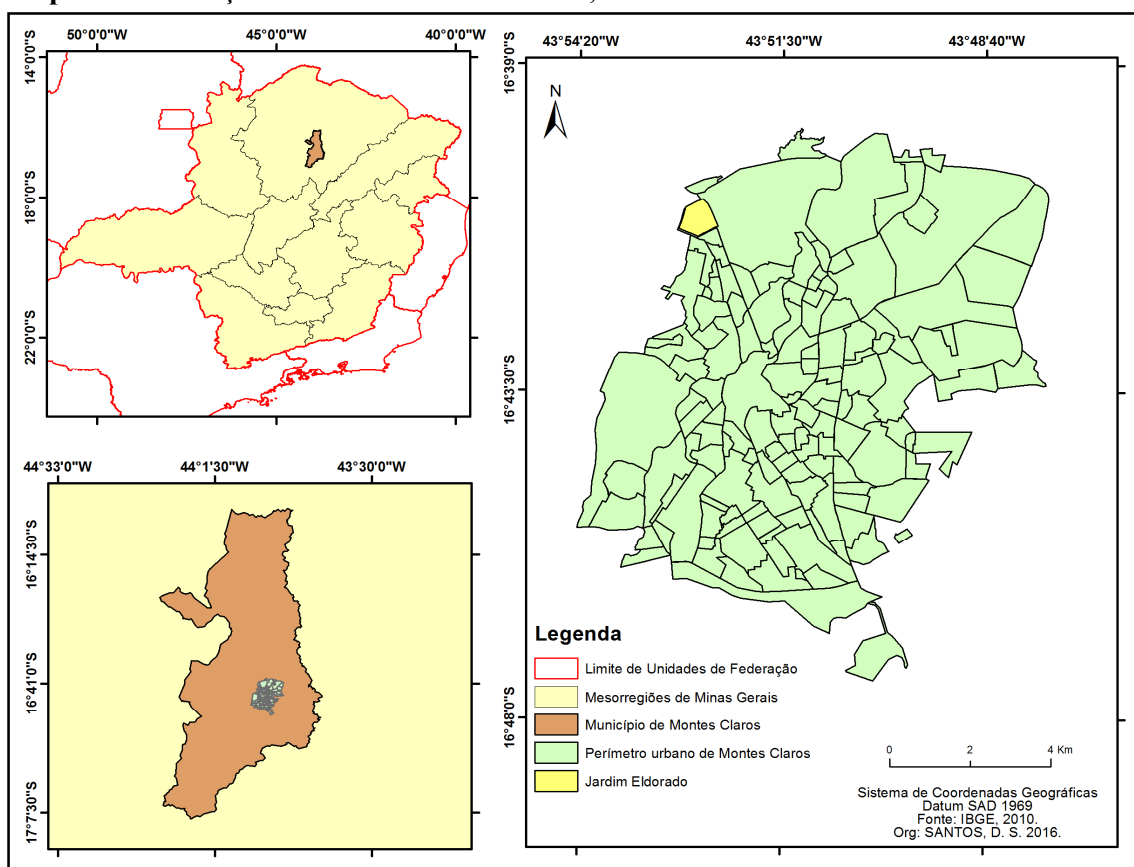
## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 – LUGAR E MEMÓRIA: Uma visita conceitual</b> .....	18
1.1. O lugar e seus significados .....	19
1.2. O lugar como sistema .....	24
1.3. Sujeitos e narrativas .....	31
1.4. Um “ <i>tour</i> ” pela memória .....	34
1.4.1. Memória de velhos .....	38
<b>CAPÍTULO 2 – AS RELAÇÕES ENTRE O BAIRRO JARDIM ELDORADO E A INDÚSTRIA DE CIMENTO</b> .....	42
2.1. Uma retomada histórica da indústria cimenteira montesclareense .....	42
2.2. Um resgate histórico e caracterização do bairro Jardim Eldorado .....	54
2.3. As relações trabalhador-indústria-bairro .....	63
2.3.1 O Jardim Eldorado na contemporaneidade.....	68
<b>CAPÍTULO 3 – O LUGAR SOB A ÓTICA DA MEMÓRIA</b> .....	74
3.1. “Naqueles tempos...” .....	75
3.2. A fábrica de cimento e o lugar .....	83
3.3 “Hoje em dia...” .....	91
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	104
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	107

## INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da presente pesquisa tem como objetivo compreender os processos socioespaciais e econômicos que contribuíram para a formação do bairro<sup>1</sup> Jardim Eldorado, na porção Noroeste da cidade de Montes Claros (mapa 1). Mais precisamente busca tecer uma reflexão acerca dos distintos elementos e fatores que culminaram na formação da identidade dos moradores no processo de construção do lugar.

**Mapa 1:** Localização do bairro Jardim Eldorado, Montes Claros - MG



Org: SANTOS, D. S., 2016.

<sup>1</sup>O termo “bairro” será empregado em função de ser mais utilizado pelo senso comum, o termo correto seria “loteamento”, que de acordo com a Lei de parcelamento do solo urbano e loteamentos fechados no município de Montes Claros, nº 3.720, de 09 de Maio de 2007, artigo 4º, § 5, seria a divisão de gleba em lotes destinados à edificação, com abertura de novas vias públicas ou logradouros públicos, ou com prolongamento, modificação ou ampliação das vias públicas ou logradouros públicos existentes.

**Fonte:** MONTES CLAROS. Lei nº 3720, de 09 de Maio de 2007. Dispõe sobre o parcelamento do solo urbano e loteamentos fechados no município de Montes Claros. Montes Claros, 2007.24 p.



Localizado na região norte de Minas Gerais, o município de Montes Claros apresenta características das demais regiões interioranas do país, que se desenvolveram a partir de uma economia voltada primeiramente para suprir as áreas mais ricas e litorâneas de artigos e produtos que as mesmas demandavam nos ciclos agroexportadores e no ciclo da mineração do Brasil colonial e imperial.

Fortemente voltada para a criação de gado e produção de alimentos, esta região se organizou a partir da instalação do grande fazendeiro e dos pequenos produtores, sendo que a sociedade se reproduzia por meio de uma hierarquia bem definida em que o “coronel”<sup>2</sup> se configurava como figura central. Este arranjo se reproduziu até a década de 1950, quando alterações econômicas externas acabaram por reconfigurar as relações internas da economia regional (CUNHA, 2013).

Em Montes Claros, as transformações socioespaciais ocorreram de forma acelerada a partir da década de 1960, quando as políticas públicas de incentivos governamentais implantadas por meio da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) atraíram uma diversidade de indústrias para o município, como a Companhia de Tecidos Norte de Minas - COTEMINAS do setor têxtil, A Lafarge-Holcim do setor cimenteiro, a NESTLÉ de produtos derivados do leite, a fábrica de insulina Novo Nordisk dentre outras, e ocasionou uma série de mudanças, em termos de crescimento, no cenário regional.

A expansão urbana decorrente da industrialização, concomitante à migração rural acarretada pela modernização do campo<sup>3</sup>, ocorreu de forma desordenada. O número de bairros aumentou expressivamente, sendo que muitos deles surgiram de forma irregular com planejamento e organização deficitários. Consequentemente a esse processo descontrolado de urbanização acelerada apontada pelo aumento das taxas demográficas urbanas, ocorreu uma incompatibilidade entre a demanda e a oferta de serviços urbanos de infraestruturas básicas (educacionais, de saúde, habitacionais dentre outras).

O lugar abordado neste trabalho foi, a partir de 1970, um lócus de concentração de famílias migrantes. “O contingente populacional que se instalou em Montes Claros era constituído, sobretudo, por imigrantes pobres, atraídos pela possibilidade de emprego nas

---

<sup>2</sup> “Coronel” era o termo utilizado para designar os grandes fazendeiros que detinham poder perante as camadas mais pobres da sociedade (camponeses, jagunços, vaqueiros). Em muitos casos, representavam a lei em suas próprias terras, visto que a distância dos centros de poder do Estado não os alcançava.(N.d.A).

<sup>3</sup>A industrialização urbana, processo simultâneo a implantação de monoculturas e mecanização do campo que acarretaram o êxodo rural e os movimentos migratórios intra-regionais contribuíram pra acelerar o processo de urbanização de Montes Claros (GOMES, 2007, p.20).

fábricas e pela busca de uma melhor qualidade de vida.” (GOMES, 2007, p.20). “Portanto à medida que os imigrantes chegaram à cidade, desencadeou o processo de periferização, o que os tornou social e espacialmente marginalizados.” (LEITE, 2006, p. 74). Deste modo a cidade teve seu processo de crescimento intensificado, de maneira não organizada e sem um planejamento efetivo. O surgimento de Jardim Eldorado está ligado às dinâmicas de reestruturação econômica e da redistribuição populacional via êxodo rural decorrente dos processos citados.

Ao ir a campo para diálogos com moradores do Jardim Eldorado, a fim de conhecer a realidade local, fica evidente na fala de alguns destes moradores a sua ligação com a zona rural, muitos deles possuem propriedade ou algum vínculo com comunidades rurais próximas, de maneira que diversos costumes do meio rural perpetuam e contribuem para reforçar a identidade daquele lugar.

Um dos pontos marcantes nesta pesquisa resulta na vivência em campo que permite o contato direto com a população, dialogar com os sujeitos e entender como eles enxergam o processo de apropriação do lugar, bem como o seu crescimento, as problemáticas que são recorrentes e as melhorias que ali ocorreram, as relações intralugar que dinâmica e constantemente ocorrem. A possibilidade de ouvir as histórias dessas pessoas permite que se faça uma discussão que trafegue entre o saber popular, senso comum e o saber acadêmico, algo que é de suma importância e que está em conformidade epistêmica com as abordagens da Geografia Cultural Humanística.

No decorrer da pesquisa surgiram alguns questionamentos que irão contribuir para nortear e conduzir o desenvolvimento da mesma, tais como: O que é e como se constituiu este lugar? Qual o significado deste lugar para seus moradores? Quais fatores levaram os migrantes a estabelecerem-se naquele espaço ao chegarem na cidade? Quais foram as trajetórias socioespaciais dos ouvidos?

A busca pelas respostas dessas e de outras questões irá fomentar as discussões e reflexões que compõem e dão respostas a esta pesquisa como um todo. Para tanto será considerada, sobretudo, a percepção dos sujeitos que vivenciaram e vivenciam os processos socioeconômicos que bosquejam as configurações atuais e envolvem as lutas por que passaram e passam as populações montesclarenses, na busca por se adequarem ao modelo vigente da modernidade que refletem a vida dos seus lugares.

Ao abordar a percepção de diferentes sujeitos neste trabalho, pretende-se ter contato com o que Ecléa Bosi (2004) chama de “bases materiais da memória”, que neste caso é o próprio sujeito *in locu*, deste modo, ouvir e interpretar as experiências, histórias e feitos destes sujeitos é, ao mesmo tempo, perpetuar e permitir que outras pessoas possam ter conhecimento da grande carga abstrata que envolve o indivíduo na construção de suas teias de sentido.

A Geografia Cultural Humanista considera o estudo das realidades percebidas por diferentes sujeitos a fim de entender a maneira como eles se inserem e convivem *in locu* com elas. No caso específico desta pesquisa, diferentes sujeitos que residem no Jardim Eldoradoirão, através da oralidade e resgates memoriais, contribuir na interpretação do processo de formação deste lugar, discorrendo sobre as características mais marcantes na formação identitária do mesmo e sobre os elementos que conferem a ele sentimentos topofílicos. Pretende-se compreender ainda qual papel e influência da indústria de cimento neste contexto, além das principais consequências diretamente relacionadas com as atividades desta, para com a vida dos moradores. Busca-se refletir ainda acerca do significado deste lugar para seus moradores, e o que representa para eles terem ali se estabelecido e enraizado.

As retomadas memoriais nortearão a construção deste trabalho. Através das visitas ao passado é que poderá se entender de modo claro e coerente um pouco mais sobre a presente configuração do lugar. Em um viés filosófico, Japiassú (2006, p.132) afirma que a “memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente”. O ato de lembrar (que inclui odores, sabores, sons) possibilita recordar momentos, reavivar experiências, lembrar acontecimentos e resgatar o passado. É através da realização deste exercício é que se torna possível o pesquisador tomar conhecimento de vivências percebidas que pertencem à esfera do passado, estas que são expostas pelo narrador de uma forma íntima e poética. O narrador assume papel de testemunha ocular ao trazer à tona os fragmentos, Bosi (2004, p.39) afirma que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”, de fatos que já aconteceram para tecer um relato mais fiel possível do ocorrido.

A elaboração deste trabalho requer a realização de levantamentos bibliográficos e visitas a campo. Na pesquisa de caráter bibliográfico em andamento, são realizadas leituras e consultas em diversas fontes (livros, teses, dissertações, jornais, artigos científicos dentre outros) de distintos autores, a exemplo de Bosi (2004), Brandão (1998), Oliveira (2012), Gama (2006), Tuan (1983), Relph (2012) e Lowenthal (1998), que discutem e refletem acerca

das temáticas abordadas por este trabalho, a fim de ter um embasamento teórico conceitual concreto e bem fundamentado.

Nas visitas a campo são realizadas observação e entrevistas abertas com moradores do bairro Jardim Eldorado, adjacente à indústria de cimento já citada. Este exercício teve de interpretação a partir da oralidade dos moradores teve a pretensão de desvendar as teias de significado que se abrigam neste espaço e que o constitui como uma “individualidade” a partir dos processos históricos vivenciados na construção do lugar.

Busca-se a compreensão das conexões existentes entre políticas de “desenvolvimento” econômico via implantação de indústrias, mobilidade em decorrência dos novos arranjos espaciais (quase sempre excludentes) e a construção do lugar a partir das condições que se apresentam e que acarretam a constituição de laços e de pertença. Neste sentido, é importante compreender o papel e a importância da Lafarge-Holcim tanto na história do próprio bairro quanto na vida dos moradores do mesmo, uma vez que sua proximidade induz primeiramente à constatação de que Jardim Eldorado surgiu em decorrência da oferta de trabalho assalariado nas indústrias.

Porém, simplificar o óbvio é apenas compreender a aparência, e esta não é a nossa intenção. Para que esta população fosse povoar novos espaços - visto que considerável parcela dos moradores do Eldorado são migrantes de áreas rurais da região – indubitavelmente uma série de processos ocorreram, e que foram capazes de impulsioná-los a moverem-se em busca de um reequilíbrio.

E é através dos relatos de vida que esta pesquisa se condensa ao unir-se ao conhecimento científico, que é a base teórica desta pesquisa, na busca da íntima compreensão sobre o lugar. Esta etapa do trabalho promoveu uma sensibilidade aquilatada e o estabelecimento de uma relação de confiança entre o pesquisador e o sujeito que está rememorando e contando sua história.

Esta pesquisa estrutura-se em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado “Lugar e Memória”, será desenvolvido o referencial que dará fundamentação teórica ao trabalho. É nele que será discutida a categoria fundante deste trabalho: o *lugar*, refletindo sobre a relevância desta categoria para o trabalho, e como ela estará em consonância e irá dar subsídio ao que foi proposto nos objetivos da pesquisa. Foram abordados ainda conceitos e discussões que envolvem a temática da memória: quais as principais definições de memória, qual a relevância dela no âmbito das discussões do trabalho, a importância da memória dos velhos

no mantimento das tradições e cultura de uma sociedade. A intersubjetividade que envolve a relação estabelecida entre o pesquisador e o pesquisado, visto que a partir do primeiro contato entre os mesmos passa a existir uma troca de saberes, diálogos e vivências. A percepção também é de grande importância neste contexto, ela municia suporte à pesquisa como um todo, tendo em vista que ela pode ser representada e compreendida no processo de ouvir e recontar a história do outro, na oralidade e imaginário do outro, nos saberes e experiências do outro. Neste sentido, estes temas se afirmam e se tornam patentes na medida em que o trabalho vai se concretizando e ganhando forma.

O segundo capítulo, para melhor contextualização, foi dividido em duas partes. A proposta da primeira foi realizar um resgate histórico que ilustra a trajetória da indústria de cimento MATSULFUR\Lafarge-Holcim na cidade de Montes Claros - MG, (este resgate será feito através de pesquisa documental, e de notícias da época que abordaram esse assunto), procurando entender e deixar claros os motivos pelos quais esta indústria se instalou na cidade.

No segundo subtópico deste capítulo foi discutida a história de um lugar específico: o bairro Jardim Eldorado, este que surgiu concomitante a implantação uma indústria de cimento MATSULFUR (1966-1996) e posteriormente Lafarge (1996-2014) Lafarge-Holcim (2014-atualmente). As discussões desta parte do trabalho farão um resgate histórico a partir de meados do ano de 1960, época da inserção do escritório regional da SUDENE em Montes Claros, evento esse que foi um marco no crescimento da cidade, por provocar um rearranjo nas dinâmicas regionais, principalmente no que se refere ao contexto socioeconômico, incluindo a instalação de algumas indústrias, a exemplo a de cimento em Montes Claros.

Por fim, o terceiro capítulo será a parte que trabalha a memória dos moradores de Jardim Eldorado, as suas percepções sobre os processos vivenciados na construção material e simbólica do lugar, seus relatos de vida que amalgamam presente e passado numa narrativa identitária. Para a construção da narrativa serão considerados, por meio de conversas informais e entrevistas abertas, os pontos de vista dos moradores que ali moram há mais tempo, suas origens, suas vivências, a significância e os significados daquele lugar para eles, as relações de pertença e seus vínculos com o lugar, os principais elementos que para eles são essenciais na composição da identidade do lugar. Na realização das entrevistas com os moradores, será privilegiada a linguagem informal do cotidiano dos sujeitos para que o pesquisador possa se aproximar o máximo possível dos sujeitos e da realidade estudada.

Esta parte da pesquisa pretendeu ainda realizar uma reflexão, com base no que foi discutido e compreendido no capítulo anterior sobre a proximidade do bairro Jardim Eldorado com a indústria de cimento e, embasado em bibliografias nacionais e internacionais, apontar os principais impactos que indústrias deste segmento podem gerar para sua vizinhança. Posteriormente será feito cruzamentos e analogias entre as falas dos moradores do bairro em questão, que serão ouvidos nas entrevistas, com as discussões de autores que abordam esta temática, a fim de apontar similaridades ou antagonismos entre o senso comum e o que é difundido nas bibliografias utilizadas.

## Capítulo I

### 1. LUGAR E MEMÓRIA: UMA VISITA CONCEITUAL

Este capítulo versa sobre algumas das principais conceituações e definições de lugar, refletindo acerca da relevância desta categoria para o trabalho, e como ela estará em consonância e irá dar subsídio ao que foi proposto nos objetivos da pesquisa. Será abordado ainda temáticas referentes ao universo percebido e memória, ressaltando a importância de cada um dos mesmos no desenvolvimento deste trabalho. Constantemente buscaremos na fonte da memória e da oralidade a fim de alcançar a compreensão sobre e daqueles sujeitos que estão imersos no universo deste trabalho.

Mas, o que é lugar? Uma das dificuldades de se discutir o lugar nos dias atuais, está relacionada com as muitas conceituações existentes, tendo em vista que este não é um conceito exclusivo da ciência geográfica. Cada pesquisador irá definir o melhor modo para elaborar um conceito que atenda suas necessidades, ou seja, lugar é um conceito fortemente plural e impregnado de subjetividade. Muitos são os lugares e muitos são os métodos e metodologias empregadas para defini-los, entretanto todas possuem um elemento comum: as vivências.

O diálogo e a convivência com os sujeitos são indispensáveis para um entendimento de como foi construído e como funciona o universo do lugar, essa abordagem vai ao encontro ao método etnográfico de pesquisa desenvolvido pela Antropologia, em que o pesquisador faz uma imersão no universo pesquisado e passa a ser, por determinado período de tempo, parte daquele mundo. Entretanto, dado ao caráter deste trabalho, é necessário a adição de uma acuidade perceptiva geográfica (ou seja, espacial) neste contexto, de modo a ficar mais próximo de uma etnogeografia<sup>4</sup>.

Percepção<sup>5</sup>, termo que de acordo com a definição do dicionário Aurélio, é o ato, efeito ou faculdade de perceber, e perceber<sup>6</sup> por sua vez remete a adquirir conhecimento pelos sentidos. Estas definições estão em consonância com Yi Fu Tuan (1980, p.12) quando o

---

<sup>4</sup> A etnogeografia busca penetrar na intimidade dos grupos culturais, o vivido pelos homens, concretizado em crenças, valores e visão de mundo (Serpa, 2008, p.332).

<sup>5</sup> PERCEPÇÃO. In : FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Dicionário Aurélio de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 790 p.

<sup>6</sup> PERCEBER. Idem.

mesmo afirma que “um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa.”

A memória assume posição de fundamental importância no âmbito de preservação e manutenção da historicidade e cultura das sociedades. É a partir dela que se torna possível revisitar o passado para entender suas influências sobre o presente. Essas retomadas e evocações do passado permite-nos lidar com diversos elementos informais tais como a memória, a oralidade, o sentimento, as raízes, elementos estes que constituem os universos subjetivos, estes que por sua vez compõem os multiversos coletivos.

Destarte, compreender o lugar sob a ótica da memória requer considerar o fator temporal, haja vista que “a concepção atual de lugar é de tempo em espaço; ou seja, lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o *lugar*, o movimento, a matéria (Oliveira, 2012, p.5)”.

## **1.1 O LUGAR E SEUS SIGNIFICADOS**

Discutir o lugar passou a se tornar algo mais popularizado no seio da ciência geográfica a partir de dois marcos fundamentais: o ganho de visibilidade das geografias humanística e cultural a partir de 1970 e o adensamento e expansão do processo de globalização. Relph (2012) diz que “a defesa do lugar na geografia (*Sic*) nos anos de 1970 e 1980 foi inicialmente uma alternativa para o achatamento da disciplina”, pois existia uma necessidade crescente de abordagens geográficas mais aprofundadas e metapositivistas fundamentadas em ideias de cunho fenomenológico e filosófico, ou seja, existia a demanda por uma epistemologia geográfica para discorrer sobre temáticas e fenômenos abstratos como os que dizem respeito a lugar. Ainda de acordo com esse autor havia outro motivo para a retomada do lugar na Geografia seria o fato de que:

A paisagem construída do mundo, especialmente na Europa e América do Norte, estava sendo mudada rapidamente, ficando claro que a rica diversidade de lugares que os geógrafos haviam descrito por décadas e séculos estava sendo erodida. Muito dessa erosão ocorria por causa do uso de projetos de arquitetura moderna sem nenhuma ligação com a história local, o ambiente ou as tradições. [...] Como resultado, os anos de 1950 criaram paisagens sem-lugar, nas quais as diferenças foram relacionadas às marcas, não às localidades (RELPH, 2012, p.20).



Diante disso fica clara a preocupação com a ressignificação dos lugares acarretadas pelas transformações espaciais que não levavam em conta a cultura, a tradição e as histórias que eles remetiam para certa sociedade. Neste contexto ganha espaço a Geografia Humanista dado seu perfil transdisciplinar que abarca elementos subjetivos ao estudar e compreender os densos fenômenos vividos e as relações socioespaciais que afloravam no mundo.

As discussões que envolvem o lugar como temática nuclear são dotadas de notável grau de complexidade, em função dos múltiplos componentes, escalas e processos que o compõe. Muitas são as externalidades que de maneira ou outra se aglutinam para formar esse mosaico uno e múltiplo que é entendido como lugar. Entretanto, de acordo com Livia de Oliveira (2012), o mesmo pode ser compreendido a partir da seguinte tríade: (lugar) simbólico, (lugar) experiencial (Yi Fu Tuan, 1983) e (lugar) físico, essa compreensão tridimensional se dá de maneira holística, visto que os componentes deste tripé estão em constante processo de complementaridade. Diante disso o lugar está vinculado ao meio físico e concomitantemente ao metafísico, por ser fruto de uma construção que muito se apoia na subjetividade. A rua de um bairro, por exemplo, pode ser algo meramente físico para um transeunte que apenas por ali passa, ou pode ser ainda o ambiente de trabalho para um vendedor de frutas que experiencia diariamente seus odores, cores, sons e texturas, e na dimensão simbólica, ela pode fazer aflorar as lembranças de infância e despertar os sentimentos topofílicos ou topofóbicos de alguém que ali mora ou morou. Destarte têm-se três distintas dimensões que dizem respeito a um único meio sociofísico. Oliveira (2012, p.15) ressalva que:

Cruzando o meio físico e o meio social, o lugar assume a forma de um campo funcional “radiante”, em que as linhas de força são as formas físicas do lugar e, às vezes, os possíveis itinerários funcionais que permitem esse lugar. As linhas expressam a ordem e a hierarquia sociofísica que o lugar possui, ou seja, seu poder simbólico real, ao mesmo tempo emocional.

A intersecção entre o meio físico e o natural animiza os lugares, é a partir desse entrecruzamento que as características do lócus se reafirmam e ganham sentido.

O lugar pode representar a essência da experiência geográfica (ser-no-mundo), é a partir do momento em que o sujeito atenta (direta ou indiretamente) para o fato de que o viver e o ser se dão sob uma base particular e subjetiva, ele está descobrindo a essência daquilo que pode ser chamado de lugar.

A existência do lugar sugere a uma relação ontológica<sup>7</sup> ser-lugar, visto que lugar só se afirma como tal a partir do momento que as dinâmicas do binômio ser-lugar representam e\ou possui significância para determinado sujeito ou grupo.

De maneira automática, quando se pensa em lugar, se pensa em vida, ou na base sociofísica onde a vida e as vivências adquirem valor e significado para o sujeito ou para um grupo. Nas palavras de Carlos (2007, p.17):

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *triade habitante – identidade - lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

A compreensão do lugar requer um entendimento acerca das relações que nele dinamicamente ocorre e que o constituem, as vivências do dia a dia imprimem suas marcas no âmago de cada sujeito, de modo que o lugar dele é distinto do lugar do outro, e no final tem-se um mosaico de lugares que entremesclam-se e complexificam-se constantemente.

Yi-Fu Tuan (2012) vem sugerir a existência de diversas definições para o que denominamos de lugar, sendo que o elemento comum em ambas é a necessidade de se criar ou evidenciar ponto(s) de interesse, que irão reter nossa atenção, e de certa maneira servirão como pontos centrais norteadores para as observações do entorno, assim como para a compreensão deste. A evidência ou a gênese destes marcos se dão a partir da necessidade do ser humano em se apegar a algo que de tal maneira represente ou materialize sua identidade em dado momento da história, sendo assim o fator temporalidade e a origem dos lócus caminham paralelamente.

Vivenciar um lugar não é apenas estar nele. Faz-se necessária uma integração entre o binômio homem-meio mediada pela experiência e pelo conjunto de sentidos. Haja vista que há a necessidade de associarmos pelo menos um destes sentidos ao ato de rememorar experiências passadas. A nível de ilustração, um aroma campestre pode trazer a tona diversas memórias nostálgicas diretamente relacionadas com a experiência de um sujeito em algum lugar do campo, ou ainda, ao experimentar um alimento, o sabor do mesmo poderá fazer

---

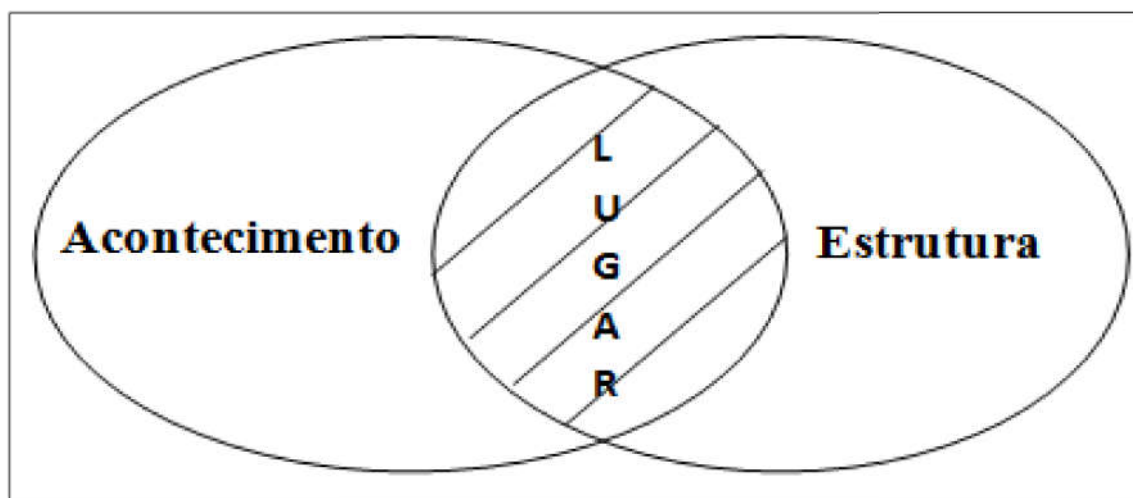
<sup>7</sup> O termo ontologia foi introduzido pelo filósofo alemão Rudolph Goclenius, professor na Universidade de Marburg, em seu *Lexicon Philosophicum* (1613), designando o estudo da questão mais geral da metafísica, a do "ser enquanto ser"; isto é, do ser considerado independentemente de suas determinações particulares e naquilo que constitui sua inteligibilidade própria. Teoria do ser em geral, da essência do real (JAPIASSÚ, 2006, p.147).

aflorar as mais profundas lembranças de algum lugar importante do passado que faz parte do imaginário deste sujeito. Assim, vivenciar o lugar é de modo simultâneo, senti-lo, é tocá-lo é ouvi-lo, uma vez que ele é algo que transcende os limites físicos, as fronteiras e as fórmulas exatas. Tuan (1983, p.14).

O paladar, o olfato, a sensibilidade da pele e a audição não podem individualmente (nem sequer talvez juntos) nos tornar cientes de um mundo exterior habitado por objetos. No entanto, em combinação com as faculdades “espacializantes” da visão e do tato, estes sentidos essencialmente não distanciadores enriquecem muito nossa apreensão do caráter espacial e geométrico do mundo

Elementos de caráter geométrico tais como massa, volume, formato, textura e profundidade, compõem e dão forma a esse meio, e é através desta multisensorialidade é que eles podem ser percebidos, experienciados e anexados às vivências. O lugar também pode ser sintetizado como uma intersecção entre os acontecimentos e a estrutura (Figura 1).

**Figura 1:** Formação de um lugar a partir da intersecção entre acontecimento e estrutura



**Fonte:** OLIVEIRA, 2012, p.9.

**Org:** SANTOS, D. S. 2016

Os acontecimentos seriam entendidos aqui como processos dinâmicos e imateriais que constituem o lugar, tais como as vivências, experiências, simbolismos e ritos. Por outro lado, a estrutura seria o meio físico que embasa e possibilita a ocorrência destes fenômenos, através de construções tangíveis e materiais que compõem a fisionomia do lugar, representando assim o enlace entre físico e metafísico.

Compreender o lugar enquanto construção social requer que se tenha uma noção dos fatores, sociais e naturais principalmente, que se relacionam e dão origem ao sistema lugar. Carlos (2007, p.22) ratifica que:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida

As relações socioespaciais que incessantemente acontecem, confere aos lugares um caráter de peculiaridade e uma identidade única, uma vez que os traços e as mútuas relações de cada indivíduo-mundo ou grupo-mundo se mesclam com a natureza do lugar, de modo que este último adquire feições deveras únicas e ímpares. É necessário lembrar que os elementos que constituem ou “dão vida” a um lugar (vivências, afetividade, pertença etc.) estão diretamente vinculados ao pensamento e ao imaginário do sujeito, logo, o lugar do outro não é passível de ser definido precisa e fielmente por alguém que não seja o próprio indivíduo, Sasaki (2010, p.115) reforça que “o lugar assume, então, uma personalidade, uma essência vital que se faz presente na história de cada sujeito favorecendo a relação com ele através das suas transformações no decorrer dos tempos”, ou seja, o ato de recordar experiências, rituais, costumes e experiências (mesmo que façam parte de uma memória coletiva) é inerente a cada sujeito

Existe uma conexão direta entre o espaço e o lugar, haja vista que é de acordo com as relações e processos de diversas ordens, principalmente sociais, que um poderá se transformar no outro. Tuan (1983, p.6) corrobora tal fato ao afirmar que:

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “Lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] As idéias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa.

São as relações, trabalhos, símbolos, construtos humanos é que “convertem” espaços homogêneos em lugares heterogêneos, peculiares e com traços identitários únicos. Mas, da mesma forma que a aglutinação desses elementos culmina no que denominamos de lugar, a ausência ou exclusão dos mesmos retornará obviamente à natureza anterior, o espaço, desta

forma, a relação harmoniosa ou desequilibrada entre atributos é que produzirão ora espaço ora lugar.

O lugar também pode ser analisado sob a ótica de um sistema, uma vez que ele, por ser constituído de diferentes elementos/atributos, é passível de ser compreendido em um viés que envolve as mais diferentes dinâmicas e trocas que caracteriza este elemento. Deste modo a próxima parte do trabalho traça algumas discussões do lugar enquanto um sistema complexo e amplo.

## 1.2 O LUGAR COMO UM SISTEMA

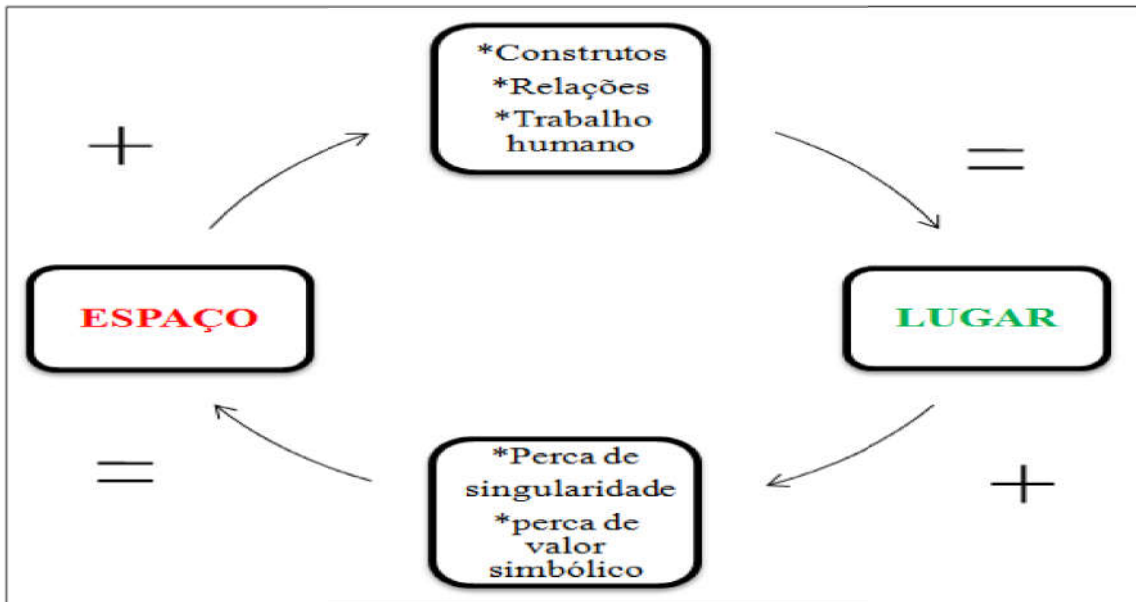
Em se tratando de um sistema, o desequilíbrio de atributos irá culminar no surgimento ou do espaço ou do lugar (Fig 2), tomemos o seguinte exemplo para efeito de ilustração: O processo de agregação e adição de construtos humanos em um espaço aleatório e/ou comum por assim dizer, faz com que este metamorfoseie-se em um lugar, com características diferenciadas que fazem aflorar em um sujeito ou em um grupo, os mais distintos sentimentos, inclusive aqueles de ordem topofílica (assim como topofóbicos). Em contrapartida, na medida em que o lugar vai perdendo seu caráter singularizante e seu significado original (aquele que desperta o sentimento de pertença nos sujeitos), em função de diferentes variáveis como a padronização cultural e de costumes, ele retorna à sua natureza anterior, ou seja, o espaço. Gama (2006, p.70) considera que:

Da mesma forma que um espaço indiferenciado se transforma em *lugar*, a partir do trabalho humano e de suas relações, este *lugar* pode novamente significar *espaço*, através das ações e das transformações que são desencadeadas pelas relações capitalistas de organização de trabalho, pelas reproduções de costumes consumistas, pelas perdas das memórias e dos significados destes “ex-lugares.”

O acréscimo ou a subtração de atributos neste contexto faz com que surjam ou espaços ou lugares, sendo que o fator social e suas implicações tem tudo a ver no que se refere à formação de lugaridades (*placeful*), e fatores como as consequências inevitáveis do sistema capitalista por sua vez dizem respeito a formação de espaços indiferenciado e muito próximo de algo homogeneizado. Diante do exposto fica evidente assim o quão tênue é a linha de

divisão entre estes dois fundamentais conceitos, e demonstrando ainda a relação de interdependência que existe entre os mesmos.

**Figura 2:** Transformação do espaço em lugar e do lugar em espaço



**Fonte:** TUAN, 1983.  
**Org:** SANTOS, D. S. 2016.

Diversos são os atributos e características que se aglomeram para formar ou que de alguma maneira tem relação com este agregado o qual denominamos de lugar. A questão da definição destes atributos não é algo religiosamente definida, pois cada pesquisador tem a autonomia de elaborá-los de acordo com seus propósitos. O quadro a seguir (Quadro 1) expõe, na concepção do geógrafo Edward Relph, alguns dos principais aspectos diretamente relacionados e características a se considerar quando na busca de uma compreensão holística acerca do que vem a ser lugar.

**Quadro 1:** Aspectos de lugar segundo Edward Relph

<b>Lugar como reunião</b>	Um lugar “reúne” ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata, e o nome se refere a lugar de uma reunião específica e única
<b>Fisionomia</b>	Sugere a forma de um lugar e os elementos de sua aparência. É o aspecto mais evidente de um lugar para quem o vê de fora.
<b>Espírito de lugar</b>	É uma ideia que deriva da crença segundo a qual, certos lugares foram ocupados por deuses ou espíritos cuja presença pode ser reconhecida por meio de cerimônias religiosas e construções
<b>Sentido de lugar</b>	Capacidade de apreciar lugares e apreender suas qualidades (tanto quanto podemos dizer que alguém tem um forte senso de história ou moda).
<b>Raízes e enraizamento</b>	A partir da perspectiva da experiência cotidiana, lugar é muitas vezes entendido como o onde se tem nossas raízes, o que sugere uma profunda associação e pertencimento, mas também imobilidade.
<b>Interioridade</b>	Refere-se à familiaridade, conhecendo lugar de dentro para fora, diferente de como faz um turista ou um observador.
<b>Lar</b>	É onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, o onde se pertence.
<b>Lugar sem lugaridade</b>	Sempre que a capacidade do lugar de promover a reunião é fraca ou inexistente temos não-lugares ou lugares-sem-lugaridade (Ambientes padronizados).
<b>Exclusão/ Inclusão</b>	A crítica oriunda da economia política, tem mostrado que a manifestação de forte apego a lugar é uma atitude exclusivista - este é o meu lugar e você é diferente, então fique fora daqui.
<b>Sentido contaminado de lugar</b>	É baseado no enraizamento e na convicção de que este é meu lar, manifestando-se como uma visão preconceituosa. Na sua forma mais extrema é revelado pela limpeza étnica e pelo deslocamento compulsório daqueles que considerados estranhos, por serem diferentes de alguma forma.
<b>Construção de lugar</b>	Acredito que diferentes lugares só podem ser feitos por quem vive e trabalha neles, pois são tais pessoas que conseguem entender de forma conjunta as construções, atividades e significados.
<b>Fabricação de lugar</b>	A identidade de lugar tem sido manipulada e até mesmo inventada por empresas de desenvolvimento que visam o lucro e por políticos da cidade, para atrair investimentos e turismo. Histórias e geografias podem ser manipuladas e melhoradas.

Fonte: RELPH, 2012.

Org: SANTOS, D. S. 2016.

Relph dá, ao sugerir estes aspectos, uma boa noção do quão amplo é o conceito de lugar e da vasta quantidade de elementos e agentes que com ele se relacionam. Ainda sobre as

colocações deste autor, é interessante observar que o lugar não é somente um palco de acontecimentos agradáveis, justos e dignos de boas lembranças e memórias, o lugar, diferente daquelas visões utópicas e romantizadas, pode ser também um cenário excludente, carregado de preconceitos e, distanciado de sua essência primária, que é a capacidade de possuir significados e significâncias para sujeito (os), eles podem ser “forjados” e\ou “fabricados” de acordo com algum padrão ou interesse. Todavia, estas são apenas algumas das noções e\ou temas fundamentais e norteadores, de modo que não encerram, mas sim servem como um pontapé primordial para instigar reflexões desta que é uma das mais complexas e importantes discussões no âmbito da ciência geográfica.

Dando continuidade as discussões acerca do lugar, faz-se necessário refletir e buscar responder contundentemente diversos questionamentos relacionados ao mesmo, a exemplo do que temos a seguir: O que leva um indivíduo ou um grupo a arraigar em determinado local e ali instituir seu lugar? É um processo que olhado de modo soslaio pode parecer aleatório e sem um padrão transparente, todavia, existem alguns pontos que devem ser acrescidos nestas análises que permitirão entender melhor a lógica do processo de gênese dos lugares. Ao retrocedermos na história da humanidade até chegar ao período pré histórico entendido como paleolítico (de 500.000 a 10.000 a.C.)<sup>8</sup>, é passível de se observar que os homens não escolhiam os lugares para estabelecerem-se ao acaso, eles em primeiro momento observavam a disponibilidade de recursos que poderiam ser utilizados (frutas, raízes, caça, água etc.) para depois decidirem se poderiam ou não ali fixarem-se até o esgotamento destes recursos, destarte, o lugar para eles era algo não estático e sim dinâmico ou, como Oliveira (2012) denomina, “intinerante”. O lugar para o homem do paleolítico era algo diretamente ligado à mobilidade e ao fator tempo, pois, devido seu perfil nômade, este lugar, apesar de possuir significância, torna-se descentrado, e se torna um dos muitos lugares nos quais estes indivíduos possuem algum vínculo. Lembrando o que Felix Guatarri e Gilles Delleuze denominam de rizoma, para estes filósofos “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem.” (DELLEUZE e GUATARRI, 1995). Assim, o homem paleolítico migrava de um local que não mais atendia suas necessidades para um novo, mas sem deixar de possuir algum elo com o antigo.

---

<sup>8</sup> BURNS, Edward Mcnall. *História da civilização ocidental*. 2. Ed. São Paulo, Porto Alegre: Editora Globo, 1972. 717 p.



Mais adiante na história, no cenário de formação das primeiras sociedades organizadas, quando o homem já se firmou como sedentário, a questão da proximidade com os recursos foram essenciais no que tange à formação de lugares, um exemplo clássico disto é o das civilizações mesopotâmicas, que surgiram estrategicamente entre os rios Tigre e Eufrates, assim como as egípcias no entorno do rio Nilo, e chinesas nos vales dos rios Yang-Tsé e Huang Ho. A oferta de recursos, neste caso os hídricos principalmente, serviu como elemento determinante para que os estes povos criassem vínculos e arraigamento tomando estes como seu lugar. Desta vez os indivíduos cravavam sua *radix* em um lugar uno e estático, de maneira bem estabelecida e de natureza, recorrendo novamente a Oliveira (2012), “radiante”.

Outro ponto que cabe ser considerado no contexto da origem dos lugares é a questão do simbolismo dos mesmos, uma vez que o significado simbólico (o que inclui o religioso) permite a criação ou destruição dos lugares. Exemplo, a Cidade-Estado do Vaticano (aqui damos um avanço na linha cronológica da história da humanidade até o séc. XX) é um lugar que tem suas origens calcadas, além de estratégias políticas, no simbolismo religioso, que surgiu em função da necessidade da igreja católica apostólica romana em continuar exercendo influência religiosa no mundo todo, de modo que seus representantes ao assinarem do Tratado de Latrão em 1929 entre Igreja e o reino da Itália, mesmo perdendo grande parte do seu território concordaram com a criação de um lugar simbólico que apesar de pequeno em extensão possui indubitável influência que extrapola e transcende suas fronteiras físicas, como corrobora Carletti (2010, p.13) que pontua que “o Estado da Cidade do Vaticano representa apenas o pano de fundo da atividade internacional da Santa Sé.

Outro exemplo, agora em escala regional, da influência que o simbólico exerce sobre o processo de formação dos lugares, é Santa da Pedra, um pequeno distrito do município de São João do Pacuí - MG que possui forte ligação com o elemento simbólico religioso, visto que o turismo religioso e as festividades (Fig.4) em homenagem a uma santa que supostamente está encravada em uma rocha (Fig.3) dá àquele lugar uma grande importância e o projeta para grande parte da região, como reforça Penna (2016):

Segundo os mais antigos moradores, há quase um século, quando o distrito ainda era uma fazenda, peões procuravam uma vaca que havia fugido do restante do rebanho quando perceberam que o animal parou perto de uma pedra e não saía mais daquele lugar. Quando foram verificar perceberam gravada na pedra a imagem de um Santo ou Santa. Ao avistar o fenômeno, os peões não tiveram dúvida de que se tratava de um milagre ou algo misterioso e levaram o santo para a casa de seu patrão. No outro dia, quando acordaram, não encontraram a pedra na fazenda. O material havia

retornado misteriosamente para o mesmo local. Por diversas vezes tentou-se tirar a pedra de lá, mas, inexplicavelmente, ela sempre acabava no lugar que foi encontrada. A única maneira de retirar o santo de lá foi construindo uma capela e nela um altar para colocá-lo e ali venerá-lo com cantos, rezas e orações em meio a pedidos e agradecimentos. Ali permanece até hoje. A velha capela foi recentemente reformada, sendo erguida uma nova Igreja com novos ambientes para acolher os romeiros e visitantes que a cada ano se multiplicam em número.

Este distrito se configura como um lugar dotado de significância e com lugaridade bem definida a partir do descobrimento de um símbolo (religioso), neste caso uma figura em uma rocha que lembra uma deidade. Mello (2012, p.42) coloca que “o lugar sagrado, *strictu sensu*, diz respeito à ocorrência da hierofania, a manifestação do sagrado materializada em imagens, pedras, árvores ou em um centro pleno de devoção e espiritualidade.” Desta feita, a tradição religiosa da região aliada à fé e a um artefato “sacro” fez com que Santa da Pedra se firmasse como um ponto de adoração para devotos, em sua grande maioria adeptos do catolicismo, que apesar de serem monoteístas também demonstram sua afeição aos santos, devido principalmente ao seu caráter físico e tangível.

**Figura 3:** Imagem da santa da pedra



Fonte: METRO, 2012.

**Figura 4:** Romaria de cavaleiros em Santa da Pedra



**Fonte:** sãojoaodopacui.blogspot.com, 2015.

Destarte, a sobreposição e coadunação de distintos estratos em consonância com construtos humanos, como os sentimentos, a pertença e a devoção, culminaram na formação deste lugar e de sua lugaridade consequentemente. Tuan (1979, p.421) pontua que:

All places are small worlds [...] Places may be public symbols or fields of care, but the power of the symbols to create places depends ultimately on the human emotions that vibrate in a field of care. Disneyland, to take one example, draws on the capital of sentiments that has accumulated in inconspicuous small worlds elsewhere and in other times.<sup>9</sup>

Este autor ratifica a ideia de que a criação de lugares (ou pequenos mundos) está diretamente relacionada com a aliança entre as emoções humanas que vibram nos campos de preocupação, ou seja, a relação existente entre as emoções e os símbolos contribui para “animizar” e/ou “vivificar” os lugares. Ele ainda toma como exemplo a Disneylândia referindo a ela como uma capital de sentimentos que foram acumulados em imperceptíveis e pequenos mundos, isto, que em outras palavras quer dizer, que houve a criação de um lugar ou símbolo central, mas que a emoção individual faz com que cada indivíduo vivencie este lugar como se ele fosse seu microcosmo particular, aproximando de Mello (2012, p.41)

---

<sup>9</sup> Todos os lugares são pequenos mundos [...] Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação. Disneylândia, para dar um exemplo, representa uma capital de sentimentos que se acumulou em pequenos mundos discretos em outros lugares e em outros tempos. (TUAN, 1979, p.421).

quando ele afirma que a “ambiguidade, sentimentos topofílicos, temores e maneira filosófica de agir das pessoas forjam espaços e lugares no decurso de horas, para um mesmo local.”

Desta feita, é passível de se observar que muitas são as variáveis e elementos que contribuíram ao longo da história da humanidade, e contribuem até os presentes dias para com o processo de arraigamento do(s) sujeito(s) em determinado espaço, como foi discutido a disponibilidade de recursos naturais, o simbolismo, a religiosidade, o posicionamento estratégico foram apenas alguns das muitas externalidades que colaboraram para a ocorrência deste processo.

O lugar foi aqui abordado como um conceito-chave que possibilita entender a complexidade e amplitude das relações que dinamicamente moldam o espaço geográfico. Estas discussões nortearão e darão suporte a diversas outras temáticas no decorrer deste trabalho.

### **1.3 SUJEITOS E NARRATIVAS**

O ato ou a arte de narrar não é algo recente, se analisarmos a trajetória das civilizações da antiguidade compreenderemos o quão valiosa era para a manutenção dos feitos, tradições e conquistas das mesmas. Queiroz (1987, p.274) diz nos que “através dos séculos o relato oral constituiu sempre como a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale a dizer, a maior fonte de dados para as ciências em geral.” Neste contexto, assume um caráter nuclear a figura do narrador, ele é o condutor dos fatos, é ele também que realizará o esforço de rememorar e evocar seu passado ou o do outro a fim de trazer a tona o substrato de experiências e vivências para o ouvinte atento. Na civilização grega, por exemplo, era muito comum a existência dos contadores de feitos ou narradores, que em uma mescla de realidade e mitologia engendravam as mais distintas epopeias de heróis, deuses, semideuses e assim por diante. A exemplo do poeta grego Homero, autor de notáveis obras, dentre as quais cabe mencionar a obra *Odisseia*, que narra o regresso do herói da guerra de Troia Ulisses (ou Odisseu em grego), para sua casa, o poeta narra os fatos com uma riqueza de detalhes, ora recorrendo a mitologia, ora recorrendo a excessos, para criar uma aura sobrenatural e, ao mesmo tempo próxima do verídico. Benjamim (1987, p.205) pontua que:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

Enfim, o ato “artesanal” de narrar requer um processo de imersão, para que se torne possível reviver experiências (que podem ser boas ou ruins) através de memórias e acessos à memória subjetiva e/ou coletiva. O sujeito que tece uma narrativa assume ares de poeta, visto que é dele o poder de fazer a tessitura dos fatos e acontecimentos matrizes, de maneira organizada ou também de maneira aleatória mas, sempre com sua essência peculiar e única. Grossi e Ferreira (2001, p.32) colocam que:

O sujeito como guardião de suas lembranças é portador da memória que se expressa numa razão de ser, e a partir de seu narrar o passado torna-se presente num reconhecimento marcado nos povos: somos o construir da nossa memória. As experiências do viver deixam traços no vazio do tempo, possibilitando juntarem-se pedaços de vida que já não são mais; no entanto, representam dados aos quais se atribui um sentido para viver, permitindo que a qualquer momento se possa partir. Dessa forma, o ato de lembrar, remontando vivências, traz à memória conteúdos vividos no passado em que a razão narrativa invoca, numa nostalgia quase em luto, o ato de recordar.

O sujeito, personagem central do processo, é o responsável por trazer à “superfície” da dimensão presente as vivências de outrora, e é grande a sua responsabilidade, pois a ele é incumbida a árdua tarefa de manter vivas as memórias até que, na melhor das hipóteses, as mesmas possam se transformar em algo tangível, através de escritos por exemplo, e acessível ao outro. Mas, qual o elemento norteador, ou ainda, que elemento comum o qual os narradores recorrem no momento de recontar sua história? Walter Benjamin (1987, p.198) responde a este questionamento dizendo que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores.” Destarte, é o elemento experiência será o múltiplo comum dos narradores, é ela que dará o suporte e a concretude necessária aos fatos que estão sendo expostos.

Uma boa opção para compreender determinado processo, fato ou fenômeno que se deu em tempo pretérito, a partir de um prisma fiel e condizente com a realidade *in loco*, é a história oral, a partir dela pode se tomar conhecimento dos mais distintos acontecimentos, a partir de uma perspectiva singular e subjetiva. Santos (2008, p.3) nos diz que:

Não obstante suas limitações, a história oral deve ser entendida como um método capaz de produzir interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente, o qual, muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento. Quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser partilhadas, transformando-as em experiência, para fugirem do esquecimento. No momento em que uma entrevista é realizada, o entrevistado encontra um interlocutor com quem pode trocar impressões sobre a vida que transcorre ao seu redor; é um momento no qual lembranças são ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação, ou da saudade, um sentido à vivência do sujeito que narra a sua história.

O relato em si é de natureza multidimensional, e sua interpretação requer uma análise próxima de uma hermenêutica, em função da carga de construtos, simbolismos, representatividades, interpretações e sentimentos nostálgicos intrínseca a ele. Ouvir e compreender a narrativa do outro não é algo essencialmente neutro, visto que faz-se necessária a existência de uma relação de intersubjetividade, pois há a comunicação entre realidades, consciências e experiências dos dois ou mais interlocutores envolvidos no processo: o narrador(es) e ouvinte(s). Constantemente durante o processo de rememoração o narrador necessitará de confirmações acerca de temas que porventura podem lhe fugir à memória, necessitará do saber do outro para complementar e validar alguma fala inacabada, e, necessitará ainda dos questionamentos do outro para conduzir de modo o enredo de sua narrativa, diante disso, não há como existir neutralidade e/ou passividade por parte de quem ouve a narrativa.

Os sujeitos que narram são aqueles que possuem uma significativa bagagem de experiências e vivências, estas que por sua vez podem ser adquiridas e anexadas ao âmago destes sujeitos através de diferentes “portas de entrada”, tais como: viagens, convivências, relações interpessoais e a experiência adquirida com o passar dos anos. Benjamin, (1987, p.198) reforça tal noção ao afirmar que:

[...] A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições

Nos exemplos ilustrados acima na fala de Benjamin, duas são as possibilidades de trazer o personagem-narrador para a esfera e/ou dimensão palpável: o narrador itinerante, e o narrador sedentário por assim dizer. Na literatura temos muitos exemplos destes dois grupos, José Lins do Rego (1980) em seu *Menino de Engenho* fala da “velha Tontonha”, um

personagem com uma excelente memória, detentora de incrível capacidade para narrar habilmente os acontecimentos, e que viajava, no período do Brasil colonial, por todos os engenhos de açúcar do Nordeste, como contadora de histórias e romances, este personagem pertence ao grupo dos narradores itinerantes. Já Ângelo Machado (1996) em seu *O velho da montanha* discorre sobre a existência de “Jon-Chon” um velho que habitava o cume de uma montanha no meio da floresta amazônica brasileira e que, devido a sua idade avançada, sempre tinha uma miríade de histórias para contar, já este personagem pode ser enquadrado no grupo dos narradores sedentários. Apesar de fazer parte do universo fictício da literatura, estes ilustram bem duas das principais “portas de entrada” por onde as experiências e vivências vão sendo introduzidas no âmago dos sujeitos.

Para o ouvinte, as evocações do passado do outro podem representar uma experiência agradável, entretanto o sentimento de nostalgia de tempos, lembranças e épocas que ficaram em uma dimensão passada podem desencadear certa angústia em quem narra. Para ele o mundo de hoje ou os tempos de hoje pode se apresentar como algo totalmente distinto de um mundo que ficou para trás, ou como diz Brandão (1998) “que já não volta mais”. A questão da nostalgia será sempre uma constante, seja ela boa ou ruim, sempre haverá a possibilidade de um sentimento um tanto pesaroso na fala do narrador. Grossi e Ferreira (2001, p.31) destacam que:

Ao interrogar a história, o sujeito, em sua narrativa, aponta-nos caminhos que podem fazer-nos recordar a angústia de existir. A angústia de estar num mundo de escolhas trágicas universalmente toca a face do sujeito, levando-o à lembrança de lugares de memória, já visitados, revisitados, construídos e reconstruídos. Eles demonstram que não iremos permanecer no mundo, pois, como diziam os gregos, somos “seres de um dia só”. Por mais que se deseje ultrapassar as fronteiras das nações, o dia se finda, o amanhã chega, seres nascem e partem na nostalgia de ter vivido apenas um dia. Assim, a razão narrativa que permite trazer de volta eventos que nunca foram contados, também nos permite compreender que os seres em sua entrada neste mundo já tinham um destino a cumprir, ou seja, partir.

Mesmo com a certeza inexorável de que a experiência neste universo telúrico é passageira, e que na medida em que as areias da ampulheta que marcam o tempo de um dia ou de uma vida, vão se esvaindo, o fim da trajetória se aproxima mais e mais, existe um desejo, uma necessidade de se apegar a lembranças e experiências, pois estas, mesmo que ilusoriamente nos conferem uma sensação de imortalidade reconfortante.

Por fim, compreender os principais processos direta ou indiretamente relacionados aos sujeitos/narradores é de suma importância na elaboração desta pesquisa, pois, é através do

processo de ouvir e participar das narrativas dos sujeitos é que será possível compreender um pouco mais sobre o processo de formação daquele lugar onde estão enraizados. É a partir dessas narrativas que se tornará possível uma melhor compreensão de suas histórias de vida, de suas trajetórias e, conseqüentemente da história do universo “Jardim Eldorado” do qual fazem parte. Neste contexto as narrativas representarão uma oportunidade de registrar as vivências que envolvem as dinâmicas memoriais de construção do lugar, permitindo que as mesmas não sejam “de um dia só” e sim duradouras, além de estarem em constante movimento de ressignificação, conforme aponta a próxima seção.

#### **1.4. UM “TOUR” PELA MEMÓRIA**

Nesta parte do trabalho serão abordados alguns conceitos e discussões que envolvem a temática da memória: de quais definições de memória este trabalho se apropriou, qual a relevância dela no âmbito das discussões deste trabalho, a importância da memória de velhos na manutenção das tradições e da cultura de uma sociedade.

Memória é um conceito possuidor de inúmeras definições, interpretações e significados, configura-se indubitavelmente como responsável pela manutenção e perpetuação das tradições, das culturas e rituais das mais diversas sociedades. É através dela que se torna possível compreender os universos de um sujeito, de grupos e de sociedades. Mas, para início de discussão é interessante começar buscando uma resposta para uma questão fundamental: O que é memória? De Aquino (2015, p.2) diz-nos que:

A origem etimológica da palavra memória também indica essa propriedade de retenção ou preservação de lembranças, resultante da junção de duas palavras latinas na formação do termo memória: me + mores. Me = manter, preservar; mores = costumes, experiências. Memorar é preservar as experiências. Com efeito, comemorar é preservar conjuntamente as experiências (vivas, do passado).

Neste primeiro momento a memória pode estar diretamente associada às mais variadas formas de preservação do que foi vivido no passado, se momentos ou acontecimentos estão impressos na memória, estão de alguma maneira vivos, e se estão vivos podem ser acessados e possivelmente perpetuados.



No âmbito da filosofia Japiassú e Marcondes (2006, p.132) definem a memória como sendo uma:

Capacidade de reter um dado da experiência ou um conhecimento adquirido e de trazê-lo à mente; considerada essencial para a constituição das experiências e do conhecimento científico. A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente. Segundo Aristóteles, "E da memória que os homens derivam a experiência, pois as recordações repetidas da mesma coisa produzem o efeito de uma única experiência."

Deste modo, o ato de trazer experiências à tona reforça a noção de que o presente pode ser concebido como um complexo que é constantemente influenciado por fragmentos de épocas passadas, de tal modo que ao relembrarmos de tal acontecimento há automaticamente uma fusão entre a dimensão pretérita e a presente. A retenção de experiências tende a moldar a consciência presente.

Como tomamos conhecimento do passado? Como adquirimos esse *background* imprescindível? A resposta é simples: lembramo-nos das coisas, lemos ou ouvimos histórias e crônicas, e vivemos entre relíquias de épocas anteriores. O passado nos cerca e nos preenche: cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos. Toda consciência atual se funda em percepções e atitudes do passado: reconhecemos uma pessoa, uma árvore, um café da manhã, uma tarefa, porque já os vimos ou já experimentamos (LOWENTHAL, 1998, p.64).

O ato de lembrar se configura como a criação de um *link* entre presente e passado, pois a partir do momento que o sujeito reconhece ou tenta acessar uma lembrança fixada no interior de sua memória ele estará fazendo automaticamente uma imersão no passado.

Podemos nos referir à memória como individual ou coletiva, entretanto Halbwachs (1990, p.36) nos afirma que:

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

Para Maurice Halbwachs as memórias possuem um caráter coletivizador, ou seja, até mesmo uma memória que em primeira instância pode se apresentar como individual, quando analisada de modo mais profundo tende a revelar a existência da necessidade de buscar validações e até mesmo fragmentos da teia das vivências em comum com outros indivíduos, Bosi (2004, p.413) nos diz que "O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma

lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado”. Halbwachs (1990, p.16) ratifica dizendo que “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. E porque, em realidade, nunca estamos sós.”

Outro importante campo que aborda a memória é o mitológico, diversas sociedades a associa a um conjunto de elementos dotados de misticismo, aqui cabe citar o panteão de deidades grego, que materializa a memória como sendo *Mnemosyne*, ou especificamente a deusa da memória. Marreco (2007, p.6) salienta que:

Para os gregos, antes da alma voltar a um novo corpo ela era levada para perto de duas fontes chamadas Lethes e Mnemosyne. Ao beber da água da primeira, esquecia-se de tudo de sua vida humana, ao beber da segunda, guardava a memória de tudo que havia visto ou ouvido no outro mundo e quando voltava, além do conhecimento do mundo presente, tinha a revelação do futuro. Neste caso, o processo da memória não se trata apenas de um preenchimento de lacunas, mas também, uma recomposição do passado.

Nesta perspectiva, memória (*Mnemosyne*) e esquecimento (*Lethes*) caminham conjuntamente, uma está intrinsecamente ligada a outra, em outras palavras, os fragmentos da memória que não são selecionados e/ou escolhidos para virem à tona em um ato de rememoração possuem grandes chances de povoar os domínios de *Lethes* ou do esquecimento. Bosi (2004, p.89) “hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. Na aurora da civilização grega ela era vidência e êxtase.”

Não só sociedades, como a supracitada, entendem o(s) conceito(s) de memória como algo amplo e passível de englobar diversas variáveis, cada pesquisador de cada área do conhecimento engendrará sua definição de acordo com suas necessidades e bases referenciais. Delgado (2003, p.16) a partir da ótica da história afirma que a memória é capaz de:

Reacender e reviver utopias e sonhos de um tempo anterior que marcou suas vidas individuais ou comunitárias; reconstruir a atmosfera de outros tempos, relembrando hábitos, valores, e práticas da vida cotidiana; reacender emoções de diferentes naturezas: individuais, sociais, políticas, culturais; relembrar convivências mútuas que se constituíram na dinâmica da História; representar e reativar correntes de pensamento; reviver embates políticos e ideológicos; reconstituir climas de religiosidade, de lazer, de companheirismos, de lutas.

É através da memória que os mais variados sonhos e lembranças podem ser acessados e vivenciados. A arte de lembrar e socializar seus elementos constituintes e modeladores, de maneira madura e articulada, ao conhecimento de todos, apesar de nobre e essencial para a preservação de vivências e histórias passadas de indivíduos e sociedades, está correndo o risco de ser extinta nos tempos atuais, em função de diferentes causas, tomemos como exemplo o intenso frenesi, laboral principalmente, o qual nos encontramos inseridos cotidianamente e que toma uma parte preciosa do tempo de cada um, ele colabora diretamente para com o desinteresse em ouvir ou quiçá até mesmo participar de reconstruções memoriais de tempos passados. Benjamin (1987, p.206) nos diz que “o homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado. Com efeito, o homem conseguiu abreviar até a narrativa”. Diante disso fica evidente a necessidade de iniciativas que visem preservar e manter acessível ao mundo as riquezas destas histórias que constituem o passado “dos outros” e que ao mesmo tempo é o nosso passado.

#### **1.4.1 MEMÓRIA DE VELHOS**

A memória de velhos. O que a diferencia da memória dos não-velhos? Bosi (2004, p.60) nos afirma que:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente que a uma pessoa de idade.

A velhice é colocada nesta fala como o momento de evocações puras e sem pressa ao passado por parte do indivíduo que agora dispõe de “tempo”. Longe de estereótipos, é no repouso da velhice é que as lembranças poderão fluir, de modo “maduro” ou “onírico” como diz Bosi (2004) ou, saudoso e pausadamente. A dimensão onírica se converte de certa forma

em uma verdadeira constante neste contexto, as lembranças de um mundo ou tempo que passou agora faz parte apenas dos sonhos e devaneios de alguém, evocar essas lembranças é, ao mesmo tempo, sonhar com algo pretérito que não volta mais.

O passar do tempo permite que o sujeito vá dia após dia acumulando experiências, vivências, e as transformando-as em lembranças e memórias, que um dia poderão ser transmitidas para quem estiver disposto a ouvir. Lowenthal (1981, p.78) ratifica ao nos afirmar que:

Lembranças, em todos esses aspectos tendem a se acumular com a idade. Embora algumas estejam sempre se perdendo e outras se alterando, o estoque total de coisas recordáveis e recordadas aumenta à medida que a vida transcorre e as experiências se multiplicam.

A relação ambivalente entre acúmulo e esquecimento de lembranças faz parte do processo de evocação do passado. Cada indivíduo, no momento de recordar, vai se apegando ou selecionando experiências que podem ser as mais marcantes ou que têm a ver com o agora, por outro lado, aquelas lembranças que não possuem tanta expressividade tendem a ir inevitavelmente à direção do esquecimento.

Naturalmente, em um diálogo entre pessoas de uma faixa etária mais elevada, constantemente ouve-se uma ou outra expressão que alude a um sentimento de nostalgia. Indivíduos que estão na “melhor idade” costumam utilizar suas experiências do passado como parâmetro, na hora de dar um conselho ou simplesmente contar uma história a alguém. Acerca da dimensão temporal dos velhos, Brandão (1998, p.62) diz-nos que:

Entre tempos [...] eles estabelecem um tempo passado que é “o seu” e que de uma maneira inevitável opõem a um presente, a um tempo que eles habitam, mas que não é mais o tempo deles. [...] Uma desesperançada e persistente oposição de significados da vida, entre um “tempo antigo”, o deles, antes de velhos, e “os dias de hoje”. Os tempos do presente já não são mais como eram, como quando “eles” e “não os outros” são os velhos, quando as pessoas, as relações, o mundo e as coisas, a começar pela comida, pela água, pelo ar, pelos mínimos imensos seres cotidianos da vida, também já são outros, de “outros”.

“O meu passado”, “tempo antigo”, “naquela época” são termos recorrentes nas narrativas de velhos. As mudanças, que quase sempre não foram para melhor, sempre ocorrem de lá (do passado áureo “deles”) pra cá (tempo presente “que não é deles”) de uma maneira implacável, sobrepondo e erodindo as paisagens, os lugares, e tudo aquilo que fez parte e possuiu significado para alguém, e que agora povoa somente a dimensão do seu imaginário. Hoffmann-Horochovski (2008 p.152)

Através do discurso, os velhos atuam como narradores privilegiados e não só ajudam a manter a história, como conferem a ela significações. Seus relatos que resgatam o passado no presente, como um elemento imprescindível para entender suas identidades e a memória da coletividade; como possibilidade de entender uma época ou uma determinada temática. É na interação que esses agentes estabelecem com o ouvinte que a ação adquire sentido e que o simbólico e o social assumem significados.

A velhice é um fator que colabora para com a adição de marcas peculiares nas narrativas de vivências. Quando um velho tece uma narrativa ele não a faz superfluamente, mas sim de maneira carregada de detalhes, fatos e acontecimentos que por ele foi testemunhado. É a junção destas marcas peculiares patentes em seus discursos é que afloram as mais diversas histórias de vida que carecem ser ouvidas e mantidas preservadas para que evitem de cair no limbo do esquecimento. Ao contar sua história, o velho vai cumprindo seu papel de guardião e mantenedor da memória, Hoffmann-Horochovski (2008, p.151) complementa dizendo que “a socialização da memória, através da linguagem, é para os velhos uma espécie de obrigação social.” Ao cumprir esta obrigação, o velho abre “portais” no tempo de modo a permitir uma viagem, um regresso, uma imersão à dimensão do passado, permite ainda um contato com realidades geralmente bem distintas da que fazemos parte nos presentes dias, em universos inimagináveis, onde os símbolos afloram e significam, onde identidades se formam e se firmam, e onde as relações interpessoais possuem concretude e importância. Bosi (2004, p.82) pontua que:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem não sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.

A partir da fala de um velho, vai se criando a imagem de universos paralelos, dimensões sobrepostas, mundos dentro de outros mundos. Sua maneira de descrever os fatos não se restringe ao pitoresco, muito pelo contrário, ela vai além do espectro visível, é densa e imbuída de experiências, valores. A realidade de hoje é distinta em essência e aparência daquela do passado, os signos que outrora eram dotados de valor e significado hoje são apenas testemunhas puídas pelo tempo implacável, e que sem o evocar de alguém que vivenciou essa “outrora” não passa de apenas mais uma cicatriz que o tempo inexoravelmente irá extinguir.

O conceito de memória, seja ela de velho ou de qualquer outra faixa etária, é complexo demais para ser enquadrado em uma única definição, destarte nada mais coerente que expor algumas das conceituações e discussões a ela relacionada, a fim de não encerrar, mas instigar uma constante busca pela sua compreensão, e com isso, mantê-la viva e preservada.

## **CAPÍTULO II**

### **2. AS RELAÇÕES ENTRE O BAIRRO JARDIM ELDORADO E A INDÚSTRIA DE CIMENTO**

Este capítulo trata, em primeiro momento, de fazer um resgate histórico que ilustra a trajetória da indústria de cimento MATSULFUR (1966-1996) Lafarge (1996-2014) Lafarge-Holcim (2014-atualmente) na cidade de Montes Claros - MG, abordando para tal, os processos antecedentes à implementação de sua planta industrial na cidade, a fim de melhor contextualização com os eventos posteriores e correlatos a tal acontecimento. Recorrer às notícias de época permitiu que se tivesse um panorama mais amplo acerca dos rearranjos que começaram e intensificaram na região no pós instauração, não apenas da supracitada, mas de todas as demais indústrias na cidade.

Em segundo momento, ele versará sobre o relacionamento entre os moradores do bairro-objeto deste estudo com a indústria de fabricação de cimento, bem como discutirá sobre as implicações e o papel desta última no contexto de formação e consolidação do lugar estudado. Esta discussão abordará mais do que o fator geográfico da proximidade dos *locus* em estudo, considerando para tal o ponto de vista e opiniões de quem estava cotidianamente envolvido neste universo: os trabalhadores da fábrica e moradores do bairro.

#### **2.1 UMA RETOMADA HISTÓRICA DA INDÚSTRIA CIMENTEIRA MONTESCLARENSE: A MATSULFUR.**

A indústria de fabricação de cimento de Montes Claros localiza-se nas seguintes coordenadas geográficas: 16°40'51.6" Sul, 43°52'49.6" Oeste, na BR 135, Distrito Industrial, Montes Claros – MG (Cart. imag.1).

**Carta imagem 1:** Localização da indústria Lafarge-Holcim e de bairros adjacentes.



**Fonte:** WorldView, 2011  
**Org:** SANTOS, D. S. 2017.

Sua implantação na região se deu em função da soma de diversos fatores, sendo um dos principais, a reorganização das políticas públicas regionais, ocorrida no período sucedente ao ano de 1960. Este conjunto de políticas objetivava o início de uma nova agenda, no que se refere ao crescimento econômico, onde a integração das regiões Nordeste e Centro-Sul do Brasil e a descentralização de atividades industriais, que até então encontravam-se concentradas no Centro-Sul do país, eram algumas das metas nucleares do Estado naquela época. Desta feita, ao ser inserida na área de atuação das políticas da SUDENE, a região do norte de Minas começou gozar de alguns benefícios em termos de desenvolvimento econômico, tendo em vista, como afirma Pereira (2001, p.2) que:

A região Norte do Estado de Minas Gerais esteve à margem do desenvolvimentismo dos anos 50. Os efeitos práticos da intervenção do Estado como promotor da industrialização surgiram na segunda metade da década de 1960, quando foi viabilizada a infra-estrutura energética e de transportes e os incentivos fiscais da SUDENE atraíram à região investimentos industriais em volume expressivo.



Entretanto, a região não assistiu passivamente ao espetáculo do período. A cidade de Montes Claros foi o centro de mobilização das elites regionais em um esforço conjunto para atraírem os investimentos do Estado e se inserirem na política desenvolvimentista.

Em Montes Claros, as transformações ocorreram de forma acentuada e efetiva a partir da década de 1970, quando as políticas públicas de incentivos fiscais implantadas por meio da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) atraíram uma diversidade de empreendimentos industriais para o município. Entretanto, as primeiras vias de superação de entraves como a ausência de infraestrutura e de logística, que dariam um novo perfil a esse cenário até então marginalizado, já eram analisadas antes mesmo da criação da própria SUDENE, Pereira (2001, p.8) pontua que:

[...] Sendo a industrialização a meta central dos programas de desenvolvimento dos anos 50, os investimentos foram concentrados em setores que pudessem alavancar e concretizar tal objetivo. O desenvolvimento do binômio energia e transportes, privilegiados pelas administrações estaduais de JK e Bia Fortes e pelo Plano de Metas, marginalizou o Norte de Minas. Esta região, como todo o Nordeste viria a ser contemplada com uma “meta especial”: a Operação Nordeste.

“A Operação Nordeste foi sancionada com o objetivo de reestruturação da economia nordestina, para reverter o relativo atraso dessa região em comparação a Centro-Sul” (GTDN, 1997). Ao Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste – GTDN foi incumbida à tarefa de diagnosticar em primeiro momento a região Nordeste do Brasil e posteriormente intervir nela com planos de ações direcionadas<sup>10</sup>. Em 1960 a SUDENE é então criada, como um desdobramento do GTDN, dando início a um período de investimentos e modificações no *establishment* econômico e político da região nordestina. “A partir dos anos 60, Montes Claros começa a mudar de feição. Seus novos traços dizem respeito ao desenvolvimento sócio-econômico e à urbanização que refletem em toda a região do Norte de Minas” (OLIVEIRA 1994, p.59). De Paula (2003, p.59) ressalta que:

Para industrializar a região foi criado um sistema de incentivos fiscais, consolidados pelo FINOR – Fundo de Investimentos do Nordeste. Por outro lado, visando solucionar os problemas agrícolas da região, foi adotada a estratégia formulada pelo GTDN - Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste. Os pontos

---

<sup>10</sup> O plano de ação do GTDN foi a política industrial articulada pelos seguintes pontos: a) articular a oferta de emprego à massa populacional flutuante; b) substituir a antiga classe dominante (oligarquia), por uma classe dirigente que visasse o desenvolvimento; c) providenciar para o Nordeste capitais formados em outras atividades econômicas; d) promover a industrialização para dar autonomia de expansão manufatureira; e) transformar a economia agrícola da faixa úmida, buscando acompanhar a demanda por alimentos dos centros urbanos; f) deslocamento da fronteira agrícola do Nordeste para a faixa úmida do hinterland maranhense (BRASIL, 1967, p 14).

centrais desta política de desenvolvimento basearam-se em grandes projetos agropecuários, industrialização, reflorestamento e projetos de irrigação.

A partir da implementação das políticas de incentivos fiscais, houve um verdadeiro *boom* no que diz respeito ao crescimento industrial na cidade de Montes Claros. Indústrias de diversos segmentos (Quadro 02), atraídas pelos diversos benefícios e subsídios começaram a entrar em operação, dando um significativo impulso às dinâmicas econômicas e nos arranjos regionais.

**Quadro 2:** Principais projetos implantados pela SUDENE Montes Claros 1964-1983.

<b>ANO DE APROVAÇÃO</b>	<b>EMPRESA</b>	<b>LINHA DE PRODUÇÃO</b>	<b>DIRETORIA/GRUPO LÍDER</b>
1964	Frigonorte	Alimentar	Antônio Augusto Ataíde
1966	MATSULFUR	Minerais não metálicos	Alberto Luiz Gonçalves Soares
1967	Cortnorte	Couros e peles	Roberto Teixeira Campos
1968	Sion	Óculos, microscópios etc.	Décio Corrêa Machado/R.T. Campos
1968	Somai Nordeste	Avicultura	Antônio Carlos Ferreira e Outros
1968	Denver S.A	Eletrodos	Geraldo Denver Colentano
1969	Coteminas	Fiação e tecelagem	Luiz de Paula Ferreira
1969	Faz. Lapa Grande	Bovino de corte	Banco Mercantil
1970	Metal N. de Minas	Parafusos	Rui José Viana Lage
1970	Zacalex Agropecuária	Pecuária bovina	Panayotes Jean Skadas
1971	Cedrominas/ Glycenorte	Sabão, glicerina, etc.	R.T. Campos/Domingos Campos
1971	Hotel M. Rey	Turismo	Wilson J. Cunha/SICAL
1971	Interplastil	Macarrão, fubá, farelo, etc.	Domingos Costa
1971	Fujinor S.A	Material elétrico	M. Claros participações Empresariais LTDA
1972	Brasmel	Balas, caramelos, etc.	Roberto Gonçalves
1973	TELEMIG	Telecomunicações	Governo de Minas
1973	BIOBRÁS	Proteínas, enzimas, etc.	Guilherme Emerich/Marcos Mares Guia
1973	MECA	Material transporte carga	Sergio Vicente Araújo/ Banco Mercantil
1974	Fiação Santa Helena	Têxtil	Cesar Gonçalves de Souza

*	Passonorte	Calçados Masculinos	Antônio Augusto Ataíde
1976	ITASA	Leite em pó, manteiga	Milton Afonso de Carvalho
1977	Quartil Informática	Microcomputadores	Renato Vale Dourado
*	PETROGARD	Implementos Agrícolas	Geraldo Novais
1981	Têxtil Paculdino S.A	Têxtil	Paculdino Ferreira
*	MINASPUMA NE S.A	Química	Henrique Bertholino Mendes dos Santos
*	Fujinor 2	Material elétrico	M.C. Part. Empreendimento LTDA
1982	Agroin. Quebradas	Pecuária e suinocultura	Pedro Veloso
1983	PRIMLACKS	Óleo de mamona, algodão etc.	*

\*: Dados não disponíveis

**Fonte:** Adaptado: OLIVEIRA, 1994.

**Org:** SANTOS, 2017.

A Companhia de materiais sulfurosos – MATSULFUR S.A, assim como outras demais, iniciou suas atividades na cidade de Montes Claros no início do ano de 1966. De acordo com Oliveira (1994, p.69):

O segundo projeto aprovado pela SUDENE, a MATSULFUR,[...] implantada por um grupo empresarial extra-regional, liderado por Amyntas Jacques A de Moraes (ACESITA, Vale do Rio Doce, AÇOMINAS e Níquel Tocantins/Votorantim) irá contribuir para a expansão da indústria mineira de bens intermediários, abrindo as portas para o capital do Centro-Sul, em Montes Claros. As jazidas naturais de calcário e os incentivos fiscais possibilitaram levar para Montes Claros uma empresa que nos anos 80 estaria entre as dez maiores do capital privado em Minas Gerais.

Com a proposta de dar impulso à economia local, esta companhia controlada pelo grupo empresarial ASAMAR sediado na cidade de Belo Horizonte – MG, iniciou suas operações fabricando produtos minerais não metálicos, a exemplo do cimento. “A instalação desta empresa tem a ver com as diretrizes da expansão da economia mineira que, entre outros requisitos, necessitava incrementar a indústria básica e desconcentrar o parque industrial” Oliveira (1994). Sendo um dos projetos pioneiros da SUDENE na região, a indústria cimenteira começou a usufruir de uma gama de benefícios, como a isenção de tributações para importação de insumos, como deixa claro o artigo primeiro do decreto número 60.535, de 6 de Abril de 1967 que declarava como um recurso prioritário ao desenvolvimento do Nordeste a “isenção de quaisquer impostos e taxas federais, a importação de equipamentos novos sem similar nacional registrado, neste descritos e consignados à empresa (Sic) “Companhia

Materiais Sulfurosos - MATSULFUR” de Montes Claros - (MG)” (BRASIL, 1967). Oliveira (1994, p.69) salienta que:

No entanto, o empreendimento da fábrica de cimento antecede à própria SUDENE. Inicialmente, a primeira fonte de financiamento procurado foi o Banco do Nordeste, onde o projeto foi recusado, julgado pretensioso pra a região. Posteriormente, apresentado à SUDENE, mostrou-se viável. [...] A MATSULFUR também contou com um apoio significativo da Petrobras, através da compra de ações de seu então presidente, o General Ernesto Geisel. Este, após assumir a presidência da república (1974), determinou a compra de um número maior de ações da empresa.

Após esse processo de consolidação, a MATSULFUR começa dar forma àquilo que a empresa chamava de novo e promissor negócio, que se expandia e ampliava de modo célere de tal modo, que começava a merecer notoriedade na região dadas as contribuições que realizava em prol da cidade e de seus trabalhadores, quer seja em formato de postos de empregos para a região, das receitas oriundas de encargos tributários e taxas, quer seja em forma de criação de espaços de lazer, como a Associação Desportiva MATSULFUR, que dispunha de campo de futebol, que segundo a empresa era o melhor da cidade na época, e ainda, contribuiu para a criação de uma fundação educacional para a capacitação de sua mão de obra, uma vez que ela, diferentemente de outras empresas, não se instalou na região no intuito de explorar a mão de obra não qualificada que era abundante e barata na região de explorar a mão de obra não qualificada que era abundante e barata na região. A empresa, que de acordo com Pereira e Lopes (2014, p.289) era:

Líder na arrecadação de ICMS, na geração de milhares de empregos e na formação de mão obra especializada, a empresa era apontada pela imprensa como a grande responsável pelo crescimento e desenvolvimento da cidade, através da geração direta e indireta de empregos. O status conquistado pela MATSULFUR possibilitou que seus diretores se destacassem entre as lideranças locais e regionais, contribuindo também para fortalecer os laços das elites. Nessa articulação, acordos políticos foram efetivados e transformaram a fábrica em uma verdadeira parceira no processo de formação de mão de obra qualificada e no apoio ao ensino superior. A fábrica também se destacou perante a comunidade com a “doação” de cimento para a construção de casas, igrejas, escolas e praças. Essa atuação “benevolente” criou e produziu uma cultura de pertença com a cidade e com os grupos dirigentes, estes passaram, através da imprensa local, a alardear a grande importância da fábrica para a cidade e sua gente.

Com essas características e postura, a empresa ganhou credibilidade tanto por parte da sociedade civil de modo geral, quanto dos personagens políticos da época, assumindo assim um status de cordialidade e se estabelecendo como um sinônimo tangível do progresso

regional, que mesmo em caráter embrionário dava sinais de que o desenvolvimento regional se tornaria realidade em pouco espaço de tempo.

Acerca da matéria prima para suprir a demanda da indústria, à MATSULFUR foi concedida a licença para explorar jazidas de calcário situadas nos morros denominados Dois Irmãos que localizam-se nas adjacências da planta industrial, bem como nos terrenos que a empresa foi adquirindo na zona rural do município de Montes Claros. O decreto federal nº 66.325, de 16 de Março de 1970 outorgava à Companhia de Materiais Sulfurosos - MATSULFUR a “concessão para lavrar calcário em terrenos de sua propriedade no imóvel denominado Fazenda Boa Vista, distrito e município de Montes Claros, Estado de Minas Gerais, numa área de cento e vinte e dois hectares, cinqüenta ares (122,50 ha)” (BRASIL, 1970).

Sete anos mais tarde, o decreto federal nº 80.205, de 22 de Agosto de 1977 concedia a essa mesma companhia “o direito de lavrar calcário e argila no em terrenos de sua propriedade, no lugar denominado Fazenda Bois, Distrito e Município de Montes Claros, Estado de Minas Gerais, numa área de cento e um hectares, setenta ares e seis centiares (101,7006 ha).” (BRASIL, 1977). A localização dos terrenos da Fazenda Bois, pra efeito de localização espacial, compreende parte do bairro Vila Atlântida, porção noroeste da cidade de Montes Claros.

Entretanto, surgiram algumas críticas por parte da sociedade, no que tange à exploração e possível destruição de um dos principais cartões postais da cidade, que deu nome a cidade: o morro Dois Irmãos, os montes claros, em detrimento do benefício financeiro da instituição. Então a empresa se posicionou, e por conta própria tratou de fazer um diagnóstico dos impactos que seriam causados à flora, fauna, clima, solo dentre outros, pelas atividades da empresa, na área que estava sendo explorada. “Provocamos uma audiência pública, na câmara municipal, e, com total transparência apresentamos o plano de exploração que preservava a parte mais elevada dos morros Dois Irmãos para que eles continuassem embelezando o horizonte da cidade.” (CAVALIERI, 2009, p.180)<sup>11</sup>. Desta feita, a indústria reafirma seu compromisso para com a sociedade e o meio ambiente, através deste tipo de ação, e de outras, como a colocação de filtros elétricos para diminuir a quantidade de poluentes que são lançados à atmosfera pelas chaminés da fábrica.

---

<sup>11</sup> As discussões não irão adentrar ao universo dos impactos negativos desta indústria porque este não é o objetivo do trabalho. A inserção de informações que dizem respeito ao discurso institucionalizado foi proposital neste capítulo, uma vez que no capítulo posterior as falas dos trabalhadores entrevistados acabam sendo contraditórias às da instituição.

Vale a pena destacar que durante muitos anos, ambientalistas, organizações não governamentais, e a comunidade, vinham tentando, através da elaboração de documentos, laudos e dossiês, o tombamento do Morro Dois Irmãos como patrimônio histórico e cultural da cidade de Montes Claros, a fim de preservar o meio ambiente e a história do município, porém, só no ano de 2016 é que os esforços foram exitosos, uma vez que o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Montes Claros – COMPAC, tombou a Serra dos Montes Claros onde estão localizados o Morro Dois Irmãos, como parte do patrimônio histórico cultural da cidade. Desta maneira, este bem natural terá mais atenção por parte do poder público, assim como será mais bem preservado, uma vez que com a assinatura do decreto, mais recursos serão direcionados com o propósito de conservação e divulgação dos mesmos para a sociedade.

Outra ação desenvolvida pela indústria cimenteira no ano de 2012, sob a gestão do grupo francês Lafarge, é o coprocessamento, que é o aproveitamento, transformação e a eliminação de resíduos industriais e urbanos junto com o processo de fabricação do cimento, um processo que tem como principal objetivo contribuir para com a resolução do acúmulo de resíduos, um problema tão comum em cidades de tamanho considerável como é o caso de Montes Claros. Esta técnica, que como a própria empresa afirma, além de estar dentro do âmbito de um desenvolvimento pautado na sustentabilidade não traz nenhuma perda de qualidade do produto final, nesse caso o cimento. Outro aspecto positivo é a redução do uso de combustíveis que podem representar nocividade à atmosfera, haja vista que estes resíduos que são incinerados substituem parte desta matéria combustível que será utilizada. De acordo com a CNI (2012, p.32)<sup>12</sup>:

A oficialização da atividade de coprocessamento, em âmbito nacional, pela aprovação da Resolução 264, do Conselho Nacional do Meio ambiente (Conama), deu início a múltiplos processos de licenciamento em fábricas. Atualmente, existem no país 37 plantas licenciadas para realizar o coprocessamento. Em 2010, foram coprocessadas 870 mil toneladas de resíduos provenientes de diversos setores industriais, sendo 198 mil como substitutos de matérias-primas e 672 mil toneladas como insumo energético, representando uma substituição térmica de aproximadamente 13%. Do início da atividade, na década de 1990, até o momento, o setor contribuiu para a destinação ambientalmente adequada de aproximadamente 7,5 milhões de toneladas de resíduos.

Contando com o apoio do Conama, a Lafarge passa a integrar o rol de empresas comprometidas com agenda ambiental contemporânea, que dentre suas pautas está aquelas voltadas para um “desenvolvimento sustentável”.

---

<sup>12</sup> CNI: Confederação Nacional da Indústria.

Figura 5: Reportagem jornalística de época sobre a MATSULFUR.

QUINTA-FEIRA, 4 DE JANEIRO DE 1996 — GAZETA MERCANTIL

---

■ EMPRESAS & NEGÓCIOS

---

## Matsulfur instala filtro elétrico para conter poluição

por Silvio Ribas  
de Belo Horizonte

A Companhia Materiais Sulfurosos Matsulfur, fabricante de cimento, está implantando no forno 3 de sua unidade em Montes Claros, no norte Minas, um moderno filtro elétrico de tecnologia sueca. As obras para instalação do equipamento foram iniciadas no último semestre e deverão custar R\$ 1,7 milhão. A sua inauguração está prevista para abril, quando todos os fornos da fábrica mineira terão sistemas de proteção ambiental. O eletrofiltro, que será integralmente fabricado no Brasil, tem 25 metros de comprimento, nove de largura e 24 de altura, o equivalente a um prédio de oito andares.

Segundo o diretor industrial da empresa, Sérgio Cavalieri, a empresa planeja eliminar toda a poluição causada por suas chaminés, que atinge diariamente a zona oeste

da cidade. As partículas lançadas no ar e carregadas de calcário e argila, elementos básicos da fabricação do cimento, serão recolhidas por um sistema de filtragem a seco, deixando apenas o gás carbônico. A área total de placas metálicas que captam o pó ionizado por eletrodos elétricos é de 7 mil metros quadrados. Para cumprir essa promessa que fez à Fundação Estadual de Meio Ambiente, a fábrica realizou durante um ano levantamentos de clima, flora, fauna e solo, para identificar todo impacto ambiental possível para sua atividade.

Além do filtro elétrico, a Matsulfur está colocando novos filtros de mangas em várias seções da planta industrial e reformando os antigos, para que passem a operar com maior eficiência. O investimento total em preservação ambiental é de R\$ 2,5 milhões. Para a outra fábrica da empresa,

localizada em Brumado (BA), uma moagem de clínquer, não estão previstos investimentos expressivos nessa área, levando em conta que é a unidade baiana foi inaugurada há três anos, dentro dos padrões considerados ideais.

Empresa do tradicional grupo mineiro Assamar, que atua em vários setores, a Matsulfur, está presente há 26 no mercado e passou por duas ampliações - em 1973 e 1980. Sua produção foi ampliada, quando em 11 anos multiplicou por 10 sua produção. A fábrica foi a primeira no País a utilizar 100% de carvão vegetal, em plena crise do petróleo, e a queimar óleo combustível ultraviscoso a baixa temperatura. Suas duas fábricas foram também uma das primeiras a terem sua operação automatizada.

Segundo Cavalieri, com o eletrofiltro, a empresa passará a estar dentro do padrão internacional para o setor.

Fonte: Gazeta Mercantil, 1996.

Ainda no contexto da preocupação com as implicações do contexto ambiental, Cavalieri (2010, p.174) afirma que o grupo Asamar que controlava a MATSULFUR fazia investimento em insumos para o controle de emissões de material particulado à atmosfera, segundo o mesmo:

A fábrica de Montes Claros era a primeira do país a ter filtros elétricos, o que representava grande redução de fumaça da chaminé, mas implicava investimento maior. A decisão foi tomada nos anos de 1960 de forma visionária, pois a fábrica se localizava no entorno de uma cidade pobre, a 400 km de Belo Horizonte, quando não se pensava em ecologia e sequer existiam preocupações com o impacto ambiental.

Diante do exposto cabe observar que houve diversas mudanças no *modus operandi* da indústria em questão, a fim de se adaptar às especificidades da região de Montes Claros no tocante a infraestruturas e mitigação de impactos no meio ambiente, de tal modo que o objetivo de praticar uma exploração consciente dos recursos naturais, com respeito e responsabilidade, foi, de acordo com a empresa, exitoso.

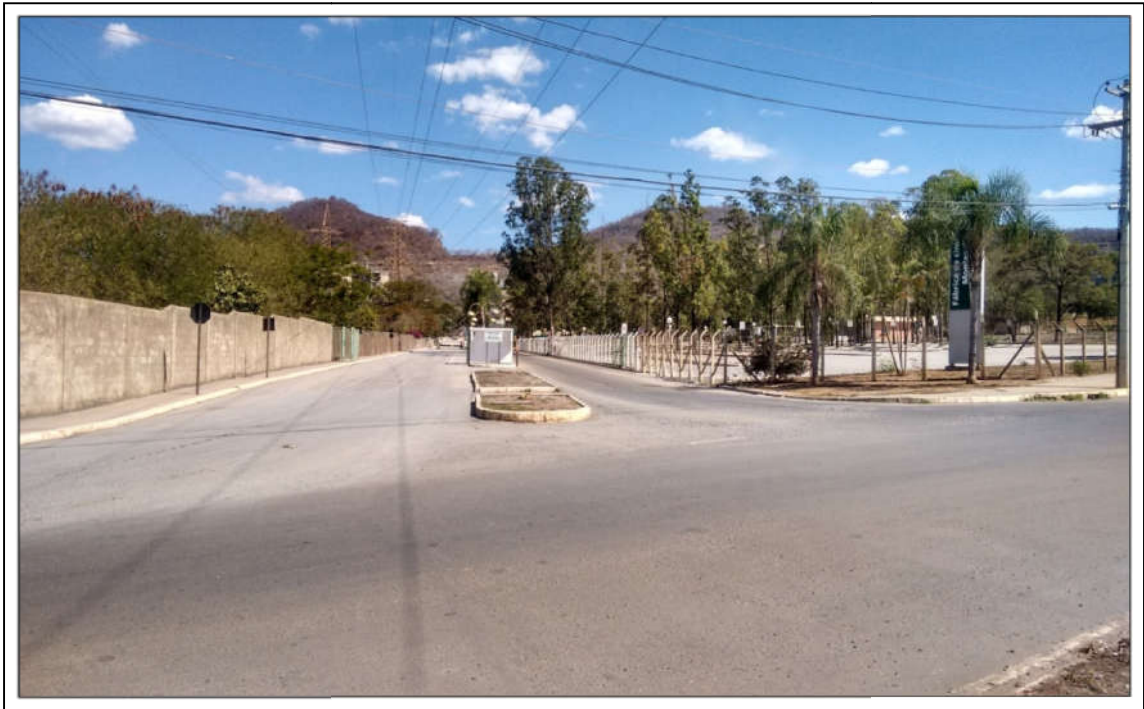
No universo das grandes corporações empresariais é comum a fusão de grandes grupos com outros, a fim de expandir e diversificar cada vez mais seu mercado consumidor. Foi o que aconteceu com a Lafarge, grupo sediado na França, e tido na época como o maior produtor mundial de cimento, quando em setembro de 1996 adquiriu e passou a controlar a MATSULFUR (que pertencia ao grupo Asamar), passando a ser denominada a partir de então de Lafarge. A empresa possui seis unidades de produção no estado de Minas Gerais, onde a filial montesclareense se configura como a maior planta industrial do estado em termos de capacidade individual de produção. Prochnik *et al* (1988, p.88) afirma que:

O Grupo Lafarge gastou US\$ 215 milhões na aquisição da MATSULFUR segundo a Revista Minérios (09/96, pág. 30). As duas plantas da MATSULFUR tem capacidade instalada total de 1,7 milhão de toneladas/ano, segundo os dados presentes no site da MATSULFUR na Internet. A planta de Montes Claros - MG responde por 1,2 milhão dessa capacidade e os outros 500 mil de capacidade ficam na moagem de clínquer em Brumado na Bahia.

A unidade montesclareense da MATSULFUR que agora é Lafarge, representa um marco no cenário das transformações que impulsionaram e deram à Montes Claros e região maior visibilidade em um cenário de escala regional e até mesmo nacional, no que tange ao crescimento socioeconômico e industrial, pois o projeto que culminou em sua efetiva implantação foi pioneiro no âmbito da agenda de investimentos e subsídios da SUDENE, quando esta começava a colocar em prática seus programas na década de 1960.



**Figura 6:** Portão de acesso à fábrica de cimento



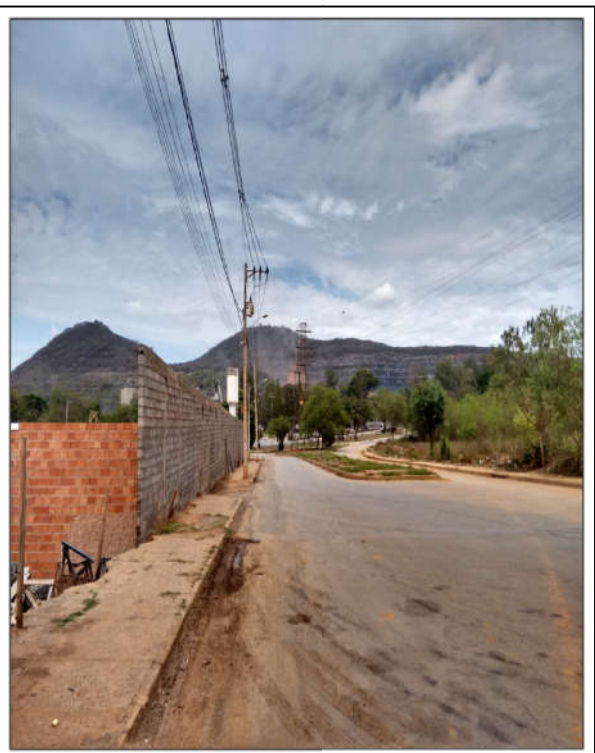
**Autor:** SANTOS, D. S. 2017

**Figura 7:** Rua Valdir Gomes da Costa, e ao fundo a fábrica de cimento.



**Autor:** SANTOS, D. S. 2017.

**Figura 8:** A fábrica de cimento e o morro dois irmãos, vistos do bairro Castelo Branco



**Autor:** SANTOS, D. S. 2017.

Portanto, a partir do ano de 1996, a Lafarge passou a desenvolver suas atividades em Montes claros, de modo que temas como a segurança e preocupação com seus colaboradores se tornaram, de acordo com a própria empresa, centrais. Diferentemente da gestão anterior, como será abordado mais adiante, os investimentos em segurança e aperfeiçoamento de seu pessoal foram massivos “No biênio 2003/2004, a empresa investiu R\$ 1,4 milhão em segurança na unidade Montes Claros, o que inclui treinamentos, aquisição de materiais, obras e outras iniciativas relacionadas à área de Segurança”. Lafarge (2010, p.6). E com relação ao meio ambiente “No biênio 2003/2004, a unidade Montes Claros investiu R\$ 665.892 em meio ambiente, plantou 21.200 mudas de espécies nativas, recuperando cerca de 2 hectares ao redor da área industrial em parceria com o IEF<sup>13</sup>.” Lafarge (2010, p.9).

Dando prosseguimento à discussão da temática das fusões de grandes grupos corporativos, e mais especificamente aquelas do setor cimenteiro que está sendo aqui abordado, no ano de 2014 o grupo francês Lafarge após uma série de especulações, deu início a uma enorme negociação com a transnacional suíça Holcim (esta que iniciou suas atividades em solo brasileiro a partir do ano de 1951) e que em seu portfólio inclui atividades de diversas naturezas, como a fabricação e distribuição de cimento, produção, processamento e distribuição de agregados como brita, cascalho, areia, concreto e asfalto além de encabeçar diversos projetos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico (P&D), iniciando assim um dos maiores processos de fusão do mundo neste segmento, que resultaria na Lafarge-Holcim, corporação que se posiciona a partir de então como líder mundial na produção de materiais para a indústria de construção. Galhardo (2014, p.37) afirma que:

As duas maiores fabricantes de cimento do mundo, a francesa Lafarge e a suíça Holcim, chegaram a um acordo de fusão no dia 5 de abril de 2014, que vai criar a maior empresa do setor, avaliada em US\$ 55 bilhões, e com vendas combinadas de mais de US\$ 40 bilhões por ano.

Mais tarde, e muitas negociações depois, no dia 15 de Julho de 2015, após a conclusão de todos os trâmites necessários é lançado mundialmente o grupo que agora passa a se chamar Lafarge-Holcim, com sede em Rapperswil-Jona, Suíça. “Com presença equilibrada em 90 países e foco em cimento, agregados e concreto, a Lafarge-Holcim é líder mundial da indústria de materiais de construção. O Grupo possui 115 mil funcionários em todo o mundo e vendas combinadas de CHF<sup>14</sup> 33 bilhões em 2014”. Holcim (2017).

---

<sup>13</sup> IEF: Instituto Estadual de Florestas.

<sup>14</sup> CHF: Franco suíço, moeda utilizada pela Suíça e pelo Liechtenstein.

Deste modo, esta sumária exposição cronológica da indústria cimenteira montesclarensense, procurou expor as principais transições que a mesma teve no decorrer de sua história, ilustrando os conjuntos de variáveis centrais que culminaram no processo de inserção e consolidação da referida planta industrial na região. Esta contextualização se configura como de suma importância para este trabalho, haja vista que o entendimento dos processos direta ou indiretamente associados à gênese e desenvolvimento do bairro Jardim Eldorado, permitirão um entendimento mais abrangente do tema desta pesquisa, ou seja, o bairro propriamente dito, com toda sua carga principal de elementos constitutivos, com seus personagens, seus signos identitários, as histórias dos sujeitos, dentre outros elementos, a fim de possibilitar uma compreensão multicausal destas complexas e densas dinâmicas, do todo e de suas partes componentes, fazendo para isso abordagens de natureza multiescalar e sob distintos prismas.

## **2.2 UM RESGATE HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO JARDIM ELDORADO**

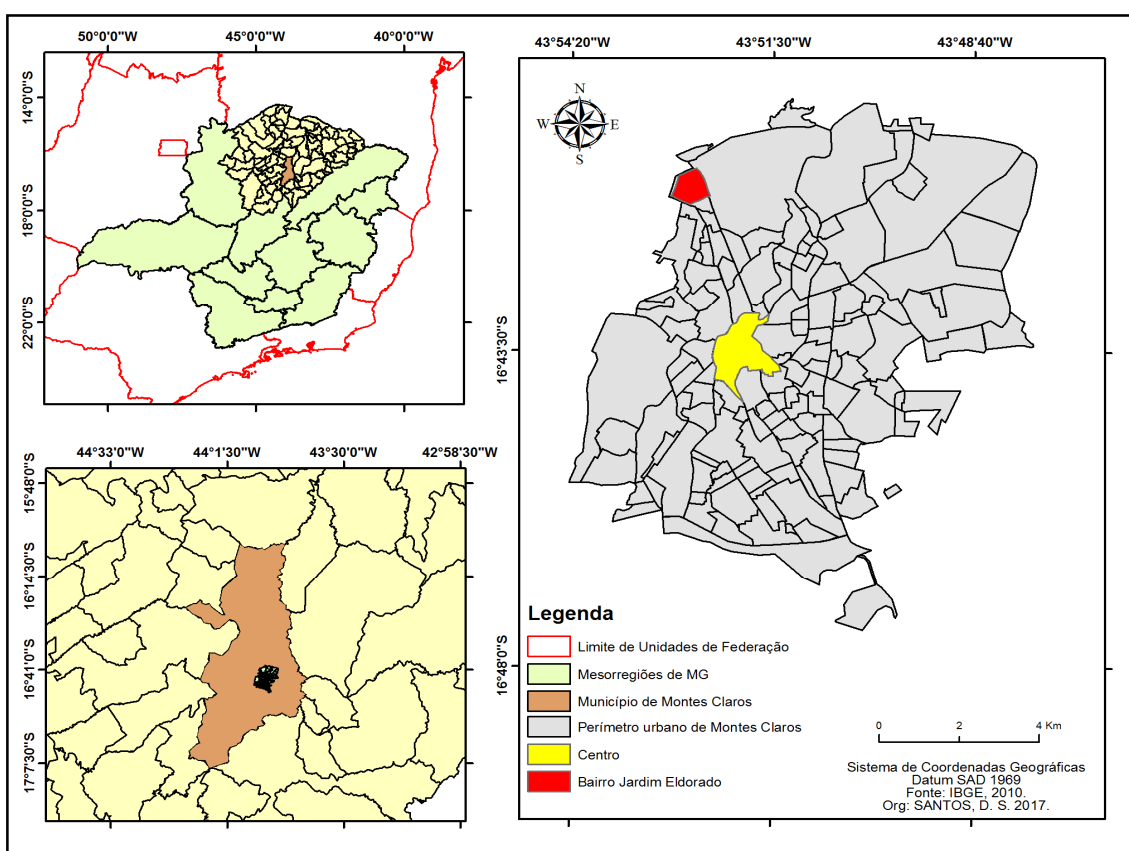
Para se compreender um lugar, ou os lugares, de uma maneira coerente e integral, é encará-lo sempre dentro de um contexto maior, onde a variação na escala de análise irá determinar qual é o tipo de lugar será abordado. Desta maneira faz-se necessária uma contextualização no que se refere ao lugar abordado por essa pesquisa, tanto em termos espaciais quanto temporais, a fim de melhor discutir e entender as considerações seguintes.

De modo denso, a compreensão dos componentes de um bairro está intrinsecamente ligada à escala de análise e à existência ou não da subjetividade, por exemplo, a rua representa um microcosmo único para cada sujeito que faz uso dela: o morador, o transeunte, o pedinte, o trabalhador desta rua, dentre outros atores, estes irão compreender esta microdimensão de maneira isolada e única, como seu lugar de vivência. Porém, quando a escala de análise é aumentada, a rua passa a ser parte de um todo um tanto maior: o bairro. A subjetividade é relegada a segundo plano, pois pensar no conceito de bairro, é pensar de maneira coletiva, é pensar em um lugar maior, que engloba as peculiaridades de seus habitantes, e que reflete/representa os ideais destes mesmos, a exemplo de um bairro de alto padrão que personifica os ideais de bem estar econômico de seus moradores através de elementos arquitetônicos bem planejados, suntuosos e imponentes, em contrapartida, um aglomerado subnormal representa os anseios e necessidades de seus moradores, e assim por diante, na

medida em que as escalas vão aumentando o pensamento coletivo teoricamente deverá ser mais e mais patente.

Como já relatado, o *locus* deste trabalho é um bairro localizado na porção Noroeste da cidade de Montes Claros, denominado de Jardim Eldorado, o mesmo situa-se nas adjacências da indústria de cimento Lafarge-Holcim, que também foi e ainda é tema de discussão neste trabalho. Com uma população, de acordo com os dados demográficos referentes ao ano de 2010 que foram disponibilizados pela prefeitura municipal, de 6.237 habitantes<sup>15</sup>, este se configura como um dos bairros mais populosos da cidade de Montes Claros.

**Mapa 2:** Localização do bairro Jardim Eldorado, Montes Claros – MG.



Org: SANTOS, D. S. 2017.

Esta população, como será tratado mais adiante, é um tanto diversificada, em termos de origem, uma vez que parte dela é oriunda de municípios vizinhos ao de Montes Claros, enquanto outra é proveniente da zona rural de distintos municípios, incluindo o próprio

<sup>15</sup> Dados demográficos referentes ao ano de 2010 disponíveis no site da prefeitura municipal.

Fonte: PrefeituraMunicipaldeMontesClaros.com



montesclarenses. Assim sendo, esta população contribuiu e contribui para com a formação e intensificação das características e elementos, materiais e imateriais que integram e reafirmam a identidade do bairro.

Em termos de localização (Cart. imag. 2) o bairro em discussão está, em relação à área central de Montes Claros, situado na parte periférica da mesma, limitado a Leste pela BR 135 na saída para a cidade de Januária, e a Oeste pelo muro da indústria de cimento que circunda praticamente todo o Noroeste do bairro, deste modo o crescimento do mesmo ficou limitado ao Norte entre o muro e as margens da BR 135, e ao Sul no sentido do bairro Santa Eugênia.

No ano de 2010 o número aproximado de habitantes era de 6.327 pessoas, se posicionando assim na sétima posição no ranking de bairros com maior número de habitantes, este que ficou configurado da seguinte forma: 1º Independência (24.950 Hab.), 2º Centro (13.780 Hab.), 3º Esplanada (12.473 Hab.), 4º Alto São João (10.930 Hab.), 5º Major Prates (8.964 Hab.), 6º Maracanã (7.460 Hab.), 7º Jardim Eldorado (6.327 Hab.).<sup>16</sup>

**Carta imagem 2:** Localização do bairro Jardim Eldorado



**Org:** SANTOS, D. S. 2017.

<sup>16</sup> De acordo com os dados demográficos referentes ao ano de 2010 que foram disponibilizados no site da prefeitura municipal. **Fonte:** PrefeituraMunicipaldeMontesClaros.com.

O bairro Jardim Eldorado assim como diversos outros, surgiu na década de 1970, logo após o início do dinamismo econômico que a região norte mineira da SUDENE, começa a experimentar. Montes Claros e Pirapora passam a se configurar como uma “promessa”, um mercado de trabalho que iria absorver muita mão de obra. “Neste período, as microrregiões que apresentaram maiores taxas de crescimento populacional foram as de Pirapora (73%) e Montes Claros (43%), onde localizavam os dois únicos distritos industriais da “Área Mineira de Atuação da SUDENE.” (DE PAULA, 2003, p.71). Fato que provocou uma verdadeira reorganização das dinâmicas populacionais, uma vez que muitos municípios vizinhos começaram a ter uma diminuição em sua população, que agora realizavam um verdadeiro êxodo na direção a esse novo mercado, em busca de melhores condições socioeconômicas. No caso de Montes Claros especificamente uma “análise da evolução da população da cidade, na década de 1960 a 1970 e de 1970 a 1977, permite a constatação desse crescimento demográfico bastante elevado, em torno de 10% ao ano.” (BRAGA, 2008, p.58).

Significativa parcela dessa massa migrante era oriunda do meio rural, de modo tal, que a intensificação do processo de migração de massas em direção a meio urbano, provocou um êxodo rural no sentido estrito da palavra. No caso do município de Montes Claros “em 1960, a população urbana representava 31% do total, atinge 75% em 1970 e, chega em 1980, a 88%. Em contrapartida, a situação da população rural para os mesmos anos é de 69%, 25% e 12%.” (BRAGA, 2008, p. 60).

**Tabela 1:** Taxas de crescimento da população urbana de Montes Claros.

Período	Taxa média anual
1909 – 1940	1,4
1940 – 1950	4,0
1950 – 1960	7,1
1960 – 1970	7,9
1970 – 1980	6,0

**Fonte:** BRAGA, 2008

**Org:** SANTOS, D. S. 2017

Uma das possíveis explicações para tal fato seriam as baixas taxas de absorção de mão de obra, por parte de atividades típicas do meio rural norte mineiro, principalmente a pecuária extensiva, de tal modo que as populações necessitando de melhorias, em termos socioeconômicos, neste cenário, viram nos processos e na agenda da SUDENE para o Norte de Minas uma boa oportunidade para obter melhorias de vida. Esse processo ocasionou um aumento notório das taxas demográficas no pós 1960, contribuindo para o aumento da

demanda por serviços públicos, infraestruturas básicas, e planejamentos por parte dos gestores.

**Tabela 2:** Evolução da população do município de Montes Claros 1960 – 1980

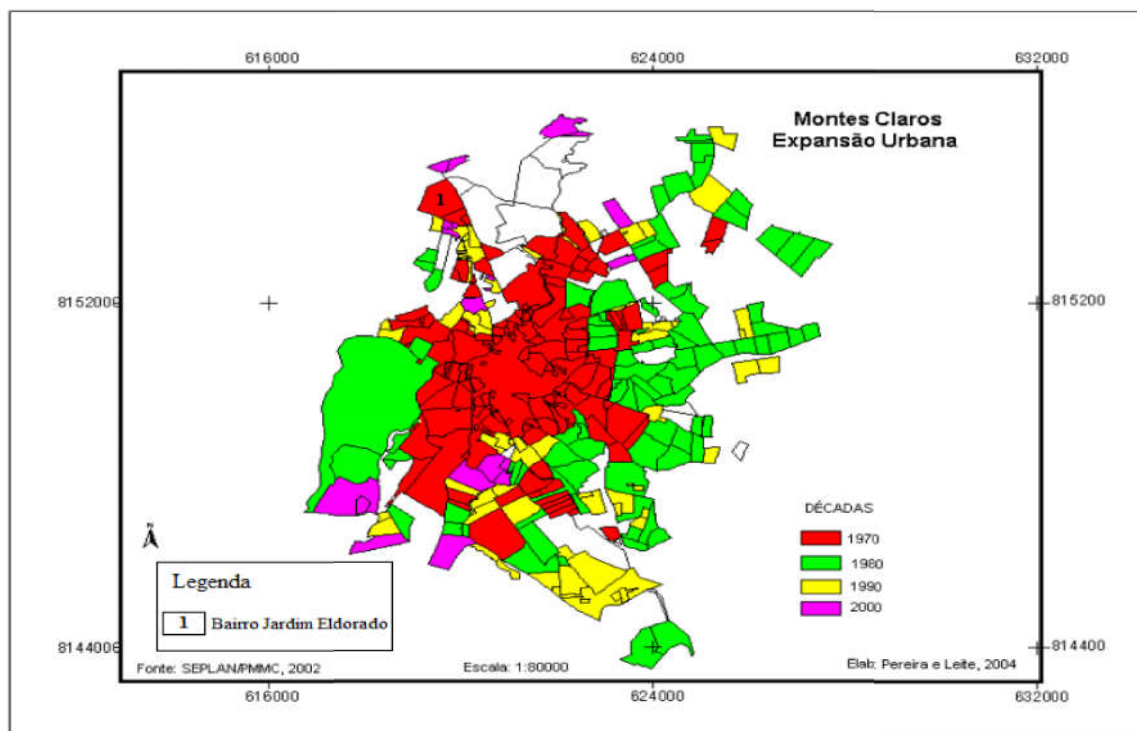
Município	População			%	
	1960	1970	1980	1960/1970	1970/1980
Montes Claros	131.337	116.486	177.558	1,19	4,30

**Fonte:** BRAGA, 2008.

**Org:** SANTOS, D. S. 2017

No período pós-instauração da SUDENE na região, no ano de 1960 a população montesclarenses que era de 131.337 habitantes, aparentemente regrediu para 116.486 habitantes no ano seguinte, entretanto isto ocorreu pelo fato de que houve um desmembramento<sup>17</sup> no município de Montes Claros, que deu origem a novos municípios “contando-se com os novos municípios, a população de Montes Claros seria em 1970 de supostamente 149.608 habitantes.” (BRAGA, 2008, p.59).

**Mapa 3:** Expansão Urbana da cidade de Montes Claros de 1970 a 2000.



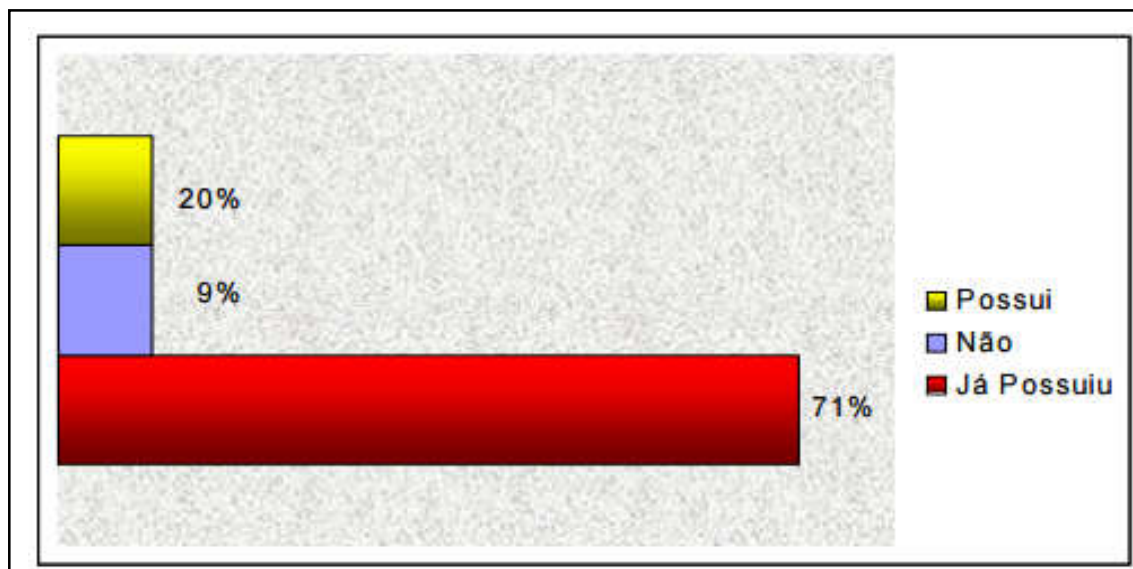
**Fonte:** SEPLAN/PMMC, 2002, Elab: Pereira e Leite, 2004.

**Org:** SANTOS, D. S. 2017.

<sup>17</sup> Pela lei estadual n.º 2.764, de 30-12-1962, desmembra do município de Montes Claros os distritos de Mirabela e Patis, para formar o novo município de Mirabela. (IBGE, 2017).

Grande parte dos migrantes que se estabeleceram na cidade de Montes Claros a partir da década de 1970 possui ou já possuíram algum vínculo com o meio rural como pode ser observado na Fig. 9:

**Figura 9:** Relação do Migrante com a Propriedade Rural



Fonte: DE PAULA, 2001.

Estes sujeitos migraram do campo em direção à cidade em função de variáveis que lhes ocasionaram uma verdadeira repulsa, a exemplo da falta de oportunidades de trabalho e a busca por melhores condições de vida, de modo que muitas das características da carga de vivências destas pessoas ainda são mantidas e são patentes de diversas maneiras, como as festas de bairro, principalmente aquelas de cunho religioso, festas de Agosto, cavalgadas dentre outros. De Paula (2003, p.108) coloca que:

Os números demonstram que os migrantes rurais são sujeitos do campo, que viviam da agricultura familiar e por falta de opção, deixaram o meio rural. Os recursos financeiros conseguidos com a venda da terra são insuficientes para comprar uma moradia na cidade e acabam (*Sic*) servindo para abertura de pequenos negócios que sem a devida orientação encerram as atividades no primeiro ano de funcionamento. Os que ainda possuem terras no campo são porque ainda mantem (*Sic*) alguém da família no lugar ou são herdeiros. Os que nunca possuíram terras sempre viveram no meio rural trabalhando para terceiros e, hoje, na busca de melhores (*Sic*) oportunidades estão no espaço urbano.

Ao saírem de suas cidades natais, em considerável parte dos casos, muitas destas pessoas acabam por se estabelecerem em áreas periféricas que carecem de infraestruturas e serviços (o caso específico do Jardim Eldorado será abordado mais adiante) de modo a intensificar um verdadeiro círculo vicioso, que a cada dia se torna mais e mais complexo. E



como salientado acima, algumas destas pessoas desfazem de suas propriedades rurais e passam a morar de aluguel na cidade, em função da insuficiência dos recursos financeiro. Em outros casos, há a ocupação de terrenos públicos e/ou particulares, não única e exclusivamente por parte de migrantes rurais, mas também de outros migrantes de modo geral. No caso do bairro Jardim Eldorado, existe um aglomerado subnormal<sup>18</sup> em seu interior: a Vila Alice, “essa ocupação remonta à década de 1970 em terreno de propriedade da Mitra Diocesana da Igreja Católica”. Maia e Leite (2015, p.8). E sua população é originária de outros bairros (39%), da zona rural (33,80%), outra cidade (15,60%) e do mesmo bairro (11,60%).<sup>19</sup>

Ainda sobre os migrantes rurais De Paula (2003, p.99) afirma que:

Em Montes Claros os migrantes rurais auxiliam na transformação do espaço urbano, trazendo grande diversidade cultural, introduzindo costumes, modificando valores, fazendo história, mas muitos permanecem às margens do mercado de trabalho. Enquanto suas festas, danças e músicas são referenciadas e aplaudidas pelas camadas dominantes da população, como nas famosas “festas de agosto” com seus catopês, caboclinhos e marujos, os trabalhadores e trabalhadoras rurais continuam servindo de reserva de mão-de-obra.

Mesmo se desfazendo de suas propriedades, muitos destes sujeitos ainda mantêm laços com o universo campestre, uma vez que o mesmo provoca sentimentos nostálgicos e lembranças de outrora, ou em suas palavras “dos bons tempos que não voltam mais.”

A figura abaixo (Fig.10) retrata o mapa do projeto de loteamento original que originou o aqui abordado bairro Jardim Eldorado. Este loteamento que era de propriedade do senhor Lauro de Azevedo Maia e que possuía ao todo um total de 1.028 lotes, distribuídos em 71 quadras. Esta área que foi loteada, e que hoje constitui o bairro Jardim Eldorado, fazia parte do terreno de uma fazenda denominada Fazenda Boa Vista, às margens da BR 135, saída para a cidade de Januária, km 03, no limite de transição entre a área urbana e rural do município de Montes Claros, MG. Em outras partes do terreno desta fazenda a Companhia de Materiais Sulfurosos MATSULFUR adquiriu e obteve licença, no ano de 1965, para realizar pesquisas acerca de jazidas de calcário ali existentes, e mais tarde no ano 1970, a essa mesma

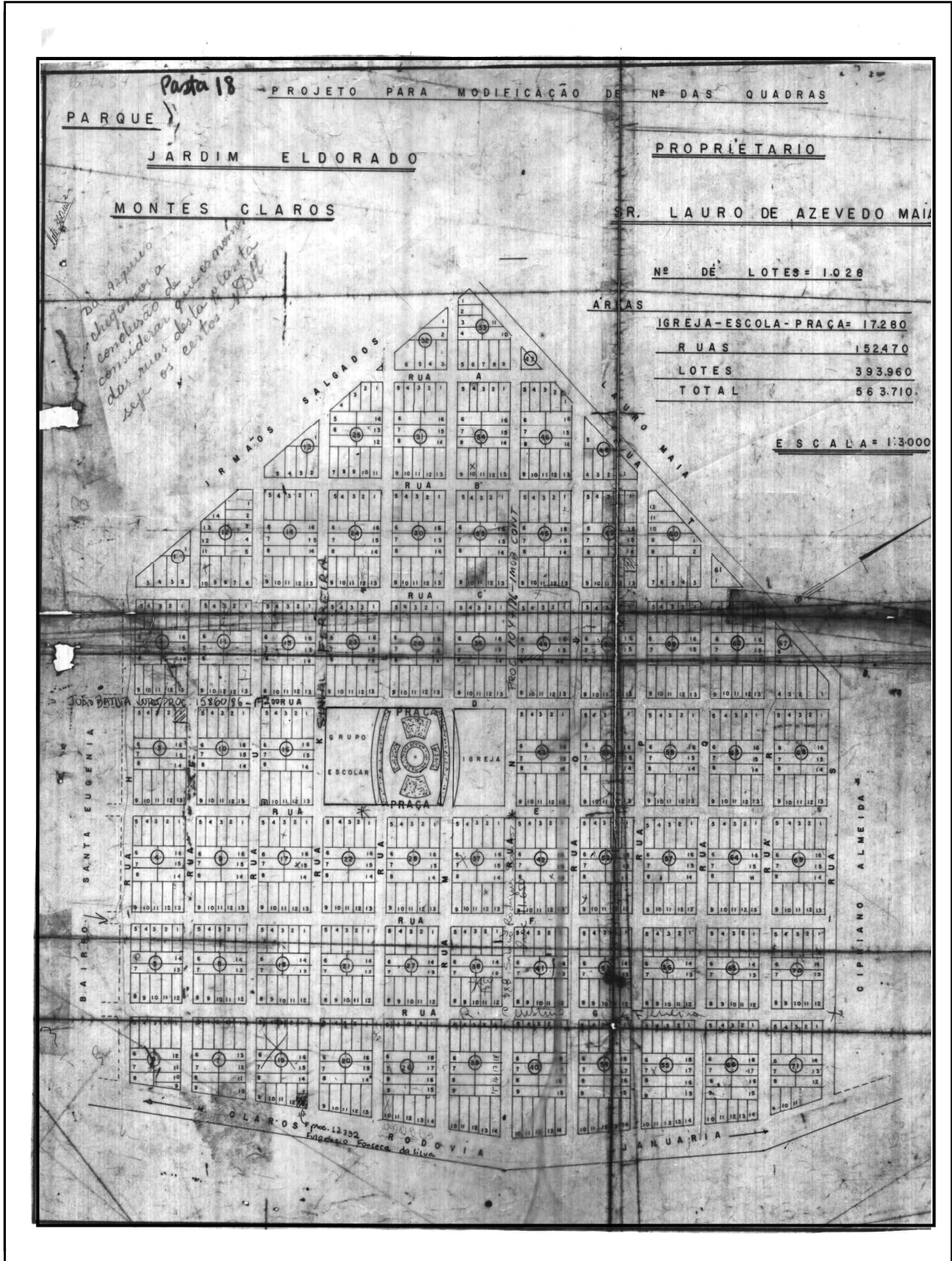
---

<sup>18</sup> Aglomerado subnormal é o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características abaixo: - irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou - carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública). São áreas conhecidas ao longo do país por diversos nomes, como favela, comunidade, grotão, vila, mocambo, entre outros. (IBGE, 2010).

<sup>19</sup> **Fonte:** Pesquisa “Diagnóstico socioeconômico das aglomerações subnormais de Montes Claros, 2006. (MAIA e LEITE, 2015).

Companhia é outorgada a “concessão para lavrar calcário [...] numa área de cento e vinte e dois hectares, cinqüenta (sic) ares (122,50 ha).” Brasil (1970).

**Figura 10:** Projeto para modificação de número das quadras do Bairro Jardim Eldorado



Considerável parcela de moradores deste bairro são oriundos da zona rural montesclarenses, bem como de diversos municípios da mesorregião do Norte de Minas e de outras mesorregiões do estado, além de outros estados brasileiros, como o Nordeste, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, e também de estados que fazem parte da região Centro-Oeste do país.

**Tabela 3:** Distribuição dos imigrantes nos bairros Centro e Jardim Eldorado da cidade de Montes Claros - MG – 2010

Área de Ponderação	Região N do Brasil	Região NE do Brasil	Região S do Brasil	Região C.O do Brasil	Estados do ES e RJ	Estado de SP	Estado de MG (exceto a mesorregião N de Minas)	Meso-região N de Minas	Ignorados <sup>20</sup>	Total
Centro	31	160	44	202	56	249	708	1.813	51	3.314
Jardim Eldorado	0	91	0	164	13	202	393	560	73	1.496

**Fonte:** LEAL, 2013, IBGE – Microdados do Censo Demográfico de 2010.

**Org.:** SANTOS, D. S. 2017.

A composição das localidades das quais os imigrantes moradores do bairro Jardim Eldorado são provenientes, como pôde ser observado acima, demonstra que a maioria destes saiu da própria mesorregião do Norte de Minas e de outras mesorregiões do estado, 560 e 393 pessoas respectivamente.

Essa miscelânea de lugares contribuiu para que a essência do bairro em si seja um tanto peculiar em diversos aspectos, estes que podem ser traduzidos de distintas e diversas maneiras, a exemplo das comemorações festivas que ali acontecem ao longo do ano, como a festa de São José Operário, que ocorre no mês de Agosto na igreja homônima. Esta festa, de acordo com moradores do bairro, é muito aguardada, pois, faz um *mix* de elementos do campo com aqueles citadinos, de modo que haja uma profusão de cores, formas e sabores haja vista que as famosas barraquinhas ali montadas vendem diversos alimentos e pratos típicos da região. Há também forte presença obviamente dos rituais sacros da igreja católica, como a

<sup>20</sup> Ignorados são aqueles que não souberam dizer de qual UF e município de onde vieram (214 pessoas). Por tratarmos de migração interna, incluímos neste item aqueles indivíduos que vieram de algum país estrangeiro (316 pessoas). (LEAL e PEREIRA, 2016, p.12).

Santa Missa em homenagem a São José Operário o padroeiro da paróquia, missas sertanejas, cavalgadas e shows com bandas regionais. Outro evento “famoso” e um tanto diferente é a eleição do morador “prosa ruim” do bairro, um acontecimento que começou entre amigos que moram no bairro e que acontece todos os anos, para os participante ser prosa ruim é ser uma pessoa divertida que é amiga de todos, ou seja, um indivíduo bem popular. Apesar de em primeiro momento a brincadeira parecer de certo modo ofensiva, ela é, ao contrário, sinal de *status* e, ela possui um propósito nobre: arrecadar cestas básicas para uma causa social que ajuda famílias carentes da região.

Deste modo, esta introdução acerca de algumas das inúmeras particularidades do bairro Jardim Eldorado, ainda que em caráter sumário, teve como objetivo estabelecer alguns dos aspectos particulares que juntos configuram o universo que ao longo da discussão será constantemente desvendado, como será visto no próximo capítulo, com as mais diversas particularidades que serão trazidas à tona através da história oral de importantes elementos constituintes deste sistema: os sujeitos que ali vivem.

### **2.3 AS RELAÇÕES TRABALHADOR-INDÚSTRIA-BAIRRO**

Como já foi introduzido anteriormente, o bairro Jardim Eldorado em si, e alguns de seus moradores possuem uma ligação com a indústria de cimento que está além do fator de proximidade geográfica como será discorrido a seguir.

No ano de 2013, o professor do departamento de História, da Universidade Estadual de Montes Claros, Laurindo Mékie Pereira, realizou uma série de entrevistas abertas com alguns ex-funcionários que trabalharam a partir do ano de 1970 na indústria MATSULFUR, a fim de entender e fazer uma análise das experiências e vivências dos trabalhadores desta fábrica. Alguns antagonismos entre as narrativas e pontos de vistas daqueles que exerciam os trabalhos braçais e as falas dos gestores da empresa, ficarão explícitos no decorrer desta discussão. Pereira e Lopes (2014, p. 290): afirma que:

Durante as entrevistas, obtivemos a informação de que a maioria dos trabalhadores veio de cidades vizinhas do Norte de Minas; e que vieram para Montes Claros em busca de trabalho e de uma oportunidade digna de vida. Esses trabalhadores

moraram um tempo em casa de parentes ou adquiriram um terreno na periferia da cidade, onde construíram um pequeno barraco até poderem erguer suas casas. Por essa razão, os que nos receberam em suas casas falaram com muito orgulho, alegria e emoção de terem sua casa própria; e afirmaram que essa aquisição foi fruto de muito trabalho e suor e, ainda, atribuíram essa conquista ao acordo da cooperativa dos trabalhadores da MATSULFUR, que tinha um programa de financiamento de lote e de construção da casa própria.

Como já abordado anteriormente, muitos destes trabalhadores eram oriundos de diversas partes do município de Montes Claros, de outros municípios e até mesmo de outros estados do Brasil, e compunham parte da massa de mão de obra não qualificada que se estabelecia na cidade, principalmente em nas áreas mais periféricas. Nas décadas de 1960 e 1970, quando da instalação e início das atividades da MATSULFUR, os maquinários que a mesma utilizava na extração e processamento de calcário e da transformação deste recurso em cimento e outros produtos afins, não possuíam tecnologia tão avançada quanto os que se tem nos dias atuais, de modo que mesmo a mão de obra abundante nesta época não possuindo qualificação, acabava sendo contratada por esta e outras empresas para exercer atividades mais braçais. Com o passar dos anos a empresa foi evoluindo e implementando novos insumos dotados de mais recursos tecnológicos à sua linha de produção, que conseqüentemente requeriam profissionais com mais preparo técnico para sua operação e manutenção, de modo tal que aqueles trabalhadores que não procuraram se adaptar a essa nova realidade acabaram sendo substituídos inexoravelmente. A MATSULFUR afirma que nesse período fazia-se necessário trazer funcionários qualificados de outras regiões para atuar na unidade montesclareense do grupo, entretanto eles “tinham dificuldade para se fixar em uma cidade pouco atrativa e castigada pelo calor insuportável típico da região.” (CAVALIERI, 2010, p.180)<sup>21</sup>. Então, a fim de evitar contratemplos do tipo e aumentar as vantagens, principalmente em termos logísticos assim como diminuir dispêndios, a empresa encabeçou projetos que visavam a qualificação de trabalhadores na própria cidade como a criação de uma escola de especialização para seus funcionários que quisessem e pudessem se aperfeiçoar, Cavalieri (2010, p.170):

Veio então a idéia de criar uma fundação educacional que ministrasse cursos técnicos. Essa iniciativa foi capitaneada pelo grupo ASAMAR e envolveu outras empresas da região. Os professores eram engenheiros e técnicos das próprias empresas. A prefeitura cedeu, com muita relutância, um prédio para o funcionamento da escola técnica. Sua manutenção era feita por meio das mensalidades dos alunos e, na maior parte, pelas empresas, que contribuíam

---

<sup>21</sup>Sérgio Francisco Soares Cavalieri foi Chefe de Construções, Gerente de Engenharia, Diretor Industrial e Conselheiro de Administração na empresa MATSULFUR - Cimento Montes Claros, de Janeiro de 1977 a Dezembro de 1996.

proporcionalmente ao faturamento e ao número de empregados. A escola era gerida por profissionais da educação, mas tinha diretoria composta por empresários, o que foi fundamental para seu sucesso e crescimento.

Essa fundação, denominada de Fundação Educacional de Montes Claros – FEMC – Escola Técnica, foi criada no ano de 1976 através da iniciativa da Associação Comercial Industrial – ACI, de Montes Claros. O modelo de gestão e pedagógico da fundação deu bastante certo, de modo que posteriormente à sua implantação ela crescia cada vez mais tanto no quesito número de estudantes quanto no montante de recursos financeiros nela investidos. “Em 1990, [...] a OIT<sup>22</sup> e a UNESCO<sup>23</sup> certificaram e passaram a divulgar em todo o mundo a qualidade do trabalho em educação profissionalizante que se realizava na instituição, e o modo de financiamento da educação de carentes, por parte das empresas.” FEMC (2017). Atualmente a FEMC matêm o colégio Delta, uma escola particular de educação básica voltada para a formação técnica de seus estudantes, e a Faculdade de Ciência e Tecnologia – FACIT, uma instituição voltada para diversos cursos de engenharia.

Através de suas conversas e entrevistas com os trabalhadores da MATSULFUR, Pereira e Lopes (2014, p.293) afirma que os mesmos:

Foram operários disciplinados e trabalharam em condições degradantes, todavia, muito bem dispostos, narraram com alegria as experiências vividas na fábrica. Com base nos depoimentos dos entrevistados, interpretamos que as relações de trabalho na MATSULFUR eram pautadas pelos princípios de dominação e subordinação, ou seja, a fábrica ditava as regras, e aqueles que as cumpriam eram premiados; os que não, eram demitidos. Os depoimentos também revelam que era preciso ter dedicação exclusiva à fábrica: “... lá tinha só a hora de entrar...”, muitas vezes mal haviam saído da fábrica, eram obrigados a retornar: “... a rural chegava com o doutor Cristóvão e não tinha jeito, tinha que voltar para a fábrica”. Em relação aos acidentes de trabalho, Antônio foi categórico: “Lá era uma tragédia, os acidentes sempre era fatal, mas culpa do peão...”.

A fala acima demonstra que a rotina dos trabalhadores era baseada na exploração e no temor de uma possível demissão, ambos faziam com que estes se sujeitassem a essas condições/termos, que nos dias de hoje podem praticamente ser encarados como inaceitáveis. Outro ponto que fica evidente na fala do entrevistado é a questão da segurança no trabalho, ou melhor, da ausência dela naquele ambiente, uma vez que, como fora relatado acima, os acidentes eram fatos corriqueiros, sendo o “peão” quem assumia a culpa pelo ocorrido muitas das vezes pelo fato de não seguirem à risca as normas e instruções de segurança.

---

<sup>22</sup> OIT: Organização Internacional do Trabalho.

<sup>23</sup> UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Acerca de eventos e iniciativas voltados para o lazer dos trabalhadores, Pereira e Lopes (2014, p.298) salienta que:

De acordo com as atas que analisamos e as entrevistas que fizemos, a MATSULFUR desde a inauguração sempre realizou grandes eventos para os trabalhadores, as festas e os brindes se tornaram símbolos de conquista e prosperidade. Nesse cenário a fábrica desenvolveu uma cultura de que ela é quem pensavam no melhor para os operários, portanto, ao trabalhador caberia apenas trabalhar e não faltar ao serviço. Foi o que percebemos na fala de um dos nossos vários entrevistados, com as mãos calejadas mostrou suas medalhas e troféus conquistados por mérito pessoal, individual, e não coletivo. No entanto, Raimundo fez uma afirmação que merece destaque: “os companheiros começaram a descobrir uma nova vida fora dos muros da fábrica e notaram que não estavam só, estavam conhecendo os trabalhadores das fábricas de outras regiões e suas lutas”.

Comportamento deveras pouco democrático por parte da empresa, tendo em vista que o fato de pensar para, e não com os operários demonstra que os vínculos estabelecidos entre os interlocutores giravam em torno de uma confiança construída a partir de um condicionamento prévio por parte da fábrica, que dirigiu seus esforços para a criação de uma imagem positiva e cordial através de “grandes eventos”, da distribuição de “brindes” e a criação de “válvulas de escape” como o futebol, que serviram para camuflar a paulatina exploração dos trabalhadores que sucedeu nos anos posteriores à inauguração da indústria.

Em contraponto à fala dos trabalhadores e de Pereira e Lopes, está a fala de Cavaliere (2010, p.172), um integrante do corpo administrativo da MATSULFUR, que relata como era a rotina extra laboral dos funcionários da empresa.

Festas e comemorações também são características do grupo, e o culto religioso sempre marca o início dos eventos. Em Montes Claros, as principais comemorações eram o dia do trabalho e o Natal. No dia 1º de Maio, os empregados eram homenageados com medalhas e relógios por tempo de “casa” e era realizado um grande churrasco para todos os funcionários, enquanto assistiam a um jogo entre um grande time de futebol local e a seleção da Asamar. A festa de Natal era bem maior, pois as famílias eram também convidadas, e ganhavam cesta de Natal e brinquedos para os filhos. Esse mesmo espírito de celebração permanece até hoje nas empresas do grupo. [...] a festa de São João é realizada em todas as 42 filiais e se transformou na maior festa anual da empresa. Em determinados dias os funcionários vão trabalhar vestidos a caráter e dançam forró nos intervalos do trabalho. Esse é mais um aspecto que diferencia sua gestão de pessoas.

Desta maneira a empresa ganhava a confiança do trabalhador e os “laços” entre ambos eram um tanto estreitos. Estas válvulas de escape eram vistas com bons olhos pelos trabalhadores, tendo em vista que sua rotina era bastante pesada, e qualquer forma de lazer

que possibilitasse certo distanciamento ou algum tipo de “fuga” do ambiente fabril era bem assimilada.

A rotina dos trabalhadores era exaustiva e com um significativo grau de periculosidade, como se pode constatar na fala de um dos entrevistados de Pereira e Lopes (2014, p.291):

“Durante 23 anos trabalhei na fábrica, passei toda a minha juventude lá dentro, não fiquei mais porque não quis, quando entrei láo (*Sic*) serviço era muito pesado. Eu joguei no time da fábrica, fomos campeão do campeonato das indústrias. Eu trabalhei de mecânico, mas naquela época não tinha esses equipamentos moderno que têm hoje. O forno um e dois, tinha um sistema mecânico e sua manutenção era osso. A coisa era resolvida na pá, na enxada, no carrinho e no braço. Comi muita poeira de carvão, de cimento, eles davam um lanche muito bom, era muito leite, pão com salame, para guentar o batente que era de matar. Para fazer manutenção, tinha que ligar para fazer o bloqueio do parafuso gigante que rodava o cimento. Um soldador ficou um dia soldando o parafuso, aí dera uma rata, ligaram o parafuso e mataram o soldador. Acidente de trabalho naquela época era muito comum acontecer... muitas vezes provocado pelo cansaço do serviço pesado ... no início faltava equipamentos de segurança e a quando começou a ter a piãozada não dava muita bola pra usar, depois a gente foi acostumando. Na manutenção diária do forno, a gente usava um casaco de amianto, uma bota com o solado de madeira era um tamanco (*Sic*), porque o calor era violento... então a gente ia revezando, ninguém agüentava ficar mais de dez minutos, o peão fazia o serviço e saía correndo ... não podia tomar vento .... ia pra sombra, lá tirava o capacete que já tava ficando meio mole e o casaco de amianto, ficava banhado de suor, o jeito era tomar muita água. Uma vez por ano, costumava parar a fábrica para manutenção do forno, era trinta dias trabalhando, revezando as turmas, todo mundo pegava no pesado. Após cinco (*Sic*) dias parados, começava a fazer os reparos, o forno ainda estava muito quente, por isso tinha que entrar equipado se não agüentava ...o duro era subir todas as escadas, de uma altura de setenta metros, podia usar o elevador interno, o serviço era de dar medo...principalmente na segunda feira, quando o sujeito vinha trabalhar de ressaca... mas era bom, a fábrica pagava direitinho e na cidade não tinha outro emprego, graças a Deus aposentei sem sofrer um acidente”.(COSTA, G. N. 14 Nov 2013, Montes Claros, entrevista concedida ao autor)

Existia uma relação de interdependência entre trabalhador e o empregador que ia além do mero vínculo empregatício. O fato da existência de um time de futebol despertava nos trabalhadores um sentimento de envolvimento maior, como se a suas vidas fizessem parte de um “sistema fechado”, encabeçado pela MATSULFUR. Na fala do entrevistado nota-se também um dos fatores que pode ser um atrativo para os migrantes que em chegavam em Montes Claros a procura de um emprego: os maquinários não exigiam tanto preparo técnico para serem operados, era necessário apenas trabalhos braçais. Deste modo as indústrias, em primeiro momento, absorveram muita daquela farta mão de obra que se concentrava em Montes Claros. Contudo, este cenário começou a experimentar uma série de mudanças ao longo dos anos seguintes em função principalmente da modernização das linhas produtivas e dos insumos industriais, o que conseqüentemente requeria um *upgrade* em termos de



qualificação desta mão de obra, onde aqueles que se adaptavam à nova e inexorável realidade conseguiam se manter no quadro de funcionários das indústrias, enquanto aqueles que não conseguiam, acabavam automaticamente sendo demitidos.

### 2.3.1 O JARDIM ELDORADO NA CONTEMPORANEIDADE

Nos dias atuais, muitas problemáticas comuns em 1970, ainda persistem no bairro, como consequência do descaso do poder público, este último é materializado na precariedade de alguns serviços básicos e de infraestrutura daquela localidade.

Figura 11: Matéria jornalística sobre alguns problemas do Jardim Eldorado

**12** 16 ANOS [gazetanortemineira.com.br](http://gazetanortemineira.com.br) CIDADE Montes Claros, segunda-feira, 20.2.2017 GAZETA NORTE MINEIRA

# Voz da comunidade

## Lama, animais peçonhentos, mato e lotes vagos agravam ainda mais a situação da comunidade

**Uma fábrica também é motivo de reclamação da população**

Próximo à rua, se localiza uma empresa de Fabrica de Cimento, Lafarge. Muitos moradores reclamaram das explosões, que, de acordo com eles, são frequentes. Um morador, que não quis se identificar, relatou que as explosões criaram rachaduras em sua casa, que foi reformada há três anos. Segundo eles (os moradores), antes a poluição do ar era maior, hoje está em proporção menor, mas continua.

Para Luane Matias, moradora, os problemas causados pela fábrica são frequentes ali e na região. "Existem várias rachaduras na parede, devido a estouro de bombas. Os abalos tremem a casa inteira".

A nossa equipe procurou a assessoria da empresa. Em nota, a Lafarge diz que "vem adotando uma série de medidas na fábrica de Montes Claros, a fim de reduzir a poeira levantada principalmente pelo trânsito de caminhões". A empresa acrescenta que "nos últimos dois anos, a fábrica revisou alguns processos internos, que permitiram diminuir o fluxo de veículos nas pistas e que a empresa realiza, três vezes ao dia, a umidificação das pistas". Já em relação às detonações, a Lafarge informa que "estão de acordo com a legislação vigente, que são realizadas semanalmente e que todas as detonações são comunicadas previamente à Defesa Civil". A companhia acrescenta que mantém diálogo aberto com os moradores da região, por meio de visitas e de reuniões com representantes da comunidade local, para discutir problemas e identificar oportunidades de soluções. (RS)

**O mato está crescendo, colocando moradores em risco**

No período de chuva, a situação de muitos moradores de Montes Claros é crítica, pois as ruas e a falta de urbanização aumentam e muito o risco de ocorrerem acidentes. Na rua "Q" não é diferente. Conforme um morador que não quis se identificar, em época de chuvas, os carros atolam e trazem transtornos para as pessoas que transitam no local.

O problema é que, com as chuvas, os obstáculos enfrentados pelas pessoas que vivem ali dobram, pois animais peçonhentos são vistos em diversas casas, causando medo e preocupação para os que vivem no local. Conversando com uma moradora, ela disse que já encontrou aranhas, escorpião, e até cobra em sua casa. Alguns moradores dizem que esses animais aparecem com certa frequência em suas casas, e que por isso, sempre ficam em alerta. Terezinha de Jesus é moradora do bairro há mais de 20 anos e disse que um neto já escorregou e quebrou o braço na rua. Ela acrescenta, indignada: "são coisas com as quais ficamos aborrecidos, mas não podemos fazer nada, porque procuramos as autoridades para resolver, e não resolvem. Toda vez que entra uma nova administração, pensamos que a realidade mudará, mas há 26 anos que moro aqui e nada foi feito", afirma.

**LOTE VAGO** | Segundo alguns moradores, os lotes

podem não aparentar perigo, entretanto, a situação deve ser olhada com mais cuidado, pois, o mato está crescendo e isso pode trazer perigos para a população. A nossa equipe tentou descobrir quem são os proprietários do lote, mas, até o momento, não obtivemos respostas.

Os moradores reclamam também que várias vezes foram feitos baixo-assinados, os quais foram levados à Prefeitura, solicitando o asfaltamento da rua, mas vereadores foram até o local, prometeram sanar as dificuldades dos moradores, e, depois, não mais voltaram, deixando a rua totalmente abandonada.

Segundo Terezinha, mo-

rador, várias vezes a população solicitou a Prefeitura, pedindo a pavimentação da rua, mas, além de nada ser feito, ainda consta que o local já foi asfaltado.

Durante a reportagem, a nossa equipe flagrou um morador jogando um entulho no meio da rua. Segundo informações apuradas, esse método foi para tampar um buraco. Tentamos entrar em contato com Prefeitura de Montes Claros, para obter uma resposta enquanto as reclamações dos moradores, mas até o fechamento desta edição, não obtivemos respostas. (RS)

Fonte: Gazeta norte mineira, 2017.

Apesar de terem se passado quarenta e sete anos desde sua consolidação como "bairro", o Jardim Eldorado ainda enfrenta algumas problemáticas comuns naquela época, como ruas e calçamentos deteriorados, e, como reforçado acima pela matéria jornalística, a proximidade do bairro com a planta da indústria de cimento acaba por ser prejudicial àqueles

que ali moram, pois, a detonação frequente de explosivos pela fábrica para a retirada de calcário da lavra, acaba afetando, como colocado acima, a estrutura das moradias situadas naquele entorno, os moradores são enfáticos ao dizerem que “existem várias rachaduras na parede, devido ao estouro de bombas. Os abalos tremem a casa inteira.” Gazeta (2017).

Além prática de utilização de explosivos, a indústria ainda lança, através das chaminés de seus fornos, diversos gases e materiais particulados à atmosfera, estes que dependendo da quantidade emitida podem ser nocivos à saúde humana. A FEAM<sup>24</sup> (2010, p.16) afirma que:

O coprocessamento, assim como a combustão incompleta dos combustíveis, é uma potencial fonte de geração de diversos outros poluentes, como, por exemplo, óxidos de nitrogênio (NOx), óxidos de enxofre (SOx), ácido clorídrico (HCl), ácido fluorídrico (HF), monóxido de carbono (CO) e dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>).

De acordo com as legislações da FEAM, existem limites máximos de emissões atmosféricas que devem ser obedecidos por aquelas indústrias que exercem atividades potencialmente poluentes, o que inclui as indústrias produtoras de cimento, como pode ser observado na tabela a seguir:

**Tabela 4:** Limites máximos de emissão de poluentes

Poluente	Limites máximos de emissão
Ácido Clorídrico – HCL	1,8kg/h <sup>27</sup>
Ácido Fluorídrico – HF	5 mg/Nm <sup>3</sup> <sup>28</sup>
Monóxido de Carbono - CO	100 ppmv <sup>29</sup>
Material Particulado - MP	70 mg/Nm <sup>3</sup>
Hidrocarbonetos Totais - THC	20 ppmv
Mercúrio – Hg	0,05 mg/Nm <sup>3</sup>
Chumbo – Pb	0,35 mg/Nm <sup>3</sup>
Cádmio - Cd	0,10 mg/Nm <sup>3</sup>
Tálio – TI	0,10 mg/Nm <sup>3</sup>
(As+Be+Co+Ni+Se+Te) <sup>25</sup>	1,4 mg/Nm <sup>3</sup>
(As+Be+Co+Cr+Cu+Mn+Ni+Pb+Sb+Se+Sn+Te+Zn) <sup>26</sup>	7,0 mg/Nm <sup>3</sup>

**Fonte:** FEAM, 2010.

**Org:** SANTOS, 2017.

<sup>24</sup> FEAM: Fundação Estadual de Meio Ambiente

<sup>25</sup> Arsênio+Berílio+Cobalto+Níquel+Selênio+Telúrio

<sup>26</sup> Arsênio+Berílio+Cobalto+Cromo+Cobre+Manganês+Níquel+Chumbo+ Antimônio+Selênio+Telúrio+Zinco

<sup>27</sup> kg/h: Quilograma por hora

<sup>28</sup> mg/nm<sup>3</sup> : Miligramas por normal metro cúbico

<sup>29</sup> ppmv: Partes por milhão por volume

Ainda de acordo com a FEAM, devem ser levadas em consideração as características climáticas e de relevo em escala local e regional, assim como a maior ou menor intensidade de ocupação industrial e os valores da qualidade do ar na região a ser diagnosticada.

Destarte, a Lafarge reafirma seu comprometimento com as questões de cunho ambiental, ressaltando que suas licenças de operação (LO) e licenças ambientais (LA) estão sempre em dias com os órgãos competentes, Superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável Norte de Minas – SUPRAM NM e Fundação Estadual do Meio Ambiente – FEAM respectivamente. De acordo com LAFARGE (2005, p.9):

A fábrica de Montes Claros conseguiu reduzir em 48% a emissão de CO<sub>2</sub> por tonelada de cimento produzido até 2004, o que colaborou para que a Lafarge Brasil fechasse 2004 com uma redução de 30% na emissão de CO<sub>2</sub> (com base nas emissões de 1990) – um grande avanço em relação à meta mundial do Grupo, que se comprometeu a reduzir em 20% as emissões de CO<sub>2</sub> por tonelada de cimento produzido até 2010. A pedido dos órgãos oficiais ligados ao Meio Ambiente, como FEAM (Fundação Estadual do Meio Ambiente) e COPAM (Conselho de Política Ambiental), a Lafarge realiza semestralmente medições das emissões atmosféricas. Os resultados ficam sempre abaixo do índice considerado recomendado pelas instituições, o que atesta que a Lafarge vem adotando os mais rígidos padrões internacionais de controle na unidade.

Diante disso, têm-se dois lados antagônicos de uma mesma questão, de um lado representantes de uma população que é obrigada a conviver cotidianamente com aqueles problemas que eles afirmam ser ocasionados pela fábrica, enquanto do outro lado está a referida indústria que reforça o discurso de seu compromisso e respeito ao meio socioambiental, além de reiterar que cumpre todos os requisitos e exigências feitas pelos órgãos competentes. Deste modo, esta se revela como uma questão bastante complexa e delicada a se tratar. Por isso no capítulo subsequente, a analisaremos com mais profundidade e propriedade, a fim de compreendê-la melhor.

Outras problemáticas recorrentes no bairro têm a ver com questões que competem ao poder público, como já salientado anteriormente. São problemas voltados às infraestruturas, o que inclui ruas e calçamentos deteriorados, e ainda, como foi tratado na supracitada reportagem (Fig. 11), a ocorrência de ruas sem asfaltamento que acarretam uma série de inconvenientes para aqueles moradores, cabe ainda observar ocorrências como a falta de zelo para com diversos lotes e áreas que se configuram como possíveis atrativos para insetos e animais peçonhentos, como relatam os moradores do bairro.



**Mosaico de fotos 1:** Parte do bairro com construções em áreas de risco, ruas sem pavimentação e lixo depositado em lotes vagos.



**Autor:** SANTOS, D. S. 2017.

Figura 12: Matéria jornalística sobre alguns problemas do Jardim Eldorado



Fonte: Gazeta norte mineira, 2017.

A rua “Q” tratada acima, já se encontra na zona limítrofe entre o bairro Jardim Eldorado e o muro da fábrica de cimento, porém ainda não conta com pavimentação ou algum tipo de calçamento, o que, como bem exposto na supracitada matéria, acaba por acarretar uma série de inconvenientes para aqueles moradores.

Destarte, pôde-se observar que a relação existente entre a indústria MATSULFUR e o bairro, desde sua gênese, estão entrelaçadas, haja vista que o crescimento haja vista que o crescimento do bairro acabou, de tal maneira, sendo uma consequência da implementação da indústria naquela localidade, de modo tal, que a história da indústria montesclarenses, de fabricação de cimento neste caso específico, acaba por entremear-se com a própria história do bairro Jardim Eldorado.

Por fim, falar de um bairro é falar de um microcosmo complexo com características únicas, um universo e/ou multiverso endêmico que comporta as diversidades, dinâmicas e peculiaridades de seus componentes: os sujeitos, de modo tal que é preciso vivenciar e experienciar na prática algumas destas singularidades, para ter um entendimento e compreensão mais totalizante daquele cenário. Deste modo, a proposta do capítulo

subsequente é fazer uma imersão naquele *locus* para se aproximar das vivências e experiências das pessoas que ali vivem, e procurar entender, através da história oral, os diferentes sentimentos, quer sejam topofóbicos ou topofilicos, que afloram quando se trata do bairro e seus dinamismos.



## CAPÍTULO III

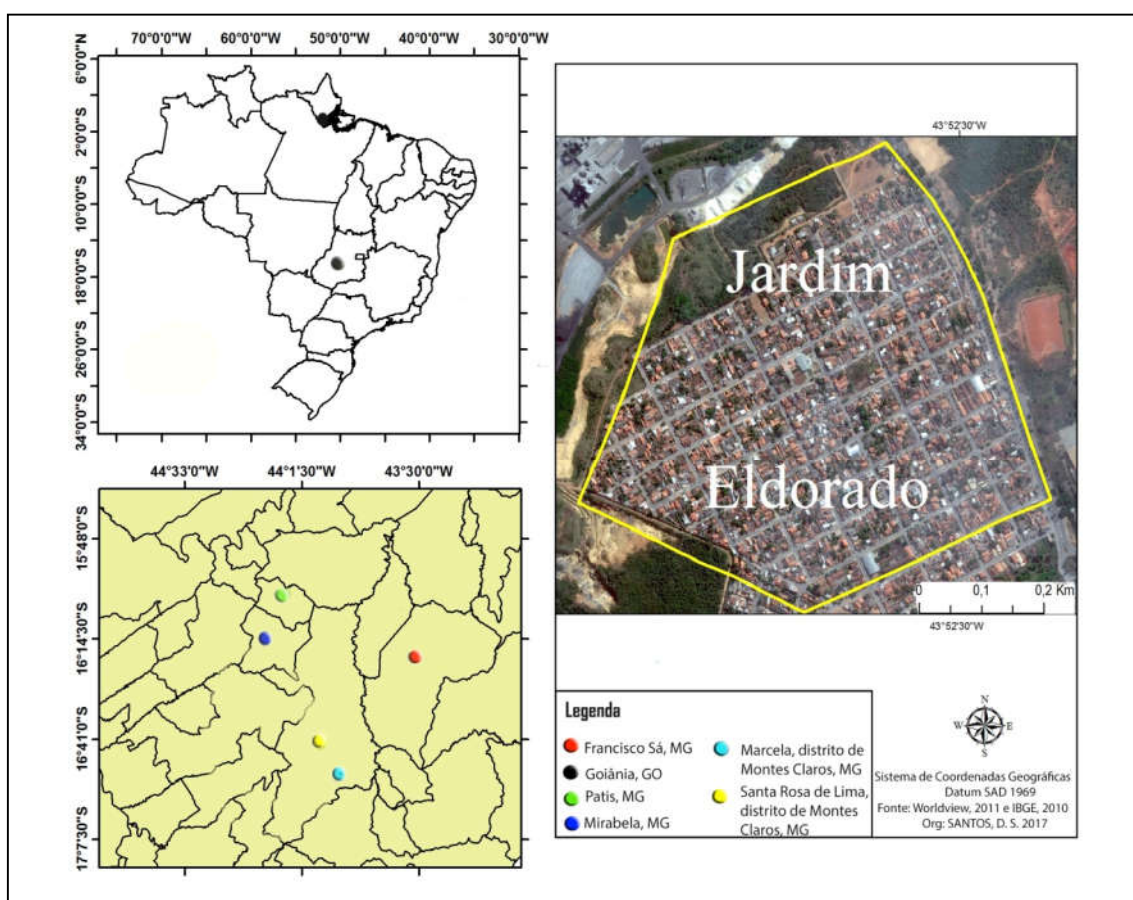
### 3. A HISTÓRIA DO BAIRRO JARDIM ELDORADO SOB A ÓTICA DA MEMÓRIA

Para a construção deste terceiro capítulo foram considerados os depoimentos dos moradores do bairro Jardim Eldorado que ali moram há mais tempo: suas origens, suas vivências, as relações de pertença, seus vínculos e os principais elementos que para eles são essenciais na composição da identidade daquele lugar.

Os trabalhos de campo constituíram um crucial exercício de interpretação da realidade a partir do conhecimento que foi compartilhado através da oralidade daqueles moradores, possibilitando desta forma uma compreensão de caráter mais holístico das teias de significado que se abrigam neste lugar e que o constitui como uma “individualidade”.

A não inserção dos sobrenomes dos entrevistados é proposital, a fim de preservar a identidade dos mesmos.

**Mapa 4:** Lugar de origem dos entrevistados



Org: SANTOS, D. S. 2017.

### 3.1 NAQUELES TEMPOS...

Recontar a história de algo ou alguém sob a égide daquilo que entendemos por memória oral, requer a consideração de dois questionamentos fundamentais e que poderão ser tomados como nucleares no âmbito das discussões que sucederão *a posteriori*. A primeira indagação é “De que há lembrança?”, ou seja, o que irá ser trazido à tona por um sujeito no processo de rememoração, ou ainda, o quê servirá como carro chefe no cerne das discussões. E a segunda por sua vez é “De quem é a lembrança?”, aqui dirigimo-nos ao elemento que realizará o processo de “voltar” às dimensões pretéritas a fim de construir a sua narrativa, é este o agente que através das mais variadas formas irá traçar a releitura de um passado único e íntimo, uma vez que só ele possui o “instrumental” necessário para tais *links* entre passado/presente.

Diante disso, nesta parte do trabalho adotamos as supracitadas indagações no contexto das discussões que aqui foram e ainda serão feitas. A começar pelo “de quê” há lembrança, o que pretende-se colocar em voga serão aquelas lembranças que giram em torno do processo de gênese do bairro Jardim Eldorado, isto envolve os principais fatores, muitos dos quais já foram introduzidos anteriormente neste trabalho, e processos que contribuíram para a formação daquele lugar. Já o segundo questionamento “de quem é a lembrança?” limitar-se-á a alguns moradores que vivem no lugar estudado. Deste modo, serão estas pessoas que, através de sua bagagem de vivências e experiências, espera-se que contribuam para uma caracterização e/ou a elaboração da história daquele *locus*, com as transições e mudanças que ali aconteceram e ainda acontecem ao longo dos anos.

A partir de “acessos” ao(s) passado(s) é que se pretende compreender a história do bairro Jardim Eldorado, tendo em vista que a história poderá não se restringir ao singular, pois, pelo fato de estarmos lidando com diversos sujeitos estaremos consequentemente lidando com mais de uma história e/ou versão dos acontecimentos, indo assim para a esfera da pluralidade. Portanto, espera-se que o fato de inserir estas distintas retomadas memoriais no contexto das discussões deste trabalho o enriqueça grandemente, e permita que se tenha uma ampla compreensão das dinâmicas que ali ocorreram e ocorrem de modo dinâmico e complexo.

No que diz respeito às diferentes formas de “viajar” ao passado e/ou “acessá-lo”, a arte da evocação é imprescindível para o compartilhamento e perpetuação de lembranças de outrora. Esse ato de evocar remete àquelas experiências vivenciadas em diversas ocasiões da



vida do sujeito, estas que em consonância com a memória ou o fundo memorial por sua vez, se apresenta como o *locus* de armazenamento da(s) lembrança(s), e para ilustrar melhor esse ponto, faremos uma analogia tomando como exemplo a informática. A memória, no contexto da informática, diz respeito ao elemento concreto (*hardware*) que comporta o conjunto de elementos intangíveis (*softwares*), de modo tal, que para acessar e trazer à tona o complexo conjunto de elementos que podem ser comportados dentro deste fundo é necessário um constante processo de revisitas, buscas e acessos nos mais diversos diretórios e camadas que constituem a memória. Neste sentido, a memória humana comporta o conjunto de elementos intangíveis denominados de lembranças, estes por sua vez para serem acessados requerem um constante processo de evocação e retomadas dentro das mais diferentes “camadas de armazenamento” da memória.

Como já ressaltado anteriormente neste trabalho, ao dialogar com pessoas que possuem uma vasta carga de vivências e experiências, como estes sujeitos com os quais tive as minhas muitas conversas para elaborar esta pesquisa, de tempos em tempos os mesmos expressam algum dizer que está diretamente relacionado com comparações de cunho intertemporal, ou seja, ouvem-se expressões como “no meu tempo as coisas eram assim...” ou “naqueles tempos...” ou ainda, “antigamente...”, de modo que as analogias entre o passado e presente são recorrentes no decorrer das conversas.

Durante o processo de “contato físico” com o bairro, tive a oportunidade de conversar principalmente com pessoas de idade acima de sessenta anos, que em muitas sociedades são considerados como “velhos”. Diante disso pude comprovar que estes dispõem do elemento aqui colocado como “memória”, que por sinal já foi um tanto debatido no decorrer desta pesquisa, o que os permite narrar/rememorar com precisão dos fatos, diversidade de detalhes, a ordem cronológica de acontecimento de cada evento mencionado.

Vejamos como os moradores explicam a formação e desenvolvimento do bairro.

Entrevistado no dia 17 de Maio de 2017, o senhor Donato tem 64 anos, natural do distrito de Santa Rosa de Lima, é morador do bairro há mais de 40 anos, e, enquanto saboreava uma laranja no conforto de um banquinho em sua residência, deixou-me saborear um pouco da sua história.

*Moro nesse Eldorado tem mais de 40 ano só aqui, nesse lugar aqui. Sou do distrito de Santa Rosa de Lima, num sei se cê conhece, a famia é toda de lá. O povo daqui é quase tudo de lá daquela região lá de Santa Rosa de Lima, Mirabela, Vista Alegre, Brasília de Minas, tudo que vinha de lá para cá ia encostano por aqui, por que quando fosse pra lá tava mais fácil para sair né? O pessoal que vem de lá pra cá*

*daquela região vai encostando por aqui mesmo no bairro. Isso aqui era tudo mato, mas num era qualquer mato não, era mato fechado, os banheiro nosso era por aqui porque num tinha casa né?, a 40 anos num tinha nada aqui, num tinha construção nenhuma, nós fomo uns dos primeiros dono, eu o véio Moreira que mora ali em cima e mais alguns pião. Tinha os loteamento, era loteado já, este loteamento aqui mermo era de Lauro Maia, aqui era uma fazenda, era muitas fazenda que tinha aqui nessa região e foi dividindo, os donos foi morreno e os filhos foi loteano, o dono dessa fazenda aqui era Lauro Maia. Esse terreno onde hoje é a fábrica de cimento era dele também, era tudo dele, ele tinha muita terra, e eles ainda tem muito trem aí ainda. a água aqui nós panhava lá embaixo lá perto da fábrica, tinha um chafariz lá, depois que veio a água pra cá cabou isso aí, aí era um pobrema menino vou te contá. A muié carregava na cabeça e no ombro, e era de madrugada que tinha que carregá água. Os dia que tinha muita água ia várias vez no dia, mais a água faltava demais. Aqui era difícil viu? difícil demais, mais depois entrou um prefeito aí e foi melhorando a coisa pro trabaiador. (Senhor Donato, Maio de 2017).*

As histórias de vida das pessoas ouvidas revelam um universo deveras rico e amplo, pois envolve saberes de tempos pretéritos e experiências singulares e dissabores, além de um conhecimento de mundo que dá um toque especial, como que uma essência à história de cada sujeito. Em comum, elas tem a necessidade de constantes memórias e evocações por parte daquele que tece, assim como diurnamente a Penélope de Homero fazia, o fio da narrativa<sup>30</sup>.

Outros moradores que compartilharam uma pequena fração da sua história conosco foi Seu Justino de 64 anos, e sua esposa dona Marcelina de 63. Ele é natural do município de Francisco Sá, e ela é natural do município de Patis, situados a 44<sup>31</sup> e 95<sup>32</sup> quilômetros de distância da cidade de Montes Claros respectivamente. Eles moram no bairro há 30 anos. Sobre este último Seu Justino afirma que:

*Quando nós mudô pra cá, daqui pra cima tinha aquela casa ali na esquina, aquela outra lá em cima, esse lote aqui na frente era vago, aqui para baixo já tava tudo cercado, mais essa parte aqui do lado era tudo aberto. Isso daqui deve ter só uns 15 anos que fechou tudo, antigamente era tudo aberto. Então quando eu mudei para cá num tinha casa, só essas que eu te falei, ali em cima que tinha umas duas, tinha Levi que morava ali na esquina, e Geraldo que morava aqui na frente, hoje ele mudou pra Mato Seco, era umas quatro ou cinco casas. Aqui pra riba num tinha nada só tinha mato era um matão fechado, e ali tinha o muro da fábrica de cimento. Então esse bairro aqui começô desenvolver foi de uns dezesseis ano pra cá. Esse bairro aqui uns 25 anos aqui atrás num tinha casa nele não, dessa rua Malaquias Gomes aí pra baixo num tinha casa nem nada não era só lote vago, inclusive tem a fábrica que foi tomando um cado de lote aí pra cima, eles foi desceno, e a fábrica tomou*

---

<sup>30</sup> No livro *A Odisseia* do poeta grego Homero, Penélope era esposa de Ulisses, o personagem central da história. Quando este último não retornou da guerra de Troia, vários pretendentes invadiram seu castelo exigindo que Penélope escolhesse um novo marido. Ela então disse que só se casaria quando terminasse de tecer uma mortalha para seu sogro Laerte. Entretanto, para ganhar tempo, ela tecia, à vista de todos, fio a fio durante o dia, porém a noite ela desmanchava o que fora tecido diurnamente.

<sup>31</sup> **Fonte:** Departamento de Estradas de Rodagens\MG, 2017.

*praticamente sessenta por cento dos terreno e num deu nada pros dono não, pagou só um valor né? só deu uma gratificação pra eles aí, uma mixaria pra dizer que num foi de graça, eles deu umas casa pra uns aí, outros mudaram, foram pro Santos Reis, pro cê ver que da rua I pra lá, mais ou meno umas sessenta, setenta fãmia que a fábrica desapropriou, uns foi embora proutros bairro, outros comprô dentro do bairro mesmo porque o bairro tava desenvolvendo, essa parte estava desenvolvendo, por que uns trinta ano aí atrás o bairro era ruinzinho num tinha nada, só tinha uma mercearia ali em baixo de Zé Carlos, que ainda tá lá até hoje na Rua Vitor Cassimiro da Costa lá em baixo, pra cá para riba num tinha padaria, num tinha nada se cê quisesse comprá alguma coisinha assim tinha que descer praticamente lá no Santos Reis. Eu já trabaiaava lá, ali no Santos dos Reis, já tava acostumado descer a pé aí. O que a gente precisava trazia de lá. Quando eu cheguei aqui eu trabaiei na construção civil, eu era peão de obra, depois comecei trabaiaá na prefeitura. Na época que eu mudei para cá, em oitenta e sete, as fábrica já tava funcionando, essa fábrica que eu te falei antes, de cimento empregava um tanto de peão que vinha de fora, e era uma poluição doida rapaz, hoje tem, mais antigamente era pior, agora eles colocô filtro essas coisas, mais de hora em quando a poluição vem aqui, atinge a gente aqui, mais num é tanto igual uns dez, quinze ano atrás não. Tinha hora que dava um vento e trazia aquele pó branco para cá, o pó de cimento para cá, era tanto que dava até para desenhá naquele pó que ficava em cima dos móvel, das coisas, do chão. Quando era de manhã a gente acordava pra ir trabaiaá e via só aquela névoa branca ali nos morro. (Senhor Justino, Maio de 2017).*

As lembranças também servem para trazer à “superfície” experiências e saberes que se enquadram dentro do universo poético, uma vez que os “causos” que eram repassados de pai para filho possuíam características literárias bem marcantes, estruturadas em forma de uma narrativa com seu início, meio e fim que entremesclam a realidade com devaneios típicos, mas em sua grande maioria com um importante fundo moral e/ou ensinamentos para a vida, como pode ser observado a seguir na fala de Seu Justino:

*Meu pai sempre contava um causo assim, como se fosse uma experiência, que era a seguinte: Jesus andava com os apóstolo, aí diz que ele pegou e falou com Pedro: ó Pedro cê vai tentar corrigir o que cê ver que tá errado, aí Pedro seguiu por uma parte e Jesus apartou dele. Aí Pedro foi andando tava um homem panhano uma lenha, aí diz que era um feixão de lenha, aí ele tentava por nas costa e num guentava jogava no chão travez, e desamarrava esse feixo e tornava por mais, remontano lenha, em vez dele tirá ele fazia era colocar, aí diz que Pedro chegou perto e falou: o senhor, o senhor tá quereno é levar o feixe de lenha, aí ele disse: é - pois é, o senhor num tá conseguino pegar, diminui o feixo que o senhor pega com mais facilidade. Aí ele muntou na ignorância, tentava por nas costa, tornava pegar mais outro tanto e colocava e marrava, tentava. Aí Pedro falou: ah então esse aí num tem jeito não, e foi embora. Chegou lá na frente tinha três homens rancano uma forquia, dois fazia força pra baixo em um fazeno força pra cima, aí Pedro chega perto deles e fala: cês tá quereno é tirá essa forquia pra riba? junta todos três e puxa para cima que ela sai na facilidade, mais os três continua do mesmo jeito que tava, eles num atendeu Pedro e ele saiu. Chegou lá na frente tinha um pé de laranja, e tinha laranja de todo tipo, tinha laranja madura, tinha de vez, tinha laranjinha pequena, tinha flor e tinha uma véia descendo uma vara – paah, paah - e caía todo tipo de laranja, caía flor, caía laranjinha pequena, caía botãozinho. Aí ele falou assim - a senhora tá querendo tirar laranja?, tira só as madura porque só as maduras serve para senhora agora, e essas que tá inchada daqui uns dois, três dia ta boa. E a veia continua descendo o cacete sem dó nem piedade. Aí lá adiante Pedro encontrou com Jesus. Jesus falou - o quê que foi Pedro, qualé os erro que cê*

*encontrou aí no mundo?. Aí ele falou assim - na primeira vez que nós apartou Senhor, eu cheguei e tinha um senhor carregando uma lenha, em vez dele pegar o feixo de lenha e colocar no ombro, aí tava pesado ele num conseguia ribar, aí ele desamarrava e colocava mais. Aí Jesus virou pra ele falou - Pedro cê sabe o que é aquilo ali? é o pecado. Quando a pessoa tá em pecado em vez dela tentar diminuir o pecado ela só faz é remontar, a lenha simbolizava o pecado, porque a pessoa quando tá no pecado em vez dele tentar sair do pecado ele faz aumentar mais. Aí Pedro falou assim Senhor e a forquia?. Aí o senhor responde - é a ignorância, quando a pessoa tá na ignorância nunca ela tenta reconhecer que aquilo é ignorância. E o caso da laranja senhor?. Aquilo significa morte, porque quando ela vem ela num escolhe idade, num escolhe cor, num escolhe raça, leva qualquer um. Eu lembro, quando eu tinha uns dez pra doze ano pai contava esse causo. Pai morreu com 83 ano de idade. (Senhor Justino, Maio de 2017).*

Aqui podemos observar a importância da memória, pois ao lembrar o narrador constrói uma narrativa com uma sequência de acontecimentos transmitidos sucessivamente como um mensagem que acaba se firmando como o clímax de todo o “causo”. A transmissão tem como “moral da história” crenças e normas que faz parte do universo simbólico do grupo que se mantêm viva através da oralidade.

Ainda no que tange aos saberes compartilhados pelos sujeitos, existem aqueles que estão relacionados a conhecimentos de medicina popular. Durante as minhas visitas, consegui registrar uma fala de um dos entrevistados acerca de algumas plantas e ervas com propriedades medicinais que existiam naquela região que hoje compreende o bairro Jardim Eldorado:

*Antigamente quando a gente precisava comprar remédio tinha que ir lá no centro, ou então procurava alguma coisa no mato mesmo, porque aqui tinha muito mato, e tinha muita remédio também, eu mesmo já peguei muito remédio aqui do mato. Aqui tinha muito, tinha Chá Podre e o Boldo que é bom pro estômago, Sambaibinha que servia de purgante, Cervejinha do Mato que é bom pros rins, Carrapicho que é bom para os rins também, Barbatimão né? que é bom para cicatrizar machucado, e por aí vai. Aí quando precisava de comprá algum remédio que não tinha no mato a gente tinha que ir no centro de a pé, porque não tinha ônibus né? não tinha nada, na época. (Senhor Donato, Maio de 2017).*

Um fato interessante de se notar é que, como já salientado, muitos dos entrevistados são oriundos do campo, e por isso trouxeram aquela carga de saberes típica para a cidade, e nela continuaram reproduzindo muitos dos costumes e práticas. A fala anterior nos mostra isso de modo claro, pois, esse conhecimento acerca das propriedades medicinais da flora, é algo que esses sujeitos possuem com maestria e notável propriedade construído e perpassado pelas gerações.

Muitas histórias contadas revelam a realidade de famílias que tiveram que migrar, forçadas a procurar melhoria de vida em localidades mais próximas ou distantes dos seus

lugares de origem. Nenhuma história se repete, pois elas possuem elementos que constituem o que Ricoeur (2007) denomina de “minhadade”, ou seja, a memória é ideada como uma experiência subjetiva e única pelo fato de que cada pessoa possui um conjunto de visões e percepções de mundo que moldará e/ou originará lembranças exclusivas, com suas impressões, opiniões, signos, crenças, de modo que o todo é uma miscelânea de componentes distintos em sua essência, mas que se agregam para dar forma e vida àquilo que chamamos de lembranças. Cada diálogo representa uma carga de experiências que, quando são acessadas, vêm acompanhadas de certo sentimento nostálgico e de certo pesar por pertencerem a uma dimensão pretérita.

**Figura 13:** Moradores indo rezar nas casas, e ao fundo a MATSULFUR.



**Autor:** MAIA, J. 1970.

Nos diálogos que tive com os moradores, pude perceber que eles eram céticos quanto a possibilidade de crescimento do bairro, pelo fato de situar-se em uma periferia socioeconômica e geográfica. De modo que só mesmo a fábrica e algumas poucas moradias despontavam no meio daquele cenário, que como os próprios moradores afirmam, tinha apenas uma vastidão de mato. Tal fato pode ser reforçado na fala do senhor Luiz de 62 anos de idade. O mesmo é natural da cidade de Goiânia, no estado de Goiás, e as primeiras vezes

que veio a Montes Claros foi a trabalho, uma vez que era funcionário de uma empresa prestadora de serviços de construção civil e manutenção. Sobre o bairro o mesmo afirma que:

*Eu vim pra cá porque as firma que eu trabalhava, a firma empreiteira o quê que ela faz, ela vem aqui faz esse serviço aqui, aí cabou aí pega outro e vai embora. Nós saimo daqui e fomo pro Espírito Santo, aí voltamo, depois terminô a outra fomo pra Araguari, aí cada lugar nós faz um serviço diferente. Era só mato, tinha casa nenhuma não, essa fábrica aí era afastado de tudo. Depois da segunda vez já apareceu né? umas casinhas aqui ali, depois aí já evoluiu. Capaz que quando eles trouxe essa fábrica aí eles num imaginava que aqui ia ter esse tanto de casa, que ia ficá isolado para sempre né? mais hoje cresceu demais, cê sobe aqui em cima dessa laje aqui e vê o bairro, tá grande demais, e aqui tem gente que num conhece aqui essa fábrica aí ó, tem muita gente aí no Centro que num conhece não, principalmente essas história que eu tô te contano. (Senhor Luiz, Maio de 2017).*

Durante a fala de seu Luiz, dona Cristina de 62 anos, moradora do bairro há vinte anos, natural do município de Mirabela localizado a 66<sup>33</sup> quilômetros de Montes Claros, que estava acompanhando-me durante as diversas “visitas” que fiz pelo bairro, comenta:

*Não tem muito tempo que eu moro aqui no bairro não, tem só uns vinte ano, quando a gente vinha de São Paulo só passava aí na BR na direção pra Mirabela, a gente via era só mato na beira da estrada, só tinha a fábrica no meio do mato e umas casinha na beira da estrada. (Dona Cristina, Maio de 2017).*

É interessante notar que as experiências são individuais, mas, o ato de evocação da memória de um lugar requer um esforço coletivo, de maneira que o sujeito consiga complementar com o auxílio da memória do outro, a história do lugar. Aqui retorno à seguinte fala de Halbwachs (1990, p.36) onde o mesmo ressalta que “Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros.” É essencial observar ainda que quando um narrador recorre ao auxílio de outro, ele o faz de modo um tanto automático, e no mesmo instante o outro sabendo, como um eco fiel confirma o que foi requisitado, ou o nega com veemência, permitindo assim que o primeiro indivíduo retome sua rememoração.

Em outra ocasião tive a oportunidade de confabular um pouco com outro morador do bairro, um senhor de grande simpatia chamado Marcílio, de 60 anos de idade, natural do povoado de Marcela, município de Montes Claros. Durante nossa conversa ele contou-me sobre a história do bairro com detalhamento sobre fatos e acontecimentos os quais ele vivenciou e/ou testemunhou.

---

<sup>33</sup>Fonte: Departamento de Estradas de Rodagens\MG, 2017.

*Olha, quando eu vim morar aqui, eu moro na esquina, aonde é essa favela da Vila Alice aí, num tinha ninguém, ninguém morava, tinha uns morador na Rua Abel Sena lá em cima, cê subia aqui e descambava para achar morador, isso aqui era tudo mato. Então o bairro mudou muito pra chegar no ponto que tá hoje, evoluiu bastante. Antigamente um bairro desse aqui ninguém queria vim morar aqui, ninguém. Era afastado, o pessoal só queria viver embolado da maiada ali pra lá, Santo Expedito, nos Morrinhos, que era mais perto do Centro, depois foi descendo pro Major Prates, na época da cidade. E o bairro aqui nosso ele demorou demais, por isso que lá é uma casa em cima da outra. Então havia um loteamento desse aqui, com uns lote tão grande como é esses lote nosso aqui né? mais o pessoal parece que num tinha interesse de comprar. Mais todo loteamento novo é desse jeito, qualquer bairro novo que abre, um bairro igual o Village, o Village demorou crescer. Aqui foi desse jeito, todo mundo tinha medo de morar aqui. Naquela época um lote num era muito caro, mais o pessoal num tinha dinheiro, num tinha emprego, pro cê comprar um lote desse aqui dava trabaio, era difícil né? porque naquele tempo quase num tinha emprego. Pra mim comprar esse lote aí sabe onde que eu fui buscar o dinheiro? no Rio de Janeiro, fui trabaia lá. Ai eu fui pra lá, trabalhei lá de junho de 1977 até setembro 1978, eu consegui comprar dois lote eu trabaiano lá. Eu comprei lá em cima na época por treze mil e depois comprei esse aqui por trinta porque aqui ia sair a praça aí eu povo invadiu e virô favela, essa favela da Vila Alice ali. Naquele tempo era difícil pra comprar um lote, foi muita luta, muita luta mesmo. Eu sei o dia que eu mudei pra essa casa minha. Eu tinha uma cama, uma mala, e um fogão que eu comprei aqui, e num tinha luz na rua não, só até na esquina. Ai foi o dia que eu mudei, dia seis de agosto de 1979, a partir desse dia meu endereço é esse aqui ó. Graças a Deus tô aí até hoje, sou muito feliz aqui ó, tenho muitos amigo graças a Deus, 38 anos que moro aqui. [...] (Senhor Marcílio, Maio de 2017).*

Um dos aspectos que contribuíram para que houvesse uma “demora” no processo de crescimento do bairro em estudo, foi, no entender do supracitado entrevistado, o processo de centralização que ocorria na cidade naquela época (a partir de 1970), ou seja, as pessoas tendiam a se estabelecer nas áreas mais centrais ou adjacentes ao centro. Seu Marcílio cita os Bairros Santo Expedito e o bairro Morrinhos, ambos situados ao sul do centro da cidade, que mesmo com perfis socioeconômicos distintos serviram como áreas de atração de moradores naquela época. Por outro lado, o Jardim Eldorado ficava à margem deste processo de atração e especulação, mesmo possuindo atributos considerados como bem vantajosos pelo entrevistado, como o tamanho dos lotes que estavam à venda. Outro ponto que chama atenção na fala de Seu Marcílio é a presença de uma “favela”<sup>34</sup> no interior do bairro, denominada Vila Alice, em terreno de propriedade da Igreja Católica. Nesta área norte da cidade existe ainda outros assentamentos desta natureza, como afirma o senhor Donato:

*Ali em cima também no Castelo Branco é tudo invadido também, é tanto que lá se ocê olhar num tem estrutura nenhuma até hoje, lá era um terreno da Cemig, a Cemig que era dona daquele trem lá, o povo foi vindo de fora de outros lugar, e alguns como num tinha condição de comprar um lote acabava ficando e invadino lá também, inclusive a Cemig já fez as casinha para tirar o povo debaixo da rede, essas casinha fica ali na saída para Mirabela na beira da BR, só que eles tá enrolano pra liberar pro povo mudá, mais cê sabe como é que funciona essas coisa de interesse né? (Senhor Justino, Maio de 2017).*

---

<sup>34</sup> Aglomerado Subnormal, vide nota de rodapé 18 da página 60.

Leite (2011, p.207) afirma que “Essa concentração de favelas nesse local da cidade ocorre pela presença do distrito industrial nessa área, logicamente, influenciado também pela oferta de terra urbana à margem do mercado imobiliário formal.” Deste modo a industrialização montesclareense, assim como em outras regiões do Brasil e mundo, veio acompanhado destes processos de reordenamento do território urbano e, conseqüentemente, dos supracitados elementos não planejados.

**Figura 14 e 15:** Vila Alice



**Autor:** SANTOS, D. S. 2017.

**Autor:** SANTOS, D. S. 2017.

Leite (2011, p.207) ainda coloca que “A chegada das primeiras indústrias no distrito industrial foi acompanhada pela ocupação ilegal nas áreas próximas, o que facilitava o acesso dos moradores às indústrias.” Duas eram as formas principais de aquisição de terrenos nesta área da cidade: a primeira era através da compra, e a segunda, como salientam os próprios moradores, era através da invasão de terrenos privados, como é o caso da Vila Alice. Leite (2011) ainda diz que “O intenso fluxo migratório para Montes Claros, a partir da década de 1970, foi o fator decisivo para a propagação da ocupação ilegal”.



### 3.2 A FÁBRICA DE CIMENTO E O LUGAR

No decorrer das conversas com os moradores do bairro, ficou bastante claro e patente que a história da gênese do bairro se funde e mistura com a história daquela indústria discutida no segundo capítulo deste trabalho.

**Figura 16:** Fábrica da MATSULFUR em 1970



**Autor:** MAIA, J. 1970.

Nas minhas “andanças” pelo bairro a fim de ouvir estes sujeitos, de modo quase que automático os mesmos introduziam o elemento “*fábrica de cimento*” para reafirmar alguma coisa, ora foi “*nela que tive meu primeiro emprego quando me mudei para cá*”, ora era “*apesar de oferecer serviço essa fábrica afeta nossa saúde*”, ou ainda “*foi depois que essa fábrica veio para cá é que o bairro começou a crescer e desenvolver*”, de modo tal que pôde-se entender melhor a relação bairro-indústria como um tipo de causalidade, onde a causa seria a inserção de uma indústria naquela região da cidade e o efeito seria o bairro.

O objetivo nuclear sempre girou em torno da tentativa de se compreender a história do bairro, que inevitavelmente se cruza com a de outros agentes que, para melhor contextualização e entendimento mais amplo necessitam ser citados no decorrer do trabalho, a partir da perspectiva daqueles sujeitos que ali vivem. Nesta parte do trabalho apenas transcrevi e analisei partes de diálogos que tive com aqueles moradores, ou seja, as falas e opiniões a seguir são de pessoas que há mais de 30 anos vivem ali e sabem como é a realidade daquele lugar.

*Na época que eu mudei para cá, em oitenta e sete, as fábrica já tava funcionando, essa fábrica que eu te falei antes, de cimento empregava um tanto de peão que vinha de fora, e era uma poluição doida rapaz, Agora, graças a Deus eles aumentô os filtro, aí joga mais para lá, agora atinge mais é aquela região de trás dos morro, é Rebentão dos Ferros, bairro Ibituruna, joga ali na Vila Cedro. Tem dia que nós acorda de manhã e tá tudo branquinho naquela serra lá, mais agora joga mais é para lá, mais quando o vento volta para cá, principalmente a noite ela vem tudo para cá só o pó de cimento. Eu até conheço muita gente que trabalhou lá e aposentou novo, novo, porque não guentou lidar com aquele pó, fazia muito mal pra saúde, os pulmão não guentava, era uns rapaz com trinta e poucos ano já tava aposentando porque o contato com aquele pó não era fácil viu?. Aquelas casa próximo da fábrica são prejudicada mais ainda, porque as bomba que eles usa lá é muito forte, pra tirar as pedra para fazer cimento. Eles são um grupo muito forte, ninguém tira, é multinacional né? lá no sul de Minas mesmo ela comanda tudo, na Bahia ela comprou tudo agora. De primeiro era MATSULFUR agora é Lafarge, comprou tudo quanto é cimenteira aqui da região, em Matozinhos também tudo é deles esse grupo é multinacional. (Seu Justino, Maio de 2017).*

Como já discutido em outros momentos deste trabalho, a “inserção” da fábrica de cimento na cidade de Montes Claros, fazia parte de um contexto maior, onde através dos incentivos e subsídios da SUDENE a partir da década de 1960 diversas indústrias acabaram se instalando na região. Neste sentido, ao longo de uma das conversas que tive com um morador, o senhor Donato, o mesmo relatou-me sobre a época em que seu bairro começou a crescer:

*Óia foi a partir mesmo da década de 70 por aí não me recordo muito bem, que esse bairro começou desenvolver, porque começou a vim as firma né? de fora para cá pra cidade, inclusive ali embaixo tem o distrito industrial, veio um tantão de firma diferente, aí foi vino as fábrica e o povo da região vinha para cá pro bairro porque era perto das fábricas né? Vinha tentar arrumar um emprego nas fábrica aqui. Muita gente veio morar aqui no bairro, comprou lote construiu seus barracão, veio na intenção de arrumá serviço, porque as oferta de serviço tava aumentando. A situação nos outros lugares aqui perto num tava muito boa, eles vinha caçar recurso melhor né? porque nas fazenda tava difícil né? porque o fazendeiro só quer o couro né? do trabalhador, do peão, ainda bem que hoje em dia o povo ficou mais esperto, e hoje ta teno lei pra isso né? que protege mais o trabalhador, antigamente não tinha lei, a lei era do mais forte, quem era mais forte passava por cima, fazia do jeito que eles queria. Nós trabalhava de sol a sol lá na roça, por que os mais fortes que mandava né? (Senhor Donato, Maio de 2017).*

A fala deste morador vem ao encontro às discussões tecidas no segundo capítulo deste trabalho, que abordam a questão do perfil daqueles que chegavam à cidade de Montes Claros atraídas pela possibilidade de serem absorvidas pelo mercado de trabalho que despontava como sinônimo de melhoria de vida para aquelas pessoas. Como já apresentado, em função desta atração, entre as décadas de 1960 e 1970, período em que houve um maior *boom* demográfico na cidade, a taxa média anual de crescimento populacional urbano de Montes Claros foi de cerca de “7,9%<sup>35</sup>”. A fala do senhor Donato indica ainda que mesmo com a precariedade das condições de serviços e infraestrutura na cidade naquela época, para atender todo aquele contingente que nela chegou, elas ainda eram melhores do que aquelas em que ele e a família viviam no campo, onde segundo o próprio, trabalhavam muito e obtinham pouco retorno.

No decorrer de minhas visitas a campo, tive a oportunidade de dialogar um pouco com outro morador do bairro, o senhor Luiz. Apesar de acanhado no início da conversa, no decorrer da mesma ele foi ficando mais desinibido e deu algumas ricas contribuições, como estas a seguir:

*Eu num tenho muita coisa assim pra falar, a minha parte era a oficina, eu também trabaiei na obra muitas vezes quando foi fazer aquele silo aqui na fábrica de cimento. Ai fui passando de serviço até chegou na oficina. O que eu sei é lá dentro, a única firma que eu trabaiei foi ela também, o único serviço que eu tive foi lá fixado, 25 anos lá dentro, eu nunca trabaiei em firma nenhuma não, a primeira e única firma foi lá, do lado de dentro do muro. Mais era complicado por que aquela poeira né não fazia bem né? tinha uma terra vermelha lá que dava uma tal de pneumonocose, aquela terra vermelha que sai um pozinho que garra no pulmão, aí com espaço de tempo ele vai comendo o pulmão, meu irmão aposentou por causa disso, se cé for na casa de Oliveira meu irmão ali ele te conta um cado de coisa. Lá tinha as empreiteira, tinha Concreta Mineração, e vai passando, eu sei lá o quê que eles arruma lá, e no final mermo era MATSULFUR né?, antes papai trabalhava na Serviente, a Serviente passou para MATSULFUR. Ela sempre foi de produção de cimento, pegava o calcário pra fazer cimento. Explodia aquelas pedra lá em cima, agora diminuiu bastante, a gente pensava que ia fundar as casa de tão forte que era, agora diminuiu mais porque hoje as pedra que tem num é umas pedra muito boa pra fazer cimento. Aiáã, aquilo ali tinha vez que dava fogo vinha pedra até aqui. A Pavisan tamém lá em cima tamém mexe com isso, com mineração tamém que eles mexe a Pavisan veio quase na mesma época, isso na década de 70 eu acho. (Senhor Luiz Moreira, Maio de 2017).*

O senhor Luiz, meu primeiro entrevistado, trabalhou durante muito tempo na indústria de cimento, de modo que pôde falar sobre diversas temáticas com a propriedade de quem fez parte daquele universo durante vinte e cinco anos. Ele pôde testemunhar ao longo desses anos diversos acontecimentos, como colocado na fala anterior.

---

<sup>35</sup> BRAGA (2008, p.87)

Na segunda parte deste trabalho abordei sobre os antigos proprietários dos terrenos que hoje pertencem à indústria cimenteira e ao bairro e no decorrer das pesquisas documentais foi constatado que ambos os terrenos faziam parte de uma unidade maior de terras, estas que constituíam a fazenda denominada de Boa Vista, de propriedade do senhor Lauro de Azevedo Maia. Quando dialoguei com o senhor Justino, o mesmo confirmou esta informação, e ainda me disse um pouco mais:

*Então esse bairro Eldorado praticamente todo fazia parte do terreno de Lauro Maia. Aqui antigamente era uma fazenda que eles compro, esse terreno aqui que hoje é o bairro Eldorado e aquele que é a fábrica era tudo dos Maia, a fábrica ainda acabou invadindo um pedaço aqui no fundo. Como é que chama os dono dessa fazenda aqui pra baixo Márcio? era dos Pires, eles invadiram isso aí, essa fábrica de cimento aí é véia aqui na região, tem muito tempo que ela tá aqui esse grupo deve ter uns quarenta, cinquenta ano que ela é montada aqui, é tanto que o bairro foi crescono por causa dela né? O povo vinha caçando serviço, achava o serviço aqui na fábrica que empregava muita gente, os peão que vinha do mato, da roça aí, e cabava comprano um terreno aqui porque era bem barato né?. Na época o bairro era muito feio quase ninguém queria vim morar aqui, então o pessoal que vinha da região, da cidade, da roça acabou ficando pra cá mesmo, por que era barato e era o que eles conseguia comprar e pagar. Esse Eldorado aqui era uma fazenda que começava lá desde o Santos Reis até aqui pra cima tudo. (Senhor Justino, Maio de 2017).*

O relato do senhor Justino foi deveras esclarecedor, pois, corroborou diversas temáticas que constituem o campo dos questionamentos os quais esta pesquisa se propôs a tentar responder. Um destes diz respeito, como foi introduzido acima, ao processo de aquisição dos terrenos que constituem a fábrica e o bairro. Para seu Justino, os responsáveis pela indústria compraram a maior parte de seu terrenos do senhor Lauro Azevedo Maia, entretanto algumas áreas adjacentes que não faziam parte da fazenda Boa Vista, e sim da fazenda que pertencia à família “dos Pires” como disse-me seu Justino, acabaram sendo apropriados e anexados a estes pela empresa. Atualmente a área que constitui o Jardim Eldorado é separada daquela da indústria por um muro bastante extenso que circunda grande parte do terreno da fábrica.

Outro destes questionamentos está relacionado à hipótese do bairro ter surgido e experimentado um crescimento de maneira mais intensa em função da localização da referida indústria naquele contexto. Nas exatas palavras do senhor Justino “é tanto que o bairro foi crescono por causa dela né?” Isso em função dos fatos já relatados. Pelo fato de não possuírem recursos financeiros suficientes, muitos dos migrantes acabavam por se estabelecerem em áreas mais periféricas da cidade, dentre elas Jardim Eldorado, onde conseguiam comprar um terreno, o que pode ser comprovado na seguinte fala de seu Justino: “o pessoal que vinha da região, da cidade, da roça acabou ficando pra cá mesmo, por que

era barato e era o que eles conseguia comprar e pagar.” Ainda de acordo com o morador, a indústria cimenteira “naqueles tempos” se configurava como uma boa empregadora de pessoas, pois como já foi dito outrora, ela estava iniciando suas operações, e contava com insumos que não eram tecnologicamente avançados e complexos para se operar, e portanto ela acabava por absorver esses migrantes para executar trabalhos mais braçais.

*Então esse bairro aqui começô desenvolver foi de uns dezesseis ano pra cá. Então esse bairro aqui uns 25 anos aqui atrás num tinha casa nele não, dessa rua Malaquias Gomes aí pra baixo num tinha casa nem nada não era só lote vago, inclusive tem a fábrica que foi tomando um cado de lote aí pra cima, eles foi desceno, e a fábrica tomou praticamente sessenta por cento dos terreno e num deu nada pros dono não, pagou só um valor né? só deu uma gratificação pra eles aí, uma mixaria pra dizer que num foi de graça, eles deu umas casa pra uns aí, outros mudaram, foram pro Santos Reis, pro cê ver que da rua I pra lá, mais ou meno umas sessenta, setenta famia que a fábrica desapropriou, uns foi embora proutros bairro, outros comprô dentro do bairro mesmo porque o bairro tava desenvolvendo. (Seu Justino, Maio de 2017).*

Com base na fala acima, a indústria acabou desapropriando algumas famílias que moravam na parte mais setentrional do bairro, o senhor Justino afirmou em várias oportunidades que mais de setenta famílias foram obrigadas a se mudar para outras localidades. Ainda de acordo com o senhor Justino, muitos destes moradores acabaram indo para um bairro situado a sul do Jardim Eldorado, chamado Santos Reis, enquanto outra parte acabou se estabelecendo no próprio bairro mesmo, pois o “desenvolvimento” estava chegando à região, e isto era sinônimo de mudanças e melhorias de vida para muitas destas.

**Figura 17 e 18:** Muro que circunda o território da fábrica de cimento, ao fundo a fábrica e áreas de extração de calcário.



**Autor:** SANTOS, D. S. 2017.

**Autor:** SANTOS, D. S. 2017.

Esta Figura mostra a proximidade da indústria com o bairro. Uma questão recorrente em praticamente todos os diálogos que tive com os moradores, é a poluição causada pela mesma. De acordo com estes, as chaminés emitem muitas substâncias e componentes que acabam sendo prejudiciais à saúde. Um dos entrevistados que sempre retornava à discussão deste ponto negativo da fábrica era o senhor Donato, ele afirma que:

*Aqui era muito poluído sabe? nós mora aqui perto, a poluição virava para cá por causa do vento. Agora não, por causa que eles arrumaram um equipamento lá que eliminou mais, acho que é um filtro eliminou mais a poeira. Num precisava de trabaiair lá não para sentir a poluição só de nós morá aqui era uma poluição doida. Agora graças a Deus ta até muito bõo, deu uma diminuída. eu trabaiei lá na fábrica de cimento de setenta e nove a oitenta e seis. Eu trabaiaava com serviços gerais, mais todo mundo que trabaiaava lá desde serviços gerais até os escritório tava exposto a poluição todo mundo podia ser aonde é que fosse. Hoje melhorou bastante, mais também a produção baixou muito né? por causa desse negócio de crise, aí produzindo pouco polui pouco. (Seu Donato, Maio de 2017).*

Para esse morador, em épocas passadas existia maior emissão atmosférica de agentes poluentes, ele afirma que sabe bem do que está falando em função de ter trabalhado naquele ambiente por sete anos, e complementa dizendo que se não tivesse deixado de trabalhar ali já teria “descido”, ou seja, falecido em função das condições de trabalho que ele classifica como insalubres. Seu Donato coloca que na atualidade diminuiu bastante estes impactos, pois a indústria tomou medidas para mitigá-los de modo mais efetivo. Ele ainda afirma que a indústria diminuiu bastante a sua produção anual, em função principalmente da atual conjuntura econômica de crise a qual o país se encontra na atualidade.

Por outro lado, estes mesmos moradores reconhecem a importância desta indústria como um agente que contribuiu direta e indiretamente para com o crescimento do bairro. Atualmente esse quadro está um tanto diferente, seu Donato é enfático ao afirmar que hoje ela emprega poucos moradores se comparado com antigamente.

*Ah não, lá hoje tem pouca gente por causa da escolaridade né? tem isso agora, essa exigência, por que antes lá eles pegava qualquer tipo de pessoa pra trabaiair lá, porque era serviço pesado, serviço braçal mesmo, então qualquer peão que fosse procurando serviço arrumava, num tinha esse negócio de escolaridade. Agora não, exige escolaridade tem que ter curso superior, curso técnico não sei o quê lá, eu mesmo trabaiei na Biobrás aqui ó, trabaiei lá durante 10 ano, aí ela foi evoluindo e foi mandano o pessoal que num tinha escolaridade embora, eu era um deles, as coisas foram apertando mais né? esse negócio de tecnologia vai avançando e o cara num dá conta de acompanhá né? quem tava lá dentro tinha que trabaiair demais porque tinha que lidar com as tecnologia que tava aparecendo, e que na minha época ainda não existia. Eles começou mandar embora aqueles sem escolaridade as oportunidades boas tava ficano praqueles que tinha mais escolaridade, os que num tinha ficava lá só cavando buraco quando num era mandado embora. Sabe, hoje se o camarada não tiver um curso técnico alguma coisa vai ficar meio complicado. Hoje em dia é difícil, só com a força do braço num tem jeito mais não, nós pegou*

*boca pesada, esses mais novo não. Se a gente falá com eles o quê que a gente passou eles fala que é mentira de pai, pai tá é inventano, eles não sabe do pepino que era cuidar de famia. Eu trabaiei lá só sete ano, se eu num saio com certeza já tinha descido. (Senhor Donato, Maio de 2017).*

Seu Donato disse-me que o principal fator que contribuiu diretamente para o corte no quadro de pessoal na medida em que o tempo passava, foi a escolaridade. Como já mencionado, uma considerável parcela daqueles trabalhadores que chegavam a Montes Claros não possuíam uma formação que garantisse sua estabilidade profissional, e diante de um mercado cada vez mais exigente, como afirma o entrevistado, em termos de qualificação da mão de obra, muitos daqueles trabalhadores que não tinham condições de se aperfeiçoarem, acabavam automaticamente ficando à margem deste mercado. De Paula (2003), ao discutir a questão do migrante, informa que “O emprego torna-se cada vez mais seletivo. Escolaridade e formação profissional são determinantes para o ingresso no mercado de trabalho formal.” Nas palavras do senhor Donato, atualmente deve-se “*ter curso superior, curso técnico não sei o quê lá[...]*” para que uma vaga de emprego pudesse ser garantida. Ainda de acordo com este morador:

*Antigamente, aqui até que tinha muito serviço mais era complicado pra viver. As coisa era bem mais simples, os maquinário num era tão avançado igual hoje né? porque hoje a coisa foi evoluino, naquela época essas fábrica empregava muita gente, vai desenvolvendo né? essa fábrica cimento aqui por exemplo foi uma coisa muito boa por que enpregou muita gente mesmo, numa parte não era boa por causa da poluição, mais em compensação tinha muito serviço pras pessoa que vinha de fora procurando condição melhor. Eu vou te falar uma coisa menino, nessa época eu trabaiaava, na década de 70 por aí, tinha mais ou meno umas três mil pessoa trabaiaando aí nessa fábrica e nas outra, agora não tem duzentas pessoa que trabaia lá. (Senhor Donato, Maio de 2017).*

Diante disso pode-se ir percebendo claramente a patente relação que existia e existe entre os elementos indústria de cimento e bairro, quer seja de uma maneira ou de outra, ambos sempre se entrecruzavam. É válido ressaltar que no decorrer das conversas e das visitas a campo que fiz, os moradores faziam questão de traçar um contraponto entre os aspectos positivos e negativos da presença daquela indústria na sua vizinhança, ora os benéficos recebiam maior destaque, ora os maléficis eram enfatizados, mas a preocupação em trazer à discussão estes elementos sempre existia.

### 3.3 HOJE EM DIA...

Rememorar, como já foi definido por diversas vezes ao longo deste trabalho, é o ato de reviver algo que ocorreu em tempo pretérito e que pode ser realizado com diferentes intuitos, como para alimentar um sentimento nostálgico que traz boas sensações à “alma”, ou para traçar analogias intertemporais. Ou seja, quando em conversa com um sujeito com idade mais elevada, o mesmo naturalmente começa a discorrer acerca das suas vivências e experiências do passado e constantemente traça comparações entre elas e o tempo presente a fim de, principalmente, demonstrar as principais mudanças e transformações que ocorreram no universo do sujeito, e ainda, traçar e trafegar ao longo de algumas projeções de uma dimensão futura.

O fator temporal é uma constante patente quando se trata de lembranças, entretanto, este mesmo não fica única e restritamente “preso” às dimensões pretéritas, muito pelo contrário, quando se trata de memória existem diversas variações espaço temporais, ou seja, é perfeitamente possível, como já explicitado anteriormente, “viajar” ao passado. Mas também pode-se traçar analogias deste com o presente, a fim de, principalmente demonstrar as principais mudanças e transformações que ocorreram no universo daquele sujeito ouvido, e ainda, trafegar ao longo de algumas projeções de uma dimensão futura. Diante disso é comum dentro do contexto das retomadas memoriais, a utilização de expressões, por parte daquele que conta uma história, que remetem e deixam claro que “*aqueles tempos*” são distintos positiva ou negativamente de “*hoje em dia*”.

Agora trataremos da dimensão presente dos que compartilharam suas histórias, utilizando suas falas para colocar em voga os principais aspectos de suas vidas assim como do bairro, que sofreram e estão sofrendo mudanças ao longo do passar do tempo.



**Mosaico de fotos 2:** Algumas ruas do bairro Jardim Eldorado.



**Autor:** SANTOS, D. S. 2017.

\* No sentido horário a partir do topo: Rua Maria Isabel dos Santos, Rua Sinval Pereira Filho, Rua João Ferreira, Rua Sinval Pereira Filho, Rua Sebastião Ribeiro dos Santos.

Em primeiro momento é necessário abordar algumas carências e deficiências em termos de estruturas básicas e de serviços que o bairro em estudo possui. O senhor Justino diz que:

*Hoje a única coisa que falta aqui no bairro para ele ficar completo é uma casa lotérica ou agência de banco, ia ajudar demais porque quando a gente precisa resolver alguma coisa desse tipo nós tem que descer lá embaixo, lá no Aroldo Tourinho. O Santos Reis também, um bairro daquele tamanho num tem casa lotérica, pior que com essa bandidagem num tem nem jeito. Aqui tinha uma casa lotérica pra gente resolver as coisa pagar conta, essas coisa, conta de luz, conta de água, mais o bairro tava meio violento, os bandido tava assaltano muito a casa lotérica, aí eles tiveram que fechar. (Seu Justino, Maio de 2017).*

Seu Justino contou-me que nos dias de hoje muita coisa melhorou em termos de variedade de estabelecimentos comerciais principalmente, entretanto existe a necessidade de um local onde eles possam realizar serviços bancários e ainda possam realizar tarefas cotidianas menos complexas como quitar um débito de energia e água por exemplo. Segundo o morador, há algum tempo existia uma “*casa lotérica*” no bairro que fazia este tipo de serviço, porém, pelo fato de ter sido alvo de diversos assaltos, a mesma foi fechada, e desde então nenhuma outra opera no bairro. Quando conversávamos, dona Marcelina, esposa do senhor Justino afirma em um tom que oscilava entre orgulho e nostalgia, o seguinte:

*Aqui tá bõo agora, tem de tudo. Quando eu mudei pra cá a gente se quisesse comprar uma laranja tinha que ir lá no bloco três, lá pro centro, verdura tinha umas ali embaixo mais era tudo ruim, tinha que trazer tudo lá de baixo. Aqui agora tem farmácia, frutaria, mercearia agora num precisa nem ir lá no centro mais pra resolver as coisas, aqui tem coisa mais barato que ela no centro, quem paga a lotação num compensa ir lá comprar nada não, porque só acaba saindo mais caro que se comprar aqui, lá no centro é muito caro sabe? (Dona Marcelina, Maio de 2017).*

Ela ainda complementa sua fala dizendo-me que talvez para mim que sou jovem (neste momento ela pausa sua narrativa e pergunta qual é a minha idade), essas coisas que ela está dizendo talvez não faça tanto sentido, mas, naquela época tudo era motivo para alegria. Até mesmo o fato de ter “*uns trocados*” para poder comprar uma fruta era motivo para se orgulhar, e ela termina colocando que “*hoje em dia as pessoas não sabem o valor das coisas, mas, antigamente tudo tinha seu devido valor.*” Ao longo das minhas visitas ao bairro esta foi uma das falas mais marcantes.

Mais tarde, ainda dialogando com o senhor Justino, ele resumiu o seu ponto de vista no que tange à assistência à saúde, assim como ao jogo de interesse do poder político em resolver a questão:

*O povo só faz as coisas de acordo com os interesse e a boa vontade deles, aqui no bairro mesmo os prefeito entra aí acha que teno água e luz tá bõ demais, acha que num precisa fazer mais nada, mais tem muita coisa que precisa ser feito ainda, o posto de saúde aqui mesmo é uma negação, acho que tá em todo lugar né? mais aqui tá terrível. É triste porque eles num precisa de ir no posto de saúde, e nós que somo trabaiador humilde é que paga o pato, é assim mesmo né? a corda sempre arrebenta do lado mais fraco. Eles tem os melhores convênio tudo de melhor que o dinheiro pode comprar eles têm, eles num padece desse mesmo mal que a gente. (Senhor Justino, Maio de 2017).*

O senhor Justino é um sujeito que fala diversas frases de efeito, que dão aos diálogos um tom mais forte e que demonstram que o mesmo possui uma boa eloquência para narrar suas experiências e expor seus pontos de vista. Uma delas foi a seguinte: “*A corda sempre arrebenta do lado mais fraco*”. Ou seja, os homens simples, menos favorecidos socioeconomicamente sempre estão em desvantagem, quando comparados com aqueles em uma posição social mais elevada. E assim ele vai expondo suas convicções rebuscando-as com os seus dizeres peculiares, típicos daquela sabedoria de quem já viu muito desta vida.

Ainda indaguei ao senhor Justino sobre a situação do fornecimento de água no bairro na atualidade, pois, ele e outros moradores já haviam me relatado o quão dificultoso era antigamente. Ele então disse-me o seguinte:

*Agora até que controlou, a gente sabe que hoje tá faltano, mais é por causa da crise né? tá tendo rodízio de água, tá feia a coisa de água aqui. meia-noite ela chega aí fica aí quanto é umas sete horas da noite mais ou menos ela já foi embora, agora amanhã já num tem, quem num tem caixa dança. Aqui tem que ter pelo menos mil litros de água para suportar a lida do dia, só por Deus viu. Esse bairro aqui é bõ viu moço, é um bairro mais tranquilo, ele já foi pior, era um bairro que eles falava aí antigamente que era um dos mais violento que tinha aqui, uns oito, dez ano aí atrás era uma matança só, eles matava demais aqui, parecia aquelas coisa de filme, sem lei, matava demais. Aqui agora tem muitos tempo que num mata igual era. Aqui antigamente tinha semana aqui que eles matava dois, três, hoje sossegou mais. (Senhor Justino, Maio de 2017).*

Esta última parte da narrativa do senhor Justino me chamou a atenção, pois, ele discorria sobre uma temática tão delicada como esta da violência urbana, com uma naturalidade que, para mim que não estou imerso cotidianamente na realidade do bairro, era um tanto chocante. Porém, ele continuou narrando algumas das experiências que viveu ao longo dos anos em que ele e sua família residem naquela localidade, e assim pude compreender que muitas daquelas dinâmicas e processos que aconteceram, aleatoriamente quando encarados em primeiro momento, são atributos que fazem parte de um sistema integrado, maior e muito mais complexo do que as partes isoladas. De modo que quando este indivíduo me fala de algo marcante como a violência, o tráfico de drogas ou as leis impostas

pelo crime, ele está simplesmente mencionando e/ou listando alguns dos componentes que integram o sistema mais amplo e denso denominado de bairro Jardim Eldorado.

Outro diálogo bem produtivo que tive, foi com o senhor Donato, que contou muito sobre a história do passado do bairro, e também compartilhou um pouco sobre a dimensão presente em que se encontra o mesmo:

*Nós tá no centro agora, tamo sossegado, tem de tudo, saio daqui vou na padaria, vou no açougue, farmácia. Antigamente quando a gente precisava comprar alguma coisa tinha que ir lá no centro de a pé, porque pelo menos aqui no bairro não dava carro né?, porque num tinha rua, tinha uns triozinho, porque era pouca gente que morava aqui né? era poucas casa, dava para contar nos dedo. (Senhor Donato, Maio de 2017).*

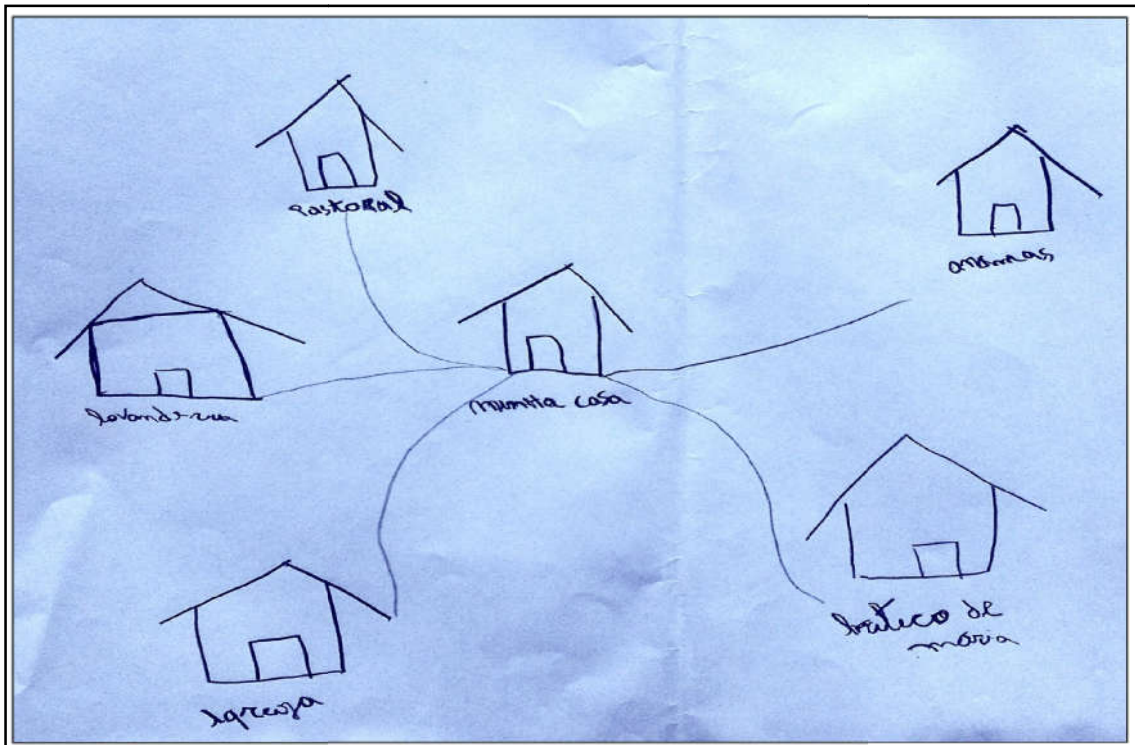
É interessante notar que quando estas pessoas falam das trajetórias e percursos que traçaram para alcançar o estágio de crescimento que o bairro possui na atualidade, um sentimento de orgulho e satisfação acaba tomando conta deles de modo espontâneo, dando a entender que não se arrependem de terem enfrentado as dificuldades e dissabores de seu pioneirismo.

Antes da realização das entrevistas e diálogos com os moradores do Jardim Eldorado, surgiram oportunidades de ir ao bairro algumas vezes no ano de 2016, para observar um pouco daquele lugar como um mero transeunte, a fim de tentar identificar e sentir um pouco da “vida”, ou da “efervescência” do mesmo. Deste modo, foi possível conversar com algumas pessoas, e no decorrer destas conversas pedi a elas para elaborar um mapa mental, com alguns dos elementos e signos que eles julgassem de maior importância para suas vidas e seu cotidiano. Lembrando que Gratão *et al* (2004, p.1) define este tipo cartográfico como:

[...] imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano, como por exemplo, os lugares construídos do presente ou do passado; de localidades espaciais distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos, divulgados nos meios de comunicação.

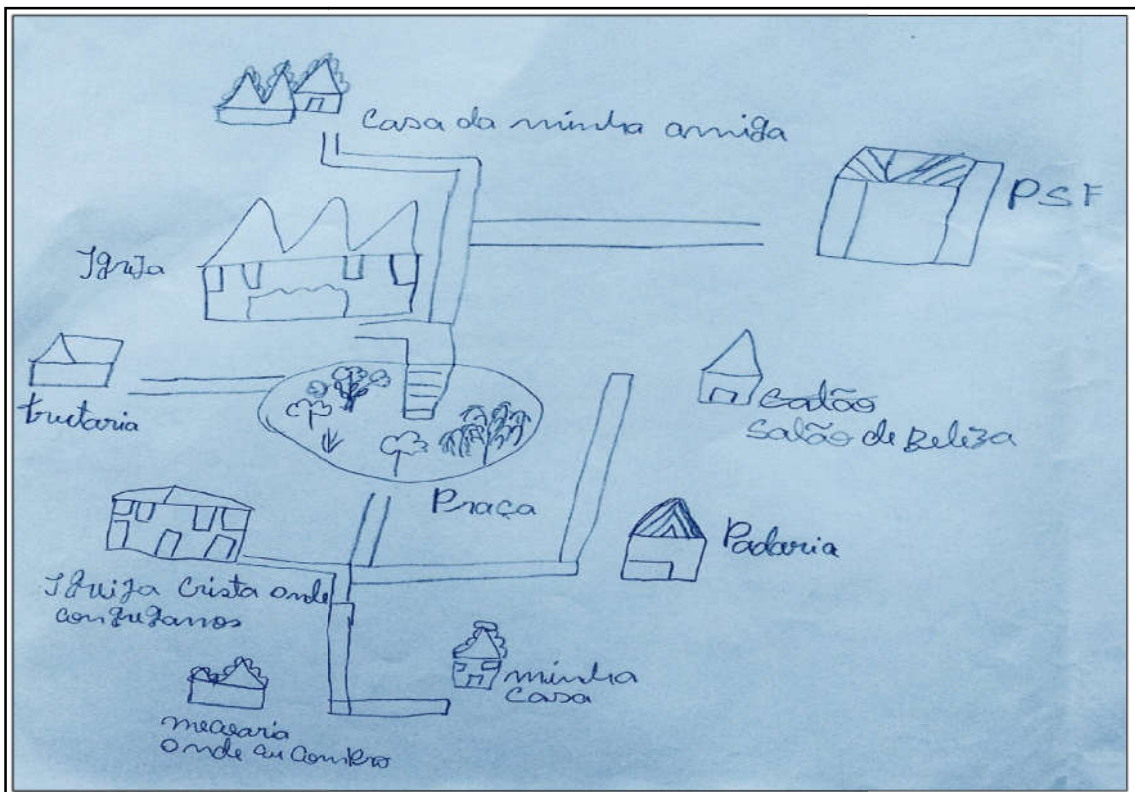
Mas, a maioria destas pessoas recusou o pedido, ora alegando que não sabiam desenhar, ora alegando que não entenderam a proposta da pesquisa e por isso preferiam se limitar somente à conversa.

**Figura 19:** Mapa mental elaborado pelo senhor Roberto.



Autor: Senhor Roberto, 2016.

**Figura 20:** Mapa mental elaborado por Dona Cristina.



Autor: Dona Cristina, 2016.



Apenas dois moradores aceitaram realizar tal arte (Fig. 19 e 20), um senhor e uma senhora que posteriormente tive a oportunidade de reencontrar e dialogar. Partindo da observação dos componentes isolados, como as igrejas, o bar, os comércios locais, as ruas que foram inseridas nos mapas mentais e que fazem parte do todo: o bairro; eles significam o cotidiano e são formas que o peculiarizam porque compõem o universo material e simbólico de seus moradores.

Outro elemento deveras pujante que foi possível identificar ao longo de meus acessos ao bairro foi a presença de grande variedade de templos religiosos. A importância deste fato foi percebida tanto na produção dos mapas mentais pelos moradores que fizeram questão de registrá-las dentro de seu universo, quanto nos diálogos travados com os mesmos, e também em minhas andanças pelo bairro. De Paula (2003, p.110) afirma que:

A tentativa de melhorar a vida na cidade faz com que os migrantes procurem na religião um elo para conseguir enfrentar as perversas condições de vida. [...] O credo, independentemente de qual seja, acaba sendo um apoio para os momentos de desesperança.

É importante observar a quantidade de templos de denominações evangélicas que existem no bairro, enquanto da religião católica existe apenas um, a paróquia de São José Operário. Porém, esta última acaba por se reafirmar e possuir diferente notoriedade ante as outras, através da realização de eventos e festas, tendo em vista que a mais importante festa da comunidade tem sua tradição na religiosidade católica e é organizada pela paróquia. A festa de São José Operário acontece todos os anos no bairro entre meados do mês de abril e início do mês de maio, tendo atualmente uma duração de quinze dias, e atrai uma gama de visitantes do bairro e do entorno. De acordo com os entrevistados é a principal e melhor opção de lazer que eles possuem no ano, pois, congrega uma diversidade de elementos que neles desperta sentimento de nostalgia, ou como eles dizem, “*me faz lembrar daqueles tempos que não voltam mais*”. Há ainda a forte presença dos rituais sacros religiosos. Algo que é importante destacar é a questão da influência da dinâmica industrial até mesmo na escolha do nome da paróquia: São José, o operário de Nazaré.

**Mosaico de fotos 3:** Algumas imagens da construção da paróquia



**Autor:** MAIA. J. 1970.

\* A partir do topo no sentido horário: Almoço comunitário no mutirão da construção, Barracas bar, festa de São José Operário, igreja sendo construída, mutirão para encher a laje da igreja, mutirão fazendo alicerce, igreja antiga e a antiga praça de eventos da igreja.

Esta igreja teve sua pedra fundamental lançada em julho de 1983 segundo informações da secretária da paróquia, a senhora Zileide que relata que:

*O nome da paróquia se deu em função deste ser um bairro de operários uma vez que aqui tinha muitas indústrias. Aqui já tinha um trabalho religioso de quando ainda não tinha a igreja aqui, a gente reunia antes em um espaço que pertencia a uma fábrica de tecidos localizado no Distrito Industrial e celebrava era lá. Depois é que veio para cá, a gente celebrou durante um tempo em um salão onde hoje fica a pastoral da criança, a comunidade levantou um cômodo lá e nem cabia o povo lá dentro, muitos ficavam de fora. Então em julho de 1983 é que a igreja começou a ser construída.*

Na mesma entrevista, o seminarista Rafael complementa dizendo:

*Este templo atual foi inaugurado em 2010, foi construído para substituir aquele de 1983. No dia 27 de fevereiro de 2013 esta igreja que pertencia a paróquia Santos Reis, separou e se tornou a paróquia de São José Operário. Teve até uma polêmica na época em que a igreja ia ser construída aqui no bairro, pois o pessoal queria colocar o nome da comunidade aqui de Santa Eugênia por causa do bairro Santa Eugênia que tem ali embaixo. Mas aí deram o nome de São José Operário por causa dos trabalhadores das fábricas. A migração de pessoas de áreas rurais para a cidade de Montes Claros teve notável influência sobre a questão do catolicismo regional, pois grande parte destas pessoas por serem de fé católica desde seus lugares de origem, acabam por chegar na cidade, mas ainda continua realizando e mantendo muito dos elementos tradicionais, como procissões, barraquinhas com comidas típicas de roça, missas para pedir chuva em época de seca, cavalgadas contribuindo para o fortalecimento deste catolicismo rural.*

Desta feita religiosidade e indústria acabaram formando um elo que contribuiu para a formação da identidade local, pois como colocado anteriormente pela senhora Zileide, era em propriedade cedida por uma empresa localizada no distrito industrial que os operários realizavam as suas celebrações. Posteriormente é que estes mesmos operários acabaram por diversificar suas atividades devido às dinâmicas já relatadas anteriormente, mas, os vínculos imateriais permaneceram e permanecem vivos até os dias de hoje, quer seja através do nome que foi atribuído à paróquia do Jardim Eldorado: São José Operário, ou ainda através das falas das pessoas com quem tive a oportunidade de conversar que sempre acabam retornando à estaca zero, ou seja, a indústria e seu importante papel para o surgimento do bairro. Diante disto pode se observar que o processo de origem do bairro e dos elementos que o compõem, tem uma estreita relação com aquele contexto de “introdução” das indústrias no cenário regional.



**Mosaico de fotos 3: Algumas igrejas do bairro.**

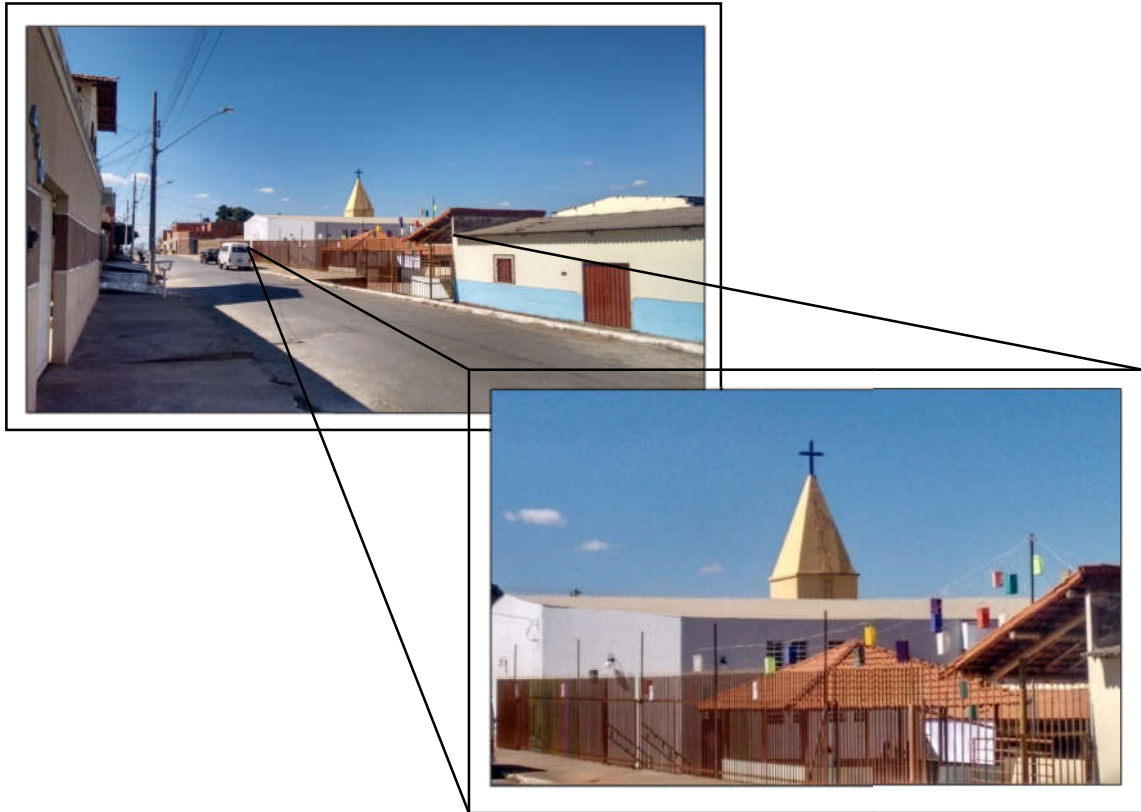


**Autor:** SANTOS, D. S. 2017.

\* No sentido horário a partir do topo: Congregação Cristã no Brasil, Ministério Pentecostal Renascer da Glória de Deus, Igreja Católica, Ministério Pentecostal Primitiva, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Batista, Assembleia de Deus (no centro da imagem).

É importante realçar ainda, que as tradições rurais é também algo que acabou por contribuir para com a construção do perfil identitário do bairro, pois, a partir do momento que este lugar, que foi basicamente constituído por migrantes, absorve e valoriza suas tradições, ele está constituindo e fortalecendo sua própria essência.

**Figura 21:** Praça de eventos da paróquia São José Operário atualmente.



**Autor:** SANTOS, D. S. 2017.

Outro evento festivo organizado pela Igreja Católica é o Festival da Mandioca, realizado no mês de Junho, e que este ano está em sua segunda edição, e de acordo com alguns dos moradores é algo novo, mas que veio para somar, culturalmente falando, pois é uma oportunidade para reviver alguns sabores do campo literal e figuradamente falando, pois como me disse o senhor Donato “*Estas coisas que a gente fazia antigamente tinham perdido a tradição, mais hoje as pessoas tá revivendo isso de novo, me faz lembrar daquela época boa*”. É importante reconhecer o papel da igreja católica no que tange à construção da identidade do lugar, haja vista que através de iniciativas como a realização de festividades com uma temática que remete ao meio rural e/ou seus costumes, ela contribui diretamente para que este processo de tessitura do perfil identitário acabe sendo fortalecido.

Em outro momento, em diálogo com o senhor Marcílio, foi possível notar que o mesmo enfrentou diversos dissabores, por assim dizer, até se estabilizar e conseguir uma melhor condição de vida no bairro. Dentre as diversas lembranças que ele compartilhou comigo, uma das que muito me chamou a atenção foi quando ele disse que antigamente existia um certo preconceito por parte das pessoas quanto à ideia de fixar residência no bairro, pois, para muitos aquela região era, nas palavras dele “*muito afastada do centro da cidade*”, “*perigosa*” e “*tinha muita violência e crime*”. Entretanto, como ele próprio faz sempre questão de reiterar, o bairro tinha e tem problemas, mas mesmo diante disso “*existe muito respeito entre os moradores, independente das atividades que desenvolvem, condição social, local de moradia ou instrução*”<sup>36</sup>. Segundo ele, para viver de bem com todo mundo, faz-se necessário tratar todos de igual para igual, sem distinções.

No decorrer das falas dos moradores ficou claro que a vida dos mesmos, quando no início da criação do bairro, era bem regrada e com muitos desafios e dificuldades a serem superadas cotidianamente. Coisas que iam desde a moradia até serviços básicos e acesso a recursos como água e energia, para serem conseguidos era com muita dificuldade. Então, já por estes motivos observa-se que estas pessoas possuem muita força e perseverança, pois hoje, quarenta e sete anos depois do surgimento do bairro, elas não se abateram e continuam na luta por melhorias para suas vidas.

*Pois é, o bairro aqui começou na decadência, demorou demais pro pessoal construir tudo, porque o pessoal que comprava os lote aqui num tinha dinheiro pra construir imediatamente. Então aqui a gente sabe a dificuldade que foi, que o bairro começou a dificuldade que o povo viveu aqui, sem água. minha água eu trouxe lá da esquina lá embaixo. Então as coisas eram muito difícil, energia era difícil também, o poste que tinha aqui era em Minervina, lá embaixo no meio do quarteirão, só tinha aquele. Pra cá não tinha um poste aqui, não tinha nada. Quando eu vim para cá eu num tinha energia não, depois que eu consegui montar um padrão, tudo era difícil. Ai eu montei um padrão, medi, deu trinta metros, fiz requerimento e botei meu padrão lá no cantinho. Naquele tempo era difícil demais. Ó, a estrada véia que era dos tropeiro, dos Carreiros de boi que trazia a produção aqui pra cidade ela passa nesse portão meu aí, entre o portão e o poste. Era uma estrada Funda, um canal dessa fundura que passava aí. Aquilo era tudo casco de cavalo, e roda de carro de boi, que naquele tempo os carro de boi tinha a roda estreita e ferrada, e aquilo cavacava terra né?. Eu aterrei ela quando eu mudei para cá. A única coisa*

---

<sup>36</sup> Apenas fazendo um adendo no que tange à filosofia do respeito mútuo pregada por seu Marcílio, durante um tempo que vivi no bairro entre os anos de 2011 e 2013, que em qualquer canto do bairro, de norte a sul, e de leste a oeste, praticamente todas as pessoas que tive contato conhecem e tecem elogios ao senhor Marcílio, e usam o seu comércio como ponto de referência, além disso, no dia em que tive essa última conversa com ele, pude presenciar a seguinte cena: estávamos em frente à casa de dona Cristina, conversando, e a narrativa dele era interrompida a todo momento, pois todas as pessoas que passavam na rua, desde mais jovens até os mais velhos, ora cumprimentavam ele ou vice e versa, corroborando o fato de que ele é sim uma pessoa muito benquista naquele meio.

*que tinha aqui era só mato, as coisa que mais tinha era Malícia e Priquiteira<sup>37</sup>. Hoje eu vou falar uma coisa pra você, cê vai em qualquer bairro distante que num tem nem asfalto, mais cê já vê a rede de água, rede de de luz já chegou, já faz parte do projeto. E outra coisa, as edificação é tudo boa, tudo grande, porque o cara hoje tem que fazer uma sala grande, o quarto tem que ser grande, e a cozinha tem que ser grande, então a casa tem que ser grande. E naquele tempo cê punha numa sala era um banco, nem cadeira, cadeira era pro rico, o pobre era banco. O quarto era uma cama só, naquele tempo uma cama num tinha padrão, uma cama de casal era da largura que dava para deitar dois, num é as de hoje não. Outra coisa, na cozinha era uma prateleira de madeira que usava, e um fogão de lenha, quem podia comprava um fogão a gás. Então as cozinha era pequena, os quartos era pequeno, a sala também era muito pequena.* (Senhor Marcílio, Maio de 2017).

Hoje, porém, o senhor Marcílio afirma todo orgulhoso que “*comeu o pão que o diabo amassou, mas valeu a pena, hoje eu tenho até um conforto*” e completa dizendo que se fosse necessário passaria por tudo novamente, numa clara afirmação dos laços construídos.

Destarte, ao traçar uma analogia entre a dimensão passada e presente do bairro Jardim Eldorado, as mudanças que ocorreram de lá para cá é claramente passível de observação. Os próprios sujeitos que narraram uma parte da história deste lugar, fazem questão de reafirmar constantemente estas modificações, que para eles a maioria destas são de caráter positivo e evidentemente benéfico. Mas eles também deixam claro que ainda existe muita coisa para ser feita e mudada, reforçando o fato de que os lugares são elementos que não estão nunca “acabados”, pois eles refletem um constante e complexo dinamismo da própria sociedade que abriga.

---

<sup>37</sup> Malícia (*Mimosa pudica*) e Periquiteira (*Trema micrantha*): Espécies de plantas típicas da região.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O bairro Jardim Eldorado foi aqui tratado dentro de diferentes abordagens, de modo que os questionamentos tomados como nucleares desta pesquisa fossem respondidos de maneira satisfatória.

As discussões trafegaram entre os significados e significâncias do lugar(es), entremeando àquelas abordagens relacionadas às distintas “morfologias” da memória, bem como as formas de acesso à mesma por parte daquele indivíduo que será o resgatador de lembranças, indivíduo este que possui certa semelhança com os *Aedos* da Grécia Antiga, estes últimos, poetas, cantavam os feitos dos heróis de época cultuando a deusa da memória *Mnemosyne*, já mencionada anteriormente, e mantinham vivas as mais diferentes epopeias através da oralidade. Essas semelhanças entre os sujeitos ouvidos nos trabalhos de campo e os *Aedos* são várias, um exemplo é a forma que o sujeito ao narrar suas histórias e vivências transita entre a realidade propriamente dita e uma forma poética carregada com um sutil toque de nostalgia. Outra similitude é a forma como as memórias são mantidas vivas e passíveis de se perpetuarem, através das conversas nota-se ainda o desejo dos sujeitos de compartilhar aquelas experiências que até então eram só deles.

Ao longo do desenvolvimento dos três capítulos que constituem esta pesquisa foi possível ir, na tentativa de fazer uma abordagem que englobasse o maior número de elementos distintos possíveis, vislumbrando novas óticas e fazendo a adição de novos atributos no cerne das discussões, para que o resultado final possuísse um caráter o mais amplo e condizente com a realidade possível.

No primeiro capítulo foram retomadas algumas discussões fundamentais para o entendimento deste sistema complexo e dinâmico denominado de bairro, a exemplo daquelas que dizem respeito ao(s) lugar(es), o que inclui sua gênese, seu funcionamento, seus constituintes, suas diferentes tipologias dentre outros aspectos. E ainda, foi colocado em pauta o tema “memória”, esta que, juntamente com suas diversas “ramificações”, foram cruciais e basilares para o entendimento e desenvolvimento das discussões posteriores.

Já o segundo capítulo visou fazer uma discussão acerca das relações que existem entre o binômio indústria-bairro, no intuito de analisar além do óbvio, e compreender o grau de influência deste primeiro elemento para com o segundo.

E, por fim, o terceiro capítulo objetivou traçar uma análise da história do lugar, a partir da ótica daquelas pessoas que ali vivem, para assim tentar entender de forma mais completa e holística possível esta teia de componentes que se ajuntam, ajustam e se complementam de um modo dinâmico, para dar forma a este microcosmo conhecido como bairro.

Uma das etapas relevantes para a elaboração desta pesquisa foram os trabalhos de campo, pois, naturalmente quando no momento de transpor algumas das teorias previamente analisadas, e começar o processo de imersão na realidade propriamente dita, há um certo “choque”. Isto porque o pesquisador possui algumas ideias e conceitos pré-estabelecidos que vão sendo incrementados ou até mesmo substituídos ao longo das conversas e contatos com os agentes. Lacoste (2006, p.91) afirma que “O trabalho de campo, para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável.”

Pode se dizer que sim, a relação de causalidade indústria-bairro é explicitada através de distintas formas, como por exemplo nas narrativas dos sujeitos que retornam hora ou outra à este ponto. A construção deste lugar denominado de Jardim Eldorado permeou trajetórias de vida, congregou elementos políticos e é resultante de rearranjos de dinâmicas regionais que culminaram no estabelecimento de novas configurações dos *locus* de modo multiescalar.

É importante também salientar a influência da religiosidade católica no contexto de formação identitária do bairro, mesmo diante da disseminação das igrejas protestantes, que apesar de serem em maior número acabam não tendo o mesmo grau de influência. A Igreja católica busca reafirmar sua presença de diversas maneiras, como através da realização de eventos que perpetuam tradições originárias do bairro. A igreja católica também fez questão de deixar em evidência esse elo, material e imaterial, tecido entre ela e a indústria pois, como foi confirmado pelo próprio pessoal da paróquia, optou-se pela escolha de um nome para a igreja que sugerisse a existência de laços estabelecidos entre comunidade-indústria: São José Operário.

Com relação à questão do confronto entre o discurso institucionalizado e o daqueles sujeitos que moram no Jardim Eldorado também merece ser destacado, uma vez que as duas versões são caracterizadas como antagônicas. De um lado o discurso da indústria reafirma que sempre prezou pelo bem estar de seus trabalhadores, que as condições de trabalho no interior da mesma desde o início de sua operação eram saudáveis e que sempre mantiveram e mantêm seu compromisso com a sociedade no que diz respeito à mitigação dos impactos ambientais causados por suas atividades. Ela também afirma estar em conformidade com as legislações

dos mais diferentes órgãos competentes. Do outro lado, os moradores afirmam que as condições de trabalho não eram boas, o ambiente era fisicamente insalubre pelo calor e trabalho exaustivo e muitas vezes ininterrupto. Afirmam também que o discurso da indústria não condiz com a realidade, uma vez que esta, segundo eles, visa apenas o lucro sem se preocupar com as consequências e impactos negativos que suas atividades acarretaram e acarretam tanto no bairro quanto no ambiente de forma geral.

Por fim, esta pesquisa revela que atualmente a dinâmica de interdependência entre indústria-bairro rompeu-se, em função principalmente da indústria deixar de se configurar como agente absorvedor de grandes quantidades de mão de obra dos moradores do bairro. Ela tornou-se mais seletiva e colocou como prioridade, diferentemente daquele período em quem estava iniciando as suas operações, o nível de escolaridade de seus funcionários. Consequentemente o bairro que possuía vínculos muito bem estabelecidos com aquela indústria acabou, em função da necessidade, rompendo-os e com isso ocorreu a diversificação de atividades dos moradores, alguns trabalham em outras atividades fora do bairro e outros começaram a desenvolver atividades comerciais no seu interior, passando a contar com padarias, frutarias, mercearias, mercados, farmácias dentre outras, ou seja, nos presentes dias, como os moradores fazem questão de frisar, “*agora nós tá no centro*”.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores). p. 182-355. Título original: *La poétique de l'espace*.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, v.1, p.197- 221.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 11.ed. São Paulo: Cia das Letras, 2004. 484p.

BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. *Industrialização na área mineira da SUDENE - Um estudo de caso*: Montes Claros. Montes Claros: Editora Unimontes, 2008. 128 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória/sertão* – cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. São Paulo: Editorial Cone Sul, Editora da Universidade de Uberaba, 1998. 312 p.

BRASIL. Decreto nº 60.535, de 6 de Abril de 1967. Dispõe sobre a importação de equipamentos por parte da Companhia Materiais Sulfurosos – MATSULFUR. Diário Oficial da União. Brasília, 10 Abr. 1967. p. 4129.

BRASIL. Decreto nº 66.325 - de 16 de Março de 1970. Dispõe sobre a concessão da outorga à MATSULFUR para lavrar calcário. Diário Oficial da União. Brasília, 17 de Mar. 1970, p. 2017.

BRASIL. Decreto nº 80.205, de 22 de Agosto de 1977. Concede à Cia. Materiais Sulfurosos - MATSULFUR o direito de lavrar calcário e argila no Município de Montes Claros, Estado de Minas Gerais. Diário Oficial da União. Brasília, 23 de Ago. de 1977, Página 11067.

BRASIL. Conselho de Desenvolvimento. GTDN. *Uma política de Desenvolvimento para o Nordeste*. 2 ed. Recife, SUDENE, 1967. 92 p.

BURNS, Edward Mcnall. *História da civilização ocidental*. 2. Ed. São Paulo, Porto Alegre: Editora Globo, 1972. 717p.

CAVALIERI, Sérgio. O caso Asamar. In: MIGUELES, Carmen; ZANINI, Marco Tulio (Org.). *Liderança baseada em valores: Caminhos para a ação em cenários complexos e imprevisíveis*. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. Cap.8. p.169-188.

CARLETTI, Anna. Ascensão e Queda dos Estados Pontifícios. *Conjuntura Austral*. v. 1, n. 1,1-14, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2007, 85p.



CNI. Caderno Setorial da Confederação Nacional da Indústria. *Indústria brasileira de cimento: base para a construção do desenvolvimento / Confederação Nacional da Indústria*. Associação Brasileira de Cimento Portland. – Brasília : CNI, 2012. 58 p.

CUNHA, Maria das Graças Campolina. *Gameleira, sertão Norte de Minas Gerais: um olhar feminino sobre o feminino camponês*. 2013. 315 f. Tese (doutorado)-Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Programa de pós-graduação em Geografia, 2013.

DE AQUINO, Maurício. Memória e temporalidade no ensino de história: Questões conceituais e possibilidades metodológicas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA. 7. 2015. Maringá. [*Anais eletrônicos do VII Congresso Internacional de História*] Maringá: UEM, 2015. p. 2531- 2544 Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1380.pdf> Acesso em: 27/08/2016.

DE PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha. *Integração dos Migrantes Rurais no Mercado de Trabalho em Montes Claros, Norte de Minas Gerais: "A Esperança de Melhoria de Vida"*. 2003. 150 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, 2003.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Introdução: Rizoma*. In: DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)* Vol. 1 Editora 34, 1ª Ed. (1995). Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Revista Historia oral*, v. 6, p. 9-25, 2003.

FEAM. Federação Estadual de Meio Ambiente. *Análise Técnica e Ambiental da Utilização de Resíduos Sólidos Urbanos na Produção de Cimento (coprocessamento)*. Belo Horizonte: Feam, 2010. 38 p.

FEMC. Fundação Educacional de Montes Claros. Histórico. Disponível em: <http://www.femc.edu.br/portal/femc/pagina/49-historico> Acesso em: 12/03/2017.

GALHARDO, Pedro Gutierrez. Estudo da produção de cimento com ênfase no classe G. Disponível em: <http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10012107.pdf> Acesso em: 16/02/2017.

GAMA, Maria das Graças Campolina Cunha. *Água, Vereda, Veredeiro: Um estudo sobre as agriculturas camponesa e comercial, nas cabeceiras do rio Formoso, em Buritizeiro-MG*. 2006. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

GAZETA Norte mineira. Disponível em: <http://www.gazetanortemineira.com.br/uploads/20-2-2017/voz-da-comunidade-20-2-2017.pdf> Acesso em: 05/04/2017.

GOMES, Fernanda Silva. *Discursos Contemporâneos sobre Montes Claros: (re) estruturação urbana e novas articulações urbano-regionais*. 2007. 182f. Dissertação (Mestrado em

arquitetura e urbanismo) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

GRATÃO, Lúcia Helena B. ARCHELA, Rosely Sampaio. TROSTDORF, Maria A. S. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. *Geografia – Londrina*. vol.13 n.1 jan./jun. 2004. p.127-142.

GROSSI, Yonne. FERREIRA, Amauri. Razão narrativa: significado e memória. *História Oral* (4). São Paulo: ABHO, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. 133 p. Título original: La Memoire Collective.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha. *Memórias de morte e outras memórias: Lembranças de velhos*. 2008. 284 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2008.

HOLCIM. Disponível em:

[http://www.lafarge.com.br/wps/portal/br/7\\_1-Releases?WCM\\_GLOBAL\\_CONTEXT=/wps/wcm/connect/lib\\_br/Site\\_br/AllPR/2009/PressRelease\\_1437663364703/PR](http://www.lafarge.com.br/wps/portal/br/7_1-Releases?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/wps/wcm/connect/lib_br/Site_br/AllPR/2009/PressRelease_1437663364703/PR)

Acesso em: 15/01/2017

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril, 1978

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. 4.ed. ver. ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 218p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=314330>

Acesso em: 11/02/2017

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015164811202013480105748802.pdf>

Acesso em: 13/03/2017.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2006.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. In: *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, nº 84, p. 77-92, 2006.

LAFARGE. Relatório Social e Ambiental - Unidade Montes Claros.

Disponível em:

[http://www.madelgroup.com.br/UserFiles/files/rel2003%25202004\\_mclaros.pdf](http://www.madelgroup.com.br/UserFiles/files/rel2003%25202004_mclaros.pdf)

Acesso em: 14/04/2017.

LEAL, Adílio Alves. PEREIRA, Anete Marília. *Espacialização dos imigrantes na cidade de montes claros a partir de análises do censo demográfico de 2010*. In: Congresso em Desenvolvimento Social, 5, 2016, Montes Claros. *Anais do V Congresso em Desenvolvimento Social*. Montes Claros, 2016. p. 1-23.

LEITE, Marcos Esdras. Geotecnologias aplicadas ao estudo do espaço urbano: o caso da especulação imobiliária em Montes Claros/MG. *Revista Cerrados*, Montes Claros, n.1, v. 4, p.69-80. jan./dez. 2006.

LEITE, Marcos Esdras. *Geotecnologias aplicadas ao mapeamento do uso do solo urbano e da dinâmica de favela em cidade média: O caso de Montes Claros/MG*. 2011. 287 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2011.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. Tradução de Lúcia Haddad e Marina Maluf. São Paulo: PUC-SP, 1998. 201 p. Título original: How we know the past.

MAIA, Tatiana da Silva. LEITE, Marcos Esdras. Da industrialização a favelização: Considerações sobre a favela Vila Alice na cidade de Montes Claros – MG. In: Encontro de Geógrafos da América Latina. 11. 2015. Havana. *[Eletrônico] Memórias de los Encuentros Geográficos de América Latina*. Havana. 2015. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal11/Geografiasocioeconomica/GeografiaIndustrial/08.pdf>  
Acesso em 14/03/2017.

MACHADO, Ângelo. *O velho da montanha: uma aventura amazônica*. São Paulo: Melhoramentos. 1996. 100 p.

MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.) *Qual o Espaço do Lugar?* Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012. 328p.

MARRECO, Maria Inês de Moraes. Helena Morley: O olhar e a memória. In: Seminário Nacional Mulher e Literatura. 12. 2007. Ilhéus. *Anais do XII Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Ilhéus: UESC, 2007. p. 1-9.

MELLO, João Baptista Ferreira de. *O triunfo do Lugar sobre o Espaço*. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.) *Qual o Espaço do Lugar?* Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012. 328p.

MONTES CLAROS. Prefeitura Municipal - Administração Regional Sub-prefeituras. *Secretaria de coordenação política e ação comunitária – Territorialização*. 2010. 22 p. Disponível em: [http://www.montesclaros.mg.gov.br/desenvolvimento%20economico/div\\_tur/downloads/regionalizacao.pdf](http://www.montesclaros.mg.gov.br/desenvolvimento%20economico/div_tur/downloads/regionalizacao.pdf)  
Acesso em: 10/02/2017.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.) *Qual o Espaço do Lugar?* Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012. 328p.

OLIVEIRA, Evelina Antunes Fernandes de. *Nova cidade, velha política*. Um estudo de poder sobre Montes Claros. 1994. 144 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciência Política) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

PENNA, João Delco Mesquita. *Santa da Pedra, Romaria e Devoção Popular* [online]. Disponível em: <http://www.metro.org.br/padre-joao-delco-mesquita-penna/ii-santa-da-pedra-romaria-e-devocao-popular>  
Acesso em: 15/09/2016.

PEREIRA, Laurindo Mékie. LOPES, Irineu Ribeiro. Experiências e vivências dos trabalhadores da Companhia de Materiais Sulfurosos S.A-MATSULFUR de Montes Claros - MG (1969-1994). *Revista Semina*. v. 13, n. 1, p.286-301, 2014.

PEREIRA, Laurindo Mékie. Montes Claros anos 50: entre a esperança e a frustração. *Unimontes Científica*, Montes Claros, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2001.

PROCHNIK, Victor; PEREZ, Adriana; SILVA, Carla MS. A globalização na indústria de cimento. **Rio de Janeiro**, 1998. Disponível em:  
[http://www.ie.ufrj.br/images/cadeias\\_produtivas/a\\_globalizacao\\_na\\_industria\\_do\\_cimento.pdf](http://www.ie.ufrj.br/images/cadeias_produtivas/a_globalizacao_na_industria_do_cimento.pdf)  
Acesso em: 11/01/2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do ‘indizível’ ao ‘dizível’. *Ciência e Cultura*, Campinas, n. 3, v. 39, p. 272-286. 1987.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 80. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. 144 p.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência do Lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.) *Qual o Espaço do Lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012. 328p.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François et al. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SANTOS, Antônio Cesar de Almeida. Fontes Oraís: testemunhos, trajetórias de vida e história. Paraná: UFP, 2008. 11p.  
Disponível em:  
<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhostrajetoriasdevidaehistoria.pdf>  
Acesso em: 16/09/2016.

SASAKI, Karen. A contribuição da geografia humanística para a compreensão do conceito de identidade de lugar. *Revista de Desenvolvimento Econômico*, v. 12, n. 22, 2010.

SERPA, A., org. *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008. 426 p.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

TUAN, Yi Fu. *Space and place: Humanistic Perspective*. In: GALE, Stephen. OLSSON, Gunnar. (orgs.). *Philosophy in Geography*. Dordrecht : Reidel, 1979, p. 387-427.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.